

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE ENGENHARIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM AMBIENTE CONSTRUÍDO

Patrícia de Moura e Silva Toledo

O DESIGN DE INTERIORES EM HOSTELS:
manifestações da individualidade em quartos compartilhados de hostel

Juiz de Fora
Abril de 2017

Patrícia de Moura e Silva Toledo

O DESIGN DE INTERIORES EM HOSTELS:

manifestações da individualidade em quartos compartilhados de hostels

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ambiente Construído.

Orientador: Prof. Dr. Frederico Braidia Rodrigues de Paula
Coorientador: Prof. Dr. Antonio Ferreira Colchete Filho

Juiz de Fora
Abril de 2017

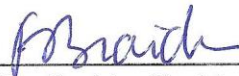
Patrícia De Moura E Silva Toledo

**O DESIGN DE INTERIORES EM HOSTELS:
manifestações da individualidade em quartos compartilhados de hostels**

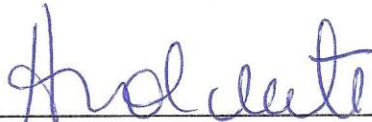
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ambiente Construído.

Aprovada em 24 de abril de 2017

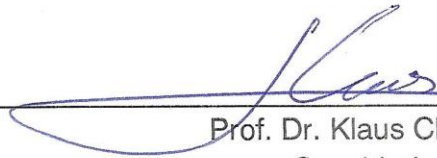
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Frederico Braida, Rodrigues de Paula
Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dr. Antonio Ferreira Colchete Filho
Coorientador
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dr. Klaus Chaves Alberto
Convidado interno
Universidade Federal de Juiz de Fora



Profa. Dra. Marcia Moreira Rangel
Convidado externo

Dedico este trabalho à Flora e ao Jairo, meus pais e à querida vovó Hilda.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao estimado e querido orientador Prof. Dr. Frederico Braida, pela dedicação, constante suporte e incentivo que tornaram este trabalho possível – sempre tão presente e solícito quando mais precisei.

Agradeço também ao meu coorientador, Prof. Dr. Antonio Colchete, pelo estímulo, afeto, dedicação e acompanhamento dado à pesquisa. Muito grata pelos preciosos conselhos que foram fundamentais no decorrer da pesquisa.

À Pró-reitoria de Pesquisa da UFJF (PROPESQ) e à Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pelo apoio ao desenvolvimento da pesquisa através da bolsa concedida.

Minha gratidão a todos os funcionários da Universidade Federal de Juiz de Fora. Do PROAC, Fabiano, Lília, sempre tão solícitos e dispostos a ajudar nas questões burocráticas do dia-a-dia. À Maria Lucia Cunha Carmona, secretária do Comitê de Ética em Pesquisa Humana por todo conhecimento concedido com descomedida paciência.

Agradeço enormemente aos professores, que gentilmente aceitaram fazer parte da banca de defesa e que dedicaram seu tempo na leitura deste trabalho, cuja contribuição se torna fundamental no meu desenvolvimento como jovem pesquisadora a partir de suas cuidadosas observações e generosas críticas diante desta dissertação.

A todos os funcionários e proprietários do In.Joy Hostel, Santa Terê Hostel e Discovery Hostel, pela hospitaleira acolhida. Foram dias de muita alegria, essenciais para a realização deste trabalho. Agradeço pela cordialidade com que me trataram após a pesquisa de campo, na busca por materiais e conteúdos necessários para a elaboração desta dissertação. Sem vocês, esta pesquisa não seria possível.

Aos companheiros dos grupos de pesquisa LEAUD, Intra e Ágora, pelas constantes e estimulantes discussões que muito enriqueceram este trabalho e a mim, como pessoa e profissional.

A Jefferson Steiner, gentil companheiro de todas as horas, sempre com um sorriso, uma xícara de café ou chá e abraços afetuosos, sempre necessários.

A todos os amigos que a vida me deu a oportunidade e a sorte de fazer, aqui representados por Flávia Maria Ávila dos Santos e Fabrício Souza Dias, companheiros de mestrado, sempre presentes e fundamentais em todo o processo.

À querida prima Profa. Dra. Soraya Silveira Simões, toda minha admiração, minha maior incentivadora no caminho para a vida acadêmica, fundamental ao longo destes dois anos. Grata às razões afetivas e intelectuais que nos ligam por toda a vida.

Aos meus dois grandes companheiros de vida, meus irmãos. A Gustavo de Moura e Silva Toledo, por todo amor e valiosos conselhos; você, que me deu o mais precioso presente desse período, minha sobrinha Antonella Cambraia Toledo, que tornou o dia-a-dia desta jornada mais suave. À minha querida irmã, Paula de Moura e Silva Toledo, pelo exemplo, amor, atenção e cuidados destinados a mim.

Finalmente, aos meus queridos e amados pais, Jairo Furtado Toledo e Flora Lucia Moura e Silva de Toledo, pelos grandes exemplos, além de todo amor, apoio incondicional, incentivo, confiança e atenção. Sem eles, nada disso seria possível.

“Primeiro nós moldamos os edifícios e depois eles nos moldam”
(CHURCHILL, [s.d.] apud OKAMOTO, 2014, contracapa)

RESUMO

Esta dissertação discorre a respeito da manifestação da individualidade no espaço do quarto compartilhado de hostel, a partir dos conceitos e fundamentos do design de interiores aplicados. A pesquisa foi motivada pelo questionamento: “como se manifesta a individualidade nos quartos compartilhados de hostel e quais os elementos do design de interiores são responsáveis por potencializarem esta manifestação? ” Portanto, teve-se como principal objetivo, compreender como se dá a individualidade no espaço do quarto compartilhado de hostels. Tratou-se de uma pesquisa de natureza básica, exploratória e de caráter qualitativo quanto à abordagem do problema. A coleta de dados se deu tanto a partir de um levantamento bibliográfico quanto de uma pesquisa de campo. Ao final da pesquisa, constatou-se que a utilização do design de interiores, através de categorias como, mobiliário, leiaute e equipamentos, contribui diretamente na delimitação e identificação da manifestação da individualidade nos quartos compartilhados de hostels. Sobretudo, identificamos o habitáculo da cama como o elemento de maior representatividade da manifestação da individualidade. Além de se apresentar como um importante instrumento para compreensão da dinâmica entre indivíduo e espaço.

Palavras-chave: Hostel; Design; Arquitetura; Interiores; Mobiliário.

ABSTRACT

This dissertation discusses shared rooms individuality space, that is revealed in a hostel, from concepts and fundamentals of interior design. The research was promoted by the request: "how individuality is shown in hostel shared rooms and which elements of interior design are able to stimulate this demonstration?" To understand how the individuality in hostel shared rooms is shown, is the principal aim of this research. It is a basic and quality feature task, related with the approaching. The data collection took place from a bibliographic survey as well a field research. At the end, we come to a conclusion that the delimitation and identification showing individuality, is stimulated directly, by the usage of the interior design concepts and theories through elements as furniture, layout and equipment in hostel shared rooms besides revealing an important appliance to have individual dynamic comprehension.

Keywords : Hostel; Design; Architecture; Interior; Furniture.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Esquema de observação incorporada.....	22
Figura 2: Mapa metodológico da pesquisa.....	24
Figura 3: Dimensões humanas	26
Figura 4: Espaço pessoal.....	29
Figura 5: Gráfico de distâncias.....	30
Figura 6: Esquema de reação do homem perante a realidade	33
Figura 7: Primeiro hostel do mundo em Altena, Alemanha.	39
Figura 8: Cartaz da primeira grande campanha do movimento alberguista no Brasil, realizada em 1987, pela Embratur, na gestão do presidente João Doria Jr.	43
Figura 9: Perfil do Turista que se hospeda em hostel	44
Figura 10: Alojamento EPCAR em Barbacena/MG.	53
Figura 11: Quarto Lar da Criança Padre Franz Neumair.....	54
Figura 12: Quarto Lar da Criança Padre Franz Neumair.....	55
Figura 13: Quarto Lar da Criança Padre Franz Neumair.....	55
Figura 14 e 15: Leitos do Hospital Colônia antes da superlotação	58
Figura 16: Quarto compartilhado de uma residência terapêutica.....	60
Figura 17: Foto de uma das celas do Manicômio Jorge Vaz.....	61
Figura 18: Enfermaria Hospital Maternidade Therezinha de Jesus em Juiz de Fora/MG	62
Figura 19: Quarto Canguru – Unidade Neonatal Santa Casa de Juiz de fora.....	62
Figura 20: Atributos Importantes	64
Figura 21: Mapa do Estado do Rio de Janeiro – em destaque, a cidade do Rio de Janeiro	68
Figura 22: Localização dos três bairros.....	70
Figura 23: Dimensionamento funcional quarto	73
Figura 24: Mapa do bairro de Botafogo	74
Figura 25: Fachada In.Joy Hostel.....	75
Figura 26: Quarto compartilhado In.Joy hostel.....	76
Figura 27: Piso Quarto Compartilhado In.Joy	77
Figura 28: Quarto Compartilhado In.Joy	78
Figura 29: Quarto compartilhado In.Joy hostel.....	82
Figura 30: Quarto compartilhado In.Joy hostel.....	83
Figura 31: Quarto compartilhado In.Joy hostel.....	83
Figura 32: Beliche quarto compartilhado In.Joy hostel.....	85
Figura 33: Luminária, tomada e prateleira individuais	86
Figura 34: Ganchos do beliche no quarto compartilhado In.Joy hostel	87
Figura 35: Aplicação das distâncias no quarto compartilhado In.Joy hostel	88
Figura 36: Localização do hostel no bairro Santa Teresa	90
Figura 37: Fachada Santa Terê Hostel	91
Figura 38: Planta baixa quarto compartilhado Santa Terê hostel.....	92
Figura 39: Vão do quarto compartilhado - Santa Terê hostel.....	93
Figura 40: Tesoura do telhado e porta fechadas em vidro - Santa Terê hostel.....	93
Figura 41: Quarto compartilhado Santa Terê Hostel.....	96
Figura 42: Quarto compartilhado Santa Tere Hostel.....	98
Figura 43: Quarto compartilhado Santa Terê Hostel.....	98

Figura 44: Aplicação das distâncias no quarto compartilhado Santa Terê.....	100
Figura 45: Localização do hostel no bairro Glória	102
Figura 46: Localização do hostel no bairro Glória	103
Figura 46: Planta baixa quarto compartilhado Discovery	104
Figura 47: Quarto Compartilhado Discovery Hostel	106
Figura 48: Quarto compartilhado Discovery Hostel.....	107
Figura 49: Detalhe quarto compartilhado Discovery Hostel	108
Figura 50: Quarto compartilhado Discovery Hostel.....	110
Figura 51: Aplicação das distâncias no quarto compartilhado Discovery Hostel.....	110
Figura 52: Identificação das categorias de análise em um quarto compartilhado ...	116
Figura 53: Analogia do habitáculo da cama como unidade habitacional.....	119
Figura 54: Diagrama sínteses dos elementos que marcam a manutenção da individualidade.....	120

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
APAJ	Associação Paulista De Albergues Da Juventude
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
TCLE	Termo de Consentimento Livre
CFOAv	Curso de Formação de Oficiais Aviadores
AFA	Academia da Força Aérea (AFA).
EPCAR	Escola Preparatória de Cadetes do Ar
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
PRJ	Prefeitura do Rio de Janeiro
APAC	Área de Proteção do Ambiente Cultural
MDF	Medium Density <i>Fiberboard</i>

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1 Contextualização do tema.....	14
1.2 Problema.....	16
1.3 Hipótese	17
1.4 Objetivos	17
1.5 Metodologia.....	18
 2. O ESPAÇO DO INDIVÍDUO E DO COLETIVO.....	25
2.1 As distâncias entre o público e o privado	27
2.2 O espaço físico e a percepção espacial.....	31
2.3 A individualidade nos espaços compartilhados.....	34
 3. HOSTEL E QUARTOS COMPARTILHADOS: ENTRE O INDIVÍDUO E O COLETIVO.....	37
3.1 Quartos como espaços da intimidade	49
3.2 Os diferentes espaços de dormir compartilhados	51
3.3 Quartos compartilhados de hostel e o design de interiores	62
 4. TRÊS ESTUDOS DE CASO DE QUARTOS COMPARTILHADOS EM HOSTELS.....	68
4.1 In.joy hostel	74
4.2 Santa Terê hostel.....	89
4.3 Discovery Hostel	101
 5. A MANIFESTAÇÃO DA INDIVIDUALIDADE NOS QUARTOS COMPARTILHADOS DE HOSTELS.....	112
5.1 O mobiliário, leiaute e equipamentos do quarto compartilhado.....	114
5.2 A cama como o habitáculo: manifestação da individualidade no ambiente ..	117
5.3 A individualidade projetada X subversões do projeto pelo uso	121
 CONCLUSÃO	123
 REFERÊNCIAS.....	125
 APÊNDICES	

1. | INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização do tema

Hostel, também conhecido como pousada da juventude ou albergue, é um tipo de alojamento de caráter econômico, onde os hóspedes podem alugar uma cama, geralmente do tipo beliche, em um dormitório e partilhar espaços como banheiro, sala de estar e, quase sempre, a cozinha (APAJ, [s.d.]). Normalmente, estão localizados em áreas centrais ou próximas a polos turísticos e de serviços, como estações de transporte público. Geralmente, oferecem diferentes formas de acolhida, entre quartos coletivos e privados. Os quartos coletivos podem ser unissex ou não, e também existe a opção do quarto privativo, tendo este um custo mais elevado do que os compartilhados. Hostels são, normalmente, mais baratos do que os tradicionais hotéis e pousadas, tanto para o operador quanto para os hóspedes, pois o espaço do quarto é compartilhado com outros usuários, o que diminui o custo da diária e possibilita a hospedagem de um número maior de pessoas com a mesma infraestrutura.

Em alguns países, como Inglaterra, Irlanda, Índia e Austrália, a palavra *hostel*, por vezes, também se refere a estabelecimentos que oferecem alojamento a longo prazo, muitas vezes para categorias específicas, como enfermeiros, viciados em drogas ou réus judiciais. Na Índia, Paquistão e África do Sul, o termo também se refere a internatos ou dormitórios estudantis em faculdades e universidades residentes. Nas outras partes do mundo, a palavra *hostel* refere-se principalmente às propriedades que oferecem acomodação compartilhada para turistas ((ANDRADE; BRITO; JORGE, 2002).

A pesquisa em hostel abordou temas relacionados a este ambiente construído, como o design de interiores e as questões relativas aos sentidos humanos, como tato, olfato, visão e audição¹, além das sensações obtidas por eles ao adentrar uma edificação. Graças a esse contato, são enviadas imediatamente mensagens ao cérebro e, de acordo com experiências já vivenciadas em outros ambientes por cada indivíduo,

¹ Optou-se nesta pesquisa pelo descarte do sentido do paladar. Pois, dificilmente é ativado na experiência de se habitar em um quarto compartilhado.

são analisadas. Isso gera uma reação psicológica a partir da qual podemos identificar relações de proporção e equilíbrio dos espaços, a partir de diversos estímulos (COLES; HOUSE, 2008), dado relevante para a compreensão do comportamento humano no quarto compartilhado de hostel.

Foram discutidos também temas adjacentes ao design de interiores, como o design de mobiliário que, segundo Booth e Plunkett (2015, p.6), “(...) deve ser mais sensível que o exterior de qualquer edificação, pois os usuários mantêm um contato visual e físico direto com os móveis e vivenciam sua eficiência prática e sua linguagem estética”. A partir disso, entendeu-se que o mobiliário é parte fundamental na elaboração de projetos de hostels, especialmente no que diz respeito a quartos compartilhados. Igualmente foram abordadas questões relativas ao indivíduo, à sua individualidade e à sua relação com o espaço, seja ele público, social ou privado, e ainda, qual o papel do arquiteto na elaboração desses espaços e de quais recursos lança mão para diferenciá-los em um projeto.

Ao fim do século XX e início do século XXI, observou-se um exponencial crescimento do mercado turístico nacional e sua importância no fomento socioeconômico do país (ANDRADE; BRITO; JORGE, 2002), bem como do design de interiores, em virtude do aumento na procura de cursos técnicos e de graduação, assim como eventos profissionais e comércio especializado na área (GUBERT, 2011). A partir deste cenário, destaca-se a importância da arquitetura e do design de interiores para a elaboração dos meios de hospedagem, principalmente na relação dos usuários com os ambientes projetados.

Uma das explicações para o aumento do comércio turístico é dada por Andrade, Brito e Jorge (2002, p.9) quando afirmam que “a disparada do turismo nas últimas décadas do século XX é fruto de uma ampla teia que envolve novas dimensões nas áreas da comunicação e dos transportes mundiais, decorrentes da internacionalização das economias”. Foi então verificado o aumento do turismo, assim como o número de hostels no Brasil, sobretudo na cidade do Rio de Janeiro, em virtude de ter sido sede de dois eventos mundiais nos últimos cinco anos. Isso orientou a formação do recorte espacial da pesquisa, em função da proximidade geográfica que permitiu o deslocamento dentro dos limites de recursos disponíveis para a investigação.

Segundo Bachelard (2005, p.25), “todo espaço realmente habitado traz a essência de noção de casa e a casa é o nosso canto no mundo”. Logo, uma das justificativas para esta pesquisa refere-se à necessidade de se discutir a efemeridade

da estadia nos espaços de hospedagem e a relação do homem nos espaços projetados de uso público. De acordo com Coelho Netto (2002, p.38),

para o arquiteto o problema que se coloca aqui, de modo específico, é o de saber como, numa dada cultura se percebe um Espaço como sendo Privado e como se percebe um outro Espaço como sendo comum, quais os limites de um e outro, até que ponto um espaço pode ser entendido sem se ferir os Espaço Privados, até que ponto estes aceitam e permitem aqueles.

Desta maneira, tornou-se importante identificar por que há a necessidade de se individualizar em uma forma de hospedagem que é coletiva e partilhada. Além disso, resta estabelecer uma base sistemática e compreensível para o projeto de hostel no Brasil. Acredita-se que o aprimoramento, a reflexão e, principalmente, a proposição de práticas projetuais, ancorados à realidade contemporânea, de uma parcela da oferta de hospedagens, seja uma contribuição importante para o meio acadêmico e profissional.

Durante a pesquisa, foi possível confirmar a carência de conteúdo específico para projetos de interiores que levassem em consideração a relação dinâmica entre o indivíduo e o coletivo, bem como sobre a importância da utilização do design de interiores na promoção da individualidade nos quartos compartilhados. Parte-se da premissa de que o design de interiores proporciona soluções para os anseios e as necessidades das pessoas, com aspectos técnicos, estéticos, teóricos e criativos (GIBBS, 2014).

1.2 Problema

Segundo Puls (2009, p.529), o “conteúdo de consciência individual é dado pelos conteúdos da consciência coletiva”. A partir dessa informação, o quarto coletivo de um hostel é um exemplo da interação desses conteúdos. Nesse contexto, ressalta-se a ambiência encontrada em hostels, principalmente nos quartos coletivos, onde muitas vezes é preciso abrigar diferentes tipos de pessoas e garantir privacidade a cada uma delas, ainda que partilhando do espaço de dormir.

Visto isso, buscou-se responder à seguinte questão: **Como se manifestam as individualidades em quartos compartilhados e quais os elementos do design de interiores que potencializam a individualidade?**

1.3 Hipótese

Segundo Gibbs (2014), podemos considerar o design como um meio de expressão e criatividade, bem como de comunicação. Supõe-se que a arquitetura e o design de interiores possam ser responsáveis por transformar espaços e criar novos conceitos e tipologias. Dessa maneira, tem-se a premissa de que a individualidade se manifesta nos ambientes de ação individual projetados através do mobiliário. Sua inserção no espaço coletivo é definida pelo leiaute.

De acordo com Baudrillard (2008, p.22), “objetos e mobiliários existem para personificar as relações humanas”. Acredita-se que a ideia de privacidade em um hostel se manifeste por meio do mobiliário, elemento fundamental na composição dos espaços compartilhados e diretamente vinculado a questões funcionais e de conforto.

Andrade, Brito e Jorge (2014) afirmam que as questões de conforto devem ser observadas com cuidado, especialmente na elaboração dos quartos. Citam, por exemplo, a escolha de tipos adequados de luminárias e a localização para as diversas atividades possíveis no ambiente. Questões como o posicionamento de pontos elétricos, os equipamentos eletrônicos disponíveis e a escolha correta do mobiliário interferem na estadia do viajante.

1.4 Objetivos

O principal objetivo da pesquisa foi identificar e revelar as formas de manifestação da individualidade em quartos compartilhados, com vistas a gerar reflexões e insumos teóricos para projetos de interiores de meios de hospedagem cujos quartos são compartilhados.

Segundo Hall (2005), os espaços são formas fundamentais de organização das atividades de indivíduos e de grupos, “Ele inclui manifestações materiais, bem como projetos ocultos e internalizados que governam o comportamento enquanto o ser humano se movimenta por esta terra” (HALL, 2005, p. 128-129).

A partir do anseio de aprofundar o estudo sobre as manifestações das individualidades humanas em quartos compartilhados e de saber quais elementos são capazes de materializar a individualidade nesses ambientes, identificou-se os seguintes objetivos específicos:

- Conceituar hostel e quartos compartilhados;
- Descrever a relação entre o individual e o coletivo;

- Verificar a manifestação da individualidade nos quartos compartilhados de hostels, a partir de um estudo empírico;
- Ampliar a discussão a respeito do design de interiores.

1.5 Metodologia

Tratou-se de uma pesquisa de natureza básica, de caráter qualitativo quanto à abordagem do problema, visto que um dos principais objetivos da pesquisa foi compreender a ambiguidade da dinâmica entre o indivíduo, sua individualidade e o coletivo no espaço do quarto compartilhado de hostels, a principal fonte direta para coleta de dados. Quanto aos objetivos, a pesquisa pode ser exploratória e descritiva. Exploratória pois a) tinha como intenção maior aproximação e compreensão do problema com o intuito de torná-lo explícito ou formular uma hipótese (GIL, 2008, p.27) e; b) por compreender um levantamento bibliográfico, bem como observações efetuadas em pesquisa de campo, a fim de se obter dados qualitativos, por meio dos estudos de caso, que possibilitaram a criação de um banco de dados iconográficos.

Para Gil (2008, p.28), uma pesquisa descritiva é aquela que tem como “objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. Foi objetivo desta pesquisa procurar descrever a relação do indivíduo com os espaços íntimos, privados, sociais e públicos, no ambiente do quarto compartilhado de hostel, a fim de verificar como o design de interiores possibilita a manifestação da individualidade nesses espaços.

Para se obter uma ideia relativa ao cenário do design de interiores em hostels na cidade do Rio de Janeiro, bem como das questões que envolvem a relação do indivíduo com o espaço, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica, por meio de uma busca sistematizada realizada nas bases de dados do portal Capes, portal Scielo e no Google Acadêmico, com as palavras-chave: hostel, design de mobiliário, design de interiores, espaço compartilhado e arquitetura, individualidade e arquitetura, individualidade e espaço. Foram encontrados 24 arquivos pertinentes, entre artigos, dissertações e teses.

Nesta primeira pesquisa bibliográfica, não foi encontrado conteúdo substancial de aporte conceitual para o trabalho, mas o material encontrado contribuiu para a composição e o alargamento do referencial teórico. Foi possível, a partir deste levantamento, o acesso a outras referências. Desta maneira, foram selecionadas referências bibliográficas que tratassem da relação design de interiores, espaço e

indivíduo, conceituando-os e demonstrando suas origens, seus projetos e suas aplicações de acordo com o tema da pesquisa.

A pesquisa configurou-se também como de estudo de caso, visto que consiste em um estudo das relações comportamentais contemporâneas do indivíduo em um espaço de dormitório compartilhado em um tipo específico de hospedagem. Yin (2005, p.32 apud Gil, 2008, p.58) afirma que o estudo de caso “é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidência”. A coleta de dados abrangeu fontes como documentos históricos, fotografias, desenhos, reportagens escritas e gravadas, registros fotográficos e técnicas de pesquisa como observações de outros usuários e da própria pesquisadora enquanto hóspede.

Desta maneira, foram feitas visitas em hostels com o objetivo de observar e descrever as características espaciais e de design de interiores, bem como o comportamento dos indivíduos nos quartos compartilhados de hostels. Lançou-se mão de recursos para a coleta de dados, como desenhos de observação, fotografias, gravação de áudios e diário escrito.

Do ponto de vista da coleta de dados, a pesquisa foi dividida em duas partes: a primeira, bibliográfica (e iconográfica), uma vez que foi feito o levantamento de dados em fontes bibliográficas disponíveis em bases científicas, mas também em blogs e sites encontrados na Internet. Em um segundo momento, foram realizadas visitas a campo (visitas técnicas de estudo) para levantamento fotográfico, observações sistemáticas e análise dos hostels escolhidos para a pesquisa de campo.

A partir da obtenção destes dados e da criação do banco, foi possível identificar quais técnicas seriam utilizadas para a análise dos dados. Em um primeiro momento, foi feita a descrição do ambiente, por meio dos aspectos objetivos, que correspondem às características físicas. Em seguida, foram analisados a forma, a composição e os aspectos subjetivos ligados ao comportamento humano (graças à experiência vivida pela própria pesquisadora) e à psicologia ambiental. Foi possível ainda a elaboração das categorias de análise que possibilitariam compreender o problema e confirmar a hipótese. Sendo assim, optou-se por analisar os quartos compartilhados visitados em três categorias: mobiliário, leiaute e equipamentos.

A análise de dados se efetivou a partir de análises gráficas e descritivas, fundamentadas especialmente nos registros técnicos de projeto (desenhos

arquitetônicos e de design de interiores), registros fotográficos e diários escritos e de áudio da própria pesquisadora durante a pesquisa de campo. Assim, pode-se dizer que, metodologicamente, a pesquisa foi dividida em três fases:

1) Ações teóricas de pesquisa: fase eminentemente investigativa, de ações de pesquisa bibliográfica e iconográfica, cujo referencial teórico encontra-se disperso em publicações da área de Arquitetura, Urbanismo, Design e Turismo, incorporando os temas hostel e design de interiores. Esta etapa forneceu subsídios à segunda fase.

2) Ações de coleta de dados empíricos e de observação in loco: fase eminentemente de coleta de dados, ou seja, de levantamentos realizados in loco e de observações. Para esta etapa, foram empregados os recursos disponíveis e aqueles oferecidos pelos estudos de caso selecionados para análise. A observação foi um importante instrumento de estudo, a princípio realizado de forma assistemática, como uma maneira de criar intimidade com o objeto e com o recorte espacial da pesquisa. Os registros foram realizados por meio de anotações e croquis, fotos, diários e gravações de áudio, que forneceram insumos para a etapa posterior.

Foram escolhidos três hostels na cidade do Rio de Janeiro, devido à proximidade geográfica com a cidade de origem da pesquisa. Outro aspecto que justificou a escolha desta cidade foi o fato de o Rio de Janeiro ter sediado alguns jogos da Copa do Mundo de 2014, bem como os Jogos Olímpicos de 2016. Eventos mundiais geram grande movimento turístico e consequente aumento na procura de meios de hospedagem.

Junto com o crescimento do mercado turístico nos últimos anos está a expansão do segmento hoteleiro e dos meios de hospedagem, no qual é uma peça fundamental e de extrema importância à viabilização do turismo. Com a crescente procura por hospedagem na cidade do Rio de Janeiro, a procura por Hostel é cada vez mais constante. (SEBRAE, 2015, p. 3)

Os três hostels foram escolhidos com base em uma pesquisa feita no site Trivago, que selecionou os dez melhores hostels da cidade por meio de um ranking realizado de acordo com o trivago Rating Index™ (tRI™)², índice que compila as avaliações que os turistas deixam quando se hospedam em determinado hostel em

² “O tRI é um índice de avaliações de hotéis abrangente e confiável. Considera avaliações de várias fontes online e utiliza um algoritmo para agregá-las, fornecendo uma pontuação precisa e imparcial”. Disponível em: <<http://company.trivago.com.br/trivago-rating-index/?cip=55110000000002>>. Acesso em 20 jan. 2017.

diferentes sites de avaliação, excluídas as diferenças de preço e disponibilidade dos hostels.

Para a realização desta etapa, foi preciso submeter a pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), visto que, de acordo com a resolução nº 466/12, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), toda pesquisa que envolva seres humanos tem a obrigatoriedade de ter o aval da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) ou do Comitê de Ética e Pesquisa, como foi o caso da presente investigação.

As observações realizadas envolveram seres humanos. Desta forma, o projeto foi submetido previamente à análise do Comitê de Ética em Pesquisa para que fosse emitido parecer de acordo com o preconizado pelo Ministério da Saúde e pelo Conselho Nacional de Saúde e Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (BRASIL, 1997).

Este processo foi registrado no CEP da UFJF no dia 3 de agosto de 2016, por meio do site da Plataforma Brasil. No dia 16 de novembro de 2016 foi emitido parecer favorável – nº 1.821.117.

Para a análise do processo, foi necessária a apresentação da documentação disposta no Apêndice, tais como a declaração de infraestrutura e concordância, emitida pelos hostels visitados (Apêndice I, II e III) e a Dispensa do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Apêndice IV).

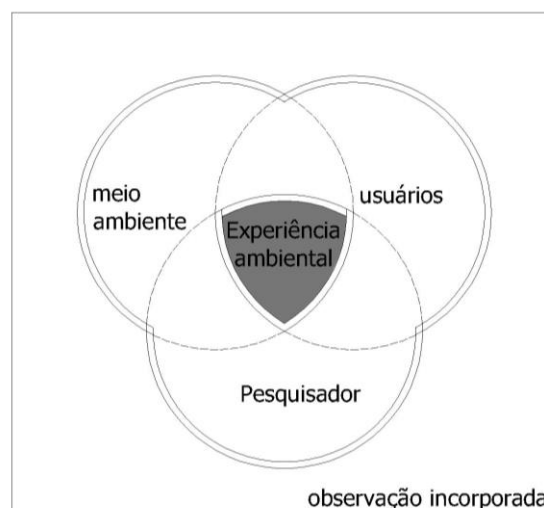
Segundo Tjora (2006, p.2 apud FERREIRA; TORRECILHA; MACHADO, 2012) “entrevistas e observação são técnicas interativas, visto que a entrevista conduz o pesquisador para a observação, enquanto que as observações podem sugerir os aprofundamentos necessários para as entrevistas”. Outra técnica utilizada foi a observação incorporada para coletar dados e características dos usuários, bem como para identificar aspectos específicos da relação do indivíduo com o espaço. Esta técnica permitiu ao pesquisador e aos participantes criarem um vínculo de intimidade necessário para a obtenção de informações que não estivessem tão óbvias, normalmente não reveladas para estranhos (PATERSON; BOTTORFF; HEWAT, 2003 apud FERREIRA et al., 2012). Segundo Sommer (1973), é preciso, para descobrir o que as pessoas pensam e fazem, observá-las e questioná-las, e isso se dá pela interação entre usuário e observador, que neste caso deve estar imerso no ambiente. A observação participativa deve ocorrer sem a identificação do pesquisador. Esta postura está salvaguardada pelo artigo 2º - XV da Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, que trata da pesquisa encoberta.

Artigo 2º - XV - pesquisa encoberta: pesquisa conduzida sem que os participantes sejam informados sobre objetivos e procedimentos do estudo, e sem que seu consentimento seja obtido previamente ou durante a realização da pesquisa. A pesquisa encoberta somente se justifica em circunstâncias nas quais a informação sobre objetivos e procedimentos alteraria o comportamento alvo do estudo ou quando a utilização deste método se apresenta como única forma de condução do estudo, devendo ser explicitado ao CEP o procedimento a ser adotado pelo pesquisador com o participante, no que se refere aos riscos, comunicação ao participante e uso dos dados coletados, além do compromisso ou não com a confidencialidade. Sempre que se mostre factível, o consentimento dos participantes deverá ser buscado posteriormente. (CNS, 2016, p. 3)

Foi utilizada como técnica de pesquisa a observação incorporada, técnica adotada pelo Projeto e Qualidade do Lugar, do Programa de Pós-graduação em Arquitetura da FAU/UFRJ, que, segundo Sbarra (2007, p.114),

(...) caracteriza uma atitude de interação do observador-pesquisador com o ambiente observado, ou seja, a experiência do pesquisador em relação ao objeto é parte integrante do objeto de pesquisa, assim como a experiência dos demais sujeitos que compõem o complexo fenomênico em estudo, de forma a incorporar à postura científica a reflexão com auto-inclusão.

Figura 1: Esquema de observação incorporada



Fonte: da autora. Adaptado de Sbarra (2017, p.114)

3) Ações de análise e interpretação dos dados: fase de análise dos dados, levantados na etapa anterior, sistematizados em um banco de dados. Realizou-se,

nesta fase, o cruzamento das informações coletadas na pesquisa bibliográfica com os dados que representam a realidade dos edifícios selecionados para os estudos de caso. As análises foram descritivas-textuais e gráficas.

A partir da compilação dos dados obtidos durante a pesquisa bibliográfica e das observações efetuadas em campo, foi possível efetuar a análise, por meio da descrição objetiva e subjetiva do quarto compartilhado, que deu origem às categorias definidas como principais responsáveis pela manifestação da individualidade: leiaute, mobiliário e equipamentos.

De forma, que entendemos o leiaute como a disposição dos elementos de composição do espaço como equipamentos, mobiliários, iluminação, materiais de acordo com as características do ambiente e atividades ali realizadas. Considerando não somente os aspectos estéticos como também os funcionais. (CHING; BINGGELI, 2013).

O mobiliário é o elemento que media a arquitetura e as pessoas, auxiliam nas atividades exercidas nos espaços internos deixando-os mais confortáveis para serem habitados. Em um quarto compartilhado é o que caracteriza este espaço como de uso coletivo considerando o número de beliches e armários dispostos neste espaço além de serem responsáveis pelo correto uso deste ambiente.

Os equipamentos são também acessórios que auxiliam na utilização do espaço interno deixando-os também mais confortáveis e acessíveis além de embelezá-los. Podem também promover experiência visuais e táteis. Através dos equipamentos é possível identificar e diferenciar as zonas pessoais e sociais. (CHING; BINGGELI, 2013).

Estas categorias serviram para identificar quais elementos configuram o espaço individual, e são elencadas a partir da definição de autores como Ching e Binggeli (2013) e Coles e House (2008).

Por fim, almejou-se descrever os aspectos físicos e simbólicos encontrados nos quartos compartilhados de hostels, a fim de se aprimorar a reflexão a respeito do design de interiores, principalmente no que diz respeito à garantia da individualidade dos hóspedes no uso do quarto compartilhado em hostels.

O mapa a seguir demonstra de forma sucinta e gráfica o percurso metodológico desta pesquisa, apontando as etapas que seguiram após o início com a definição do problema até conclusão onde buscou-se responder a questão a partir da hipótese levantada.

Figura 2: Mapa metodológico da pesquisa



Fonte: da autora

2. | O ESPAÇO DO INDIVÍDUO E DO COLETIVO

A arquitetura sempre se preocupou em planejar e construir espaços de atividades, moradia, produção, lazer ou repouso, de maneira que atendessem satisfatoriamente às necessidades do homem. A ambiência desses espaços projetados pela arquitetura interfere diretamente no comportamento e no humor humanos, sendo possível ao arquiteto projetar espaços que possam induzir ou favorecer determinados comportamentos, assim como propor ambiências que interfiram no humor do usuário de forma intencional.

É preciso dizer que, entre o espaço e o tempo, há uma linguagem invisível chamada de *sentido primário da comunicação*. Não há uma verbalização, mas é importantíssima nas relações do dia-a-dia. Portanto, a fim de exemplificar este sentido primário da comunicação, foi utilizado nesta pesquisa um neologismo criado por Hall (2005), que é a *proxêmica*, que compreende o estudo das distâncias ocultas entre as pessoas e o espaço. Esse conceito orienta e é profundamente abordado nessa dissertação, na tentativa de analisar a relação do usuário nos quartos compartilhados de hostels.

Com base nessas interações invisíveis, podemos identificar elementos que por muitas vezes podem passar despercebidos nos quartos compartilhados, porém são sensoriais aos usuários, captados pelos cinco sentidos básicos. Por exemplo, as ações que geram algum tipo de som, que podem por vezes incomodar; ações que provoquem odores que podem ser agradáveis ou não, entre outros. Existem ainda espaços com delimitações invisíveis, oriundas de sentimentos primitivos de posse.

Desta maneira, Hall (2005), elenca determinadas dimensões ocultas que, apesar de não serem conscientes, acontecem na partilha do espaço, quais sejam: íntima, pessoal, social e pública. Cada uma delas é determinada por suas dimensões específicas. Segundo o mesmo autor, é preciso fazer referência à importância que os cinco sentidos têm na compreensão e na percepção do ambiente dentro do qual o indivíduo está inserido, e a como tal indivíduo se relaciona com o ambiente por meio dos diferentes estímulos sensoriais. O espaço funciona como um prolongamento do organismo, que é reconhecido por sinais visuais, verbais, táteis, sonoros e olfativos. Hall divide a percepção do espaço em duas categorias de receptores: “os receptores à distância” – olhos, ouvidos e nariz, e “os receptores imediatos” – tato, sensações na pele, mucosas e músculos.

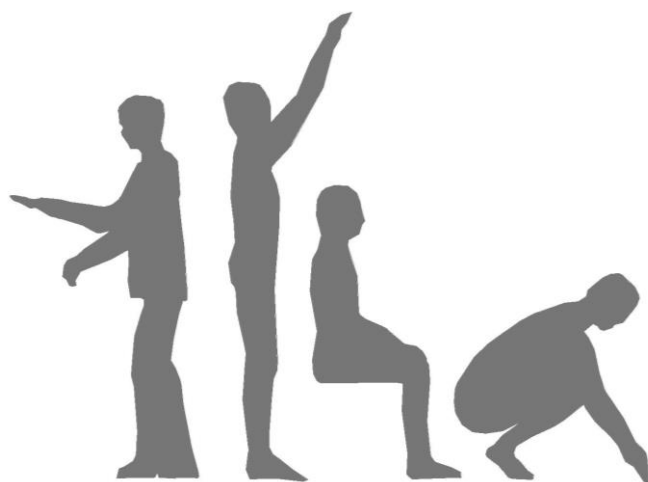
Os espaços internos são projetados e dimensionados para a realização das atividades humanas, adequando-se formalmente à escala e à proporção humanas. Segundo Ching e Binggeli (2013), tais adequações podem ser estáticas ou dinâmicas. Dinâmicas quando adentramos em um hall de entrada e nos deslocamos para os demais ambientes, utilizando escadas ou rampas. Estáticas quando nos sentamos em uma cadeira ou nos acomodamos em algum espaço individual.

Os autores reforçam a existência de elementos de psicologia ambiental nas distâncias espaciais, afirmando que há ainda um terceiro ajuste: “é como o espaço acomoda nossa necessidade de manter distâncias sociais e controla nosso espaço pessoal” (CHING; BINGGELI, 2013, p.48).

Assim como o homem é provido de sentidos básicos, o espaço apresenta características táteis, auditivas, olfativas e térmicas, que são percebidas individualmente por meio dos sentidos de cada um. Estas percepções interferem diretamente na maneira como sentimos e nos comportamos no espaço, por meio de nossas ações e reações (CHING; BINGGELI, 2013).

Ao analisar o comportamento humano no espaço a partir do olhar do design de interiores, é necessário conhecer as dimensões humanas. Devemos considerar não somente dimensões físicas do homem estático, pois existem também as dimensões funcionais, que são aquelas produzidas a partir do movimento do corpo na realização de alguma atividade. Por exemplo, quando esticamos o braço para alcançar determinado objeto, e até mesmo quando interagimos com outras pessoas.

Figura 3: Dimensões humanas



Dimensões Humana - estática e funcional

Fonte: da autora

Arquitetos e designers de interiores utilizam de literatura especializada que disponibiliza tabelas e ilustrações de dimensões, baseadas em medidas humanas médias que não levam em consideração grupos étnicos e gênero. Isso torna necessário ajustá-las para atender a necessidades específicas.

Ao longo do tempo, o corpo humano passa por diversas modificações físicas que interferem em suas habilidades motoras, desde o envelhecer até o ganho ou a perda de peso. Essas mudanças interferem diretamente na maneira como este indivíduo irá se relacionar com o ambiente e com outros usuários.

2.1 As distâncias entre o público e o privado

O compartilhamento de espaço não é somente uma escolha, pois existem formas compulsórias que geram diferentes reações daqueles que partilham o ambiente. Há necessidades e demandas distintas, dos mais diversos grupos étnicos e países de origem de cada um. O que pode ser desagradável para determinado grupo pode não ser para outro. É preciso considerar a atividade inconsciente e emocional na escolha por individualizar-se ou não, estar em um espaço privado ou compartilhado. Há uma internalização inconsciente dos sentidos – olfativo, auditivo e da visão – que estão relacionados à cultura de origem do indivíduo e que reforçam a triagem por parte do viajante, ao compartilhar um quarto: “Para compreender o homem é preciso ter algum conhecimento da natureza de seus sistemas receptores e de como a informação recebida a partir desses receptores é modificada pela cultura” (HALL, 2005, p. 51).

A invasão do espaço pessoal é um tema importante para análise, visto que não se trata de um espaço somente físico, mas também psicológico. A individualidade de uma pessoa não é composta somente pelo corpo físico e pelo espaço que ocupa, mas também por seus pensamentos, suas vontades e suas escolhas.

a violação da distância individual é a violação das expectativas da sociedade; a invasão do espaço pessoal, é uma intrusão nas fronteiras do eu da pessoa. A distância individual pode estar fora da área do espaço pessoal (...) (SOMMER, 1973, p. 34)

É possível que, ao termos o nosso espaço pessoal invadido, tenhamos uma conduta que indique incômodo, muitas vezes por meio de ações físicas como: afastamento, desvios de olhar, bater os dedos em algum lugar etc. (SOMMER, 1973)

Um indivíduo possui uma área circundante ao seu corpo que pode ser classificada como íntima, pessoal, social e pública. O que define cada uma delas é o distanciamento entre o seu corpo e o do próximo e as ações realizadas nesses espaços (HALL, 2005).

Segundo Hall (2005), no espaço íntimo, quando há mais de um indivíduo, a presença deste outro é clara, e o contato físico ou a possibilidade dele é eminente. É nesta distância e no seu limite que exercemos determinadas atividades, tais como se relacionar amorosamente, lutar, confrontar-se e proteger-se. A comunicação entre os indivíduos se dá também pelo contato físico repleto de estímulos sensoriais. Normalmente, exceder os limites deste espaço só é permitido a pessoas muito próximas, como familiares. Para algumas culturas, a realização das atividades presentes no espaço íntimo é considerada inadequada para ambientes públicos, compartilhados com desconhecidos.

O espaço pessoal é definido por Hall (2005) como um contato a partir das extremidades e é considerado ideal para tratar de assuntos pessoais. O indivíduo se coloca a uma determinada distância, onde o outro esteja visualmente acessível e o contato físico se torne possível e opcional, realizado através do alongamento dos braços. A visão, o olfato, o tato e a audição são utilizados, embora o tato seja em menor proporção do que no espaço íntimo.

De acordo com Okamoto (2014, p. 114): “o espaço pessoal é um espaço com limite invisível, que envolve o corpo da pessoa e no qual nenhum estranho pode entrar”. Diversos autores determinaram tal espaço como uma bolha geralmente impermeável, em que o indivíduo mantém contato visual, sendo, porém, descartado o contato físico.

Figura 4: Espaço pessoal



Fonte: da autora, adaptado de Okamoto (2014, p.114)

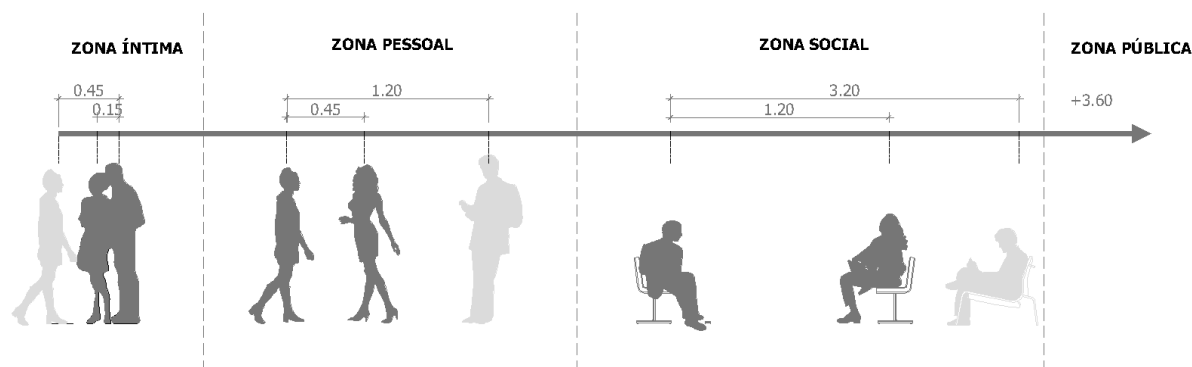
Seguindo as distâncias e os espaços determinados por Hall (2005), verifica-se a existência da distância social. Nesta distância, os detalhes visuais já não são mais tão nítidos, e os desvios de olhar são constantes. É o espaço caracterizado por eventos como as reuniões sociais informais. Pessoas que trabalham juntas tendem a usar esta distância, e podem trabalhar horas em silêncio sem que pareça grosseria ou desconsideração para com o outro. É também onde ocorrem as comunicações rápidas entre os indivíduos dispostos em um mesmo ambiente, sem que queiram ou necessitem manter um diálogo mais longo.

Por último Hall (2005) define a distância pública como aquela totalmente impessoal. Nela, o contato visual já se torna limitado e pouco nítido. O comportamento se altera com a voz mais elevada e com a utilização do discurso formal, normalmente utilizado em reuniões públicas e discursos para uma grande audiência.

A capacidade de reconhecer essas várias zonas de envolvimento, bem como as atividades, relacionamentos e emoções associadas a cada uma delas, torna-se agora de extrema importância. As populações estão se apinhando em cidades; e construtores e especuladores estão acondicionando gente em caixas de arquivos verticais – tanto escritórios como moradias. (HALL, 2005, p.153)

As necessidades espaciais do homem não se relacionam somente com os limites do corpo – é preciso compreender as distâncias invisíveis, mas que são mensuráveis, como elencou Hall (2005). Os espaços habitados de moradia e trabalho, se não bem projetados, podem constranger as pessoas, forçando-as a comportamentos e a relacionamentos indesejados.

Figura 5: Gráfico de distâncias



Fonte: da autora

Muitos desdobramentos comportamentais humanos se dão a partir da relação entre o indivíduo, suas particularidades e o espaço ocupado por ele. O design de interiores, ao conformar este espaço por meio de recursos projetuais, pode ser responsável por suscitar determinadas sensações, como sentir-se bem ou mal. Cabe aos projetistas, neste caso, estarem conscientes de que cada pessoa tem sua maneira de se individualizar, de preservar seu espaço íntimo e de compartilhar os espaços.

Os conceitos de público e privado parecem sofrer interferências espaço-temporais no contexto das relações sócio humanas. Em dado espaço e tempo, com determinado grupo de pessoas, o público e o privado podem fundir-se, deixarem de existir, coexistir ou prevalecer um sobre o outro, entre outras combinações que gerarão desdobramentos socialmente construídos em diversos lugares.

A privacidade, tal como a conhecemos nos dias de hoje, era obstaculizada pela não especialização dos aposentos até o século XVIII. A atual divisão, composta por quarto de dormir, sala de estar e sala de jantar, é recente. A privacidade era limitada. O modelo de família era incerto e só começa a se estabilizar quando a forma da casa é mais bem definida (HALL, 2005). Até meados do século XVIII, os espaços íntimos e privados por vezes se confundiam com os espaços sociais e públicos. Segundo Hall (2005, p.130), “desconhecidos entravam e saíam à vontade, enquanto camas e mesas

eram montadas de acordo com a disposição de espírito e a vontade dos ocupantes” (HALL, 2005, p.130).

A distinção entre os espaços de uso comum e aqueles destinados às atividades mais íntimas surgiu a partir da necessidade do homem, que passou a questionar e a reivindicar aposentos específicos e individualizados, graças às novas demandas geradas pelas áreas da saúde e da psicologia.

As distâncias entre o íntimo, o privado, o social e o público podem existir e serem interpretadas de diversas maneiras, estabelecidas de forma ordenada ou não. Por mais que se assemelhem conceitualmente, nem sempre o que é entendido como íntimo ou privado para determinada etnia ou parcela da população será exatamente igual a de uma outra, assim como as definições dos espaços sociais e públicos.

Determinadas ações e atividades que, para uma cultura, são naturalmente exercidas em determinado espaço e distância, podem não ser tão naturais para outra. Há questões comportamentais de origem religiosa e ou filosófica que determinam ou delimitam as ações individuais, em espaços íntimos e privados, e ações individuais e coletivas, em espaços sociais e públicos. Segundo Hall (2005, p. 130), “a disposição de povoados, cidadezinha, grandes cidades e da região rural intermediária não é aleatória; ela segue um plano que muda com o tempo e a cultura”.

2.2 O espaço físico e a percepção espacial

A matéria-prima da arquitetura é o espaço, que pode receber inúmeras funções físicas e simbólicas, de acordo com o que se propõe, além de traduzir materialmente necessidades, anseios e desejos, além de possibilitar e promover atividades e relações.

Pode-se dizer que projetamos no positivo, construímos no positivo, mas vivemos no espaço negativo. O aspecto dos edifícios foi destacado, ressaltado, elevado ao primeiro plano, entretanto os sentimentos e as aspirações qualitativas e psicológicas dos usuários tornaram-se secundários. (OKAMOTO, 2014, p.12)

É neste espaço negativo que o arquiteto e o designer de interiores precisam estar atentos – para atender às necessidades e aos anseios por interações afetivas do homem com o meio ambiente. Por meio de soluções de projeto, é possível estimular a harmonia entre indivíduo e espaço, bem como promover crescimento pessoal, relacionamento social e qualidade vida (OKAMOTO, 2014).

A arquitetura vai além do abrigo das necessidades e atividades. Trata-se de um meio de favorecer e desenvolver o equilíbrio, a harmonia e a evolução espiritual do homem, de modo a satisfazer aspirações, acalantar sonhos, instigar emoções de se sentir vivo, desenvolver um sentido afetivo em relação ao locus e ao topos. (OKAMOTO, 2014, p. 14)

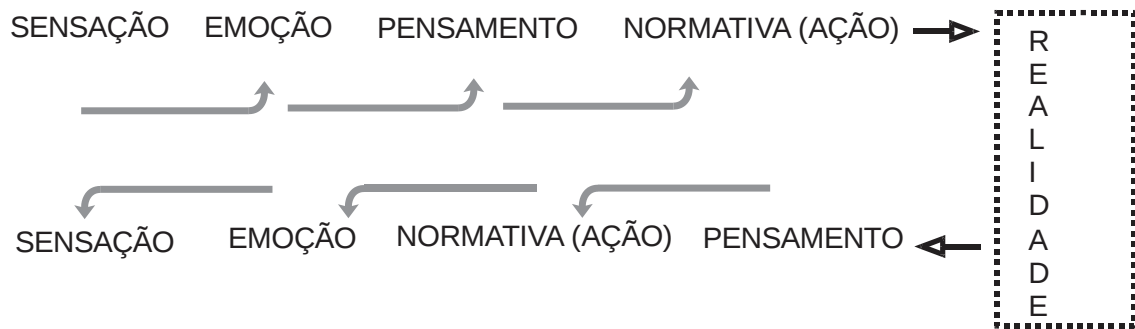
A inclusão de temas como a psicologia ambiental e a percepção ambiental se faz necessária na elaboração de um projeto de interiores habitado pelo homem – acrescentar ao processo criativo elementos subjetivos “voltados ao fenômeno do comportamento humano como resultado da interação do homem com o meio ambiente e suas relações interpessoais” (OKAMOTO, 2014, p. 12-13). A sociedade entende e interage com seu meio circundante, manifestando seus desejos, suas opiniões e suas expectativas, sugerindo determinados comportamentos individuais e sociais.

O homem habita um espaço, existe e exerce ações sobre ele. Pensamentos conscientes e inconscientes antecedem a realização destas ações. Cabe ao arquiteto e ao designer de interiores compreender este processo do qual também fazem parte, para traduzir materialmente o comportamento humano nos espaços. Segundo Okamoto (2014, p.14), “Este significado e a interpretação dele são necessários à atuação do arquiteto, pois esses espaços perceptivos e vivenciais constituem a matéria-prima da arquitetura”. Porém, segundo o autor, os profissionais responsáveis por projetar os espaços tendem a enfatizar o aspecto funcional em relação ao aspecto simbólico.

O homem que, pela formação cultural ocidental, interpreta a realidade objetiva de modo material e fragmentado, a nosso ver, teria de atuar holisticamente, ou seja, pensar no todo, no sujeito psicológico integral, e conviver de forma global na sociedade e na cidade. Segundo essa visão todos os fatores devem ser abordados de forma harmoniosa no contexto social e urbano, pois as relações são interdependentes. (OKAMOTO, 2014, p.13)

A forma com a qual o homem se conecta ao meio ambiente e ao contexto social se dá na sequência da reação do mesmo diante da realidade, visto o esquema-síntese proposto por Okamoto (2014) na figura a seguir.

Figura 6: Esquema de reação do homem perante a realidade



Fonte: Adaptado de Okamoto (2014, p.15)

Cabe ao profissional que trabalha com os espaços, sejam externos ou internos, interpretar essa sequência e o entendimento do perfil dos usuários, as atividades ali realizadas e as possíveis relações interpessoais que podem emergir, de modo a favorecê-las ou impedi-las de se realizar. Tal profissional igualmente deve a) considerar que este espaço habitado e projetado pelo homem é também definido a partir dos aspectos físicos e simbólicos de sua utilização e; b) ponderar conceitos e visão de meio ambiente oriundos de outras ciências, como a psicologia e a fenomenologia.

Coimbra (1985, p.21, apud OKAMOTO, 2014, p.24) define meio ambiente como:

(...) o conjunto dos elementos físico-químicos, ecossistemas naturais e sociais em que se insere o homem, individual e socialmente, num processo de interação que atenda ao desenvolvimento das suas atividades, à preservação dos recursos naturais e das características essenciais do entorno, dentro de padrões de qualidade definidos.

Temos também a definição do que é meio ambiente do ponto de vista psicológico:

(...) objetos, pessoas e animais são feitos de matéria: a luz do sol ou de uma lâmpada, o som que vem do rádio, a chama que aquece a panela no fogão são diferentes tipos de energia (eletromagnética, mecânica e térmica, respectivamente), sejam elas energias refletidas ou produzidas pelos objetos pessoas e animais. (TIERDMANN; SIMÕES, 1985, p. 4 apud OKAMOTO, 2014, p. 25)

Deve-se considerar que as sensações captadas pelos órgãos dos sentidos são o primeiro contato do indivíduo e das coletividades com o meio ambiente. Dessas sensações são geradas as percepções que, em seguida, se tornam imagens mentais com significados íntimos e pessoais de quem as produz de acordo com vivências, emoções e intuições, juntamente com o contexto sócio-histórico-cultural no qual o indivíduo está inserido (HALL, 2005). Tuan (1979 apud SOUZA; TRICÁRICO; ANDRADE, 2015) considera que tal percepção seja uma resposta dos sentidos aos estímulos externos. Boa parte do que é percebido, é estimado por uma pessoa em virtude de estar intimamente relacionado aos interesses individuais, às visões de mundo construídas até então e às próprias experiências vividas. Nem sempre há consciência na absorção dessas sensações promovidas pelo meio ambiente ao homem.

Por mais que estejamos inseridos em ambientes coletivos e que compartilhemos experiências e informações, cada pessoa é constituída por suas próprias impressões, sensações e emoções, o que constitui a peculiaridade de cada indivíduo, que à sua maneira, expressa seus desejos e anseios, sejam eles pessoais ou sociais.

Para Reid (2000 apud Okamoto, 2014), os sentidos externos possuem duas funções: fazer sentir e fazer perceber. As sensações são internalizadas por meio dos sentidos básicos, e podem ser agradáveis ou não – e é exatamente isso que desperta no homem a compreensão da existência desse objeto de percepção. Ou seja, a percepção acontece sempre a partir de um objeto externo, qualificado pelos sentidos.

2.3 A individualidade nos espaços compartilhados

A distância física entre pessoas é um conceito variável no tempo e no espaço, sendo socialmente construída e interligada à cultura e aos hábitos de diversos povos. Por ter uma aplicabilidade dependente destes comportamentos internalizados, ela não obedece às regras impostas pela engenharia e pela arquitetura, sendo a sua escolha muito mais emocional e sensorial. Ela pode ser maior ou menor; as pessoas escolhem o que lhes dá conforto e bem-estar de acordo com os conceitos de vida aprendidos. A sensação de ter o espaço alheio invadido varia entre os povos da Terra (SOMMER, 1973).

A arquitetura, por questões técnicas, visando a uma convivência harmônica nos espaços públicos, tem procurado um termo comum em que pessoas e espaço físico conversem harmoniosamente. O cidadão do mundo, o viajante, o turista, entre outras

categorias, tem um conceito de espaço aprendido por meio das relações humanas e das trocas individuais em suas experiências de vida – por exemplo, ao se hospedar em hotéis, pousadas, B&b ou hostels.

Os sinais silenciosos e perceptíveis por meio de expressão corporal, destacando-se o olhar e a respiração, são fatores indicativos de termos sido mal ou bem recebidos na nossa movimentação física. A possibilidade de aprendermos um código que nos ensine tal comportamento é uma esperança no sentido de minimizar os contratempos e constrangimentos que uma interpretação de invasão individual venha a causar.

Alguns dos meus entrevistados expressaram os sentimentos de muitos povos avessos ao contato (os que evitam tocar em desconhecidos) quando afirmaram detestar sentar numa cadeira estofada logo depois de outra pessoa ter se levantado dela. (HALL, 2005, p. 71)

A escolha individual para se hospedar em quartos compartilhados, sem vínculos familiares ou compulsórios, passa pelo viés financeiro muito mais do que em qualquer outra opção, como por exemplo a localização ou a segurança. Para compartilhar espaços, temos que abrir mão de algumas comodidades físicas, emocionais e sensoriais. Ao ocupar um espaço limitado pela presença física e patrimonial de outra pessoa, precisamos saber as regras mínimas de convivência, como boa educação, bom senso e *fair play*.

O quarto de dormir seria o principal entrave a esta experiência. Necessitamos dos sentidos e das funções fisiológicas continuamente e tais funções, ao serem compartilhadas, podem causar embaraço ou constrangimento, seja em hostel, enfermarias ou espaços afins.

Povos acostumados a compartilhar espaços exíguos desde criança tendem a não se incomodar com estes aspectos que tanto afligem algumas pessoas. Segundo Hall (2005, p. 66-67), “sucintamente, o que se pode fazer no local determina como se vivencia determinado espaço”. A experiência de se dividir espaços com tranquilidade e naturalidade está diretamente ligada à cultura de um indivíduo, pois, ao se deparar com alguém que não faz bom uso deste espaço e cujo senso alheio é falho, saberá reagir buscando seus direitos. Não é necessário somente seguir as normas para utilização e

boa convivência do espaço, mas também procurar compreender as delimitações invisíveis dos espaços individuais de cada um. Para Sommer (1973, p.33),

(...) a melhor maneira para conhecer as fronteiras invisíveis é continuar andando, até que alguém reclame. O espaço pessoal refere-se a uma área com limites invisíveis que cercam o corpo da pessoa na qual estranhos não podem entrar.

Pessoas podem roncar, não tomar banho, ser desorganizadas, desrespeitosas ou fazer barulho enquanto alguém dorme, entre outras atitudes e comportamentos. Questões inerentes à personalidade de cada indivíduo, independentemente dos aspectos culturais e étnicos envolvidos, são importantes no entendimento das distâncias criadas por cada um nos ambientes compartilhados. Pessoas mais introvertidas tendem a ficar mais distantes de outras pessoas, se comparadas a pessoas mais extrovertidas (SOMMER, 1973).

Visto isso, muitas pessoas, quando compartilham espaços por tempo prolongado, começam a imprimir questões próprias e pessoais para adaptá-los às suas necessidades individuais e para demarcar de certa forma seu espaço íntimo e pessoal.

Espaços compartilhados devem promover a interação social entre os indivíduos ali presentes, porém devem também dar abertura à manifestação da individualidade, permitir algum grau de isolamento e promover o equilíbrio entre os direitos individuais e sociais, a fim de garantir uma ambiência prazerosa.

3. | HOSTEL E QUARTOS COMPARTILHADOS: ENTRE O INDIVÍDUO E O COLETIVO

A palavra *hostel*, de acordo com o dicionário Michaelis Online (2016), é de origem inglesa e está relacionada à palavra *hospedaria*: “lugar onde se recebem hóspedes com diárias a preços razoáveis; albergue, alojamento, aposentadoria, hospedagem, hostalagem, hostel”. Porém, de acordo com o site Origem da Palavra, a palavra “hotel” tem a mesma raiz etimológica de hospital, e ambas derivam do latim “*hospes*”, que significa “aquele que é recebido”. Já vocábulo “hotel” surgiu do francês “*hôtel*”, que no século XIII era chamado de “*hostel*” em referência ao latim medieval “*hospitale*” (MORETE, 2013). Ainda podemos encontrar a definição em um dicionário de língua inglesa: “**Hostel**: Estabelecimento que fornece comida e alojamentos a preço econômico para um grupo específico de pessoas, como estudantes, trabalhadores ou viajantes” (OXFORD DICTIONARY, 2014, [s.p.]).

Giaretta define hostel como:

(...) meio de hospedagem não convencional que complementa a oferta de leitos nos destinos turísticos, e tem como característica ser mais econômica que a hospedagem convencional, apresentando grande variação quanto a sua prestação de serviços. É de propriedade de pequenos empreendedores e conta com um leque composto de: albergues da juventude, camping, acampamentos, residências estudantis, pousadas, (...) (GIARETTA, 2003, p. 64)

De acordo com o SEBRAE (2016),

(...) denominação internacional de albergue, é um meio de hospedagem constituído por quartos coletivos que contam com camas ou beliches, dispondo na maioria das vezes também de cozinhas e banheiros coletivos separados em razão do sexo (masculino/feminino). Espalhados por todo o mundo, o público-alvo de um hostel se resume a pessoas de várias idades que se interessam em conhecer novas pessoas, por um ambiente que gere integração, entretenimento e novas experiências.

Outro autor também utilizado na conceituação de hostel é Beni, de maneira contemporânea, define como hostel como:

(...) estabelecimento comercial de hospedagem, subvencionado ou não, destinados ao atendimento do Turismo Social, já muito difundido na Europa e nos EUA, atualmente expandindo - se na América do Sul. Tem instalações e serviços básicos e elementos para atender demanda específica de alojamentos e segmentos sociais com recursos financeiros modestos como estudantes e aposentados. Situa-se de modo geral nas grandes metrópoles e centros turísticos. Apresenta unidades habitacionais simples, comportando quartos individuais ou dormitórios coletivos, com serviços parciais de alimentação (BENI, 2006, p. 361).

A partir deste significado, podemos entender hostel sob o olhar da arquitetura como um abrigo temporário, similar a uma residência com o desígnio de receber o maior número de hóspedes possível, além de lhes fornecer normalmente um quarto compartilhado, bem como banheiro e ou outros equipamentos que supram suas necessidades temporárias – considerada a hospedagem originada por atividade turística, laborativa ou com vistas à uma moradia provisória.

Muitos centros foram formados a partir das rotas comerciais que passavam pela Ásia, Europa e África. Nestes centros surgiram as primeiras formas de hospedagem, muitas vezes oferecida em mosteiros e abadias, para abrigar os comerciantes e os viajantes que passavam por tais rotas (ANDRADE; BRITO; JORGE, 2002).

A história do hostel começa em 1909, na Alemanha por iniciativa de um professor alemão chamado Richard Schirman, que precisou se refugiar em uma escola, juntamente com seus alunos, após uma tempestade. Três anos mais tarde, na cidade alemã de Altena, acredita-se ter nascido o que hoje entendemos como hostel (APAJ, [s.d]).

Contudo, o alberguismo começou a ser difundido na Europa no final da década de 1920. Sofre uma pequena pausa em sua difusão durante o período da Segunda Guerra Mundial, uma vez que alguns albergues foram destruídos. Com o fim do conflito, muitos deles foram reestruturados, e o movimento voltou a ganhar força e importância na reintegração da juventude europeia (APAJ, [s.d.]).

Figura 7: Primeiro hostel do mundo em Altena, Alemanha.



Fonte: Giaretta (2003, p. 78)

Este novo conceito de hospedagem atravessou o Oceano Atlântico e chegou ao continente americano no ano de 1934. Em seguida, conquista os Estados Unidos, o Canadá e finalmente a América Latina, chegando à Argentina em 1956 e ao Uruguai em 1958. Estes últimos foram fundamentais para a expansão e a disseminação da rede em outros países como Chile, Peru, Bolívia, Colômbia, Equador, Costa Rica, El Salvador e Brasil.

Hostel é um meio de hospedagem, normalmente localizado em áreas centrais de uma cidade, próximo a equipamentos urbanos de lazer, culturais, comerciais e de serviços. Alguns fatores determinam a atratividade de um hostel: a disponibilidade de meios de locomoção de qualidade, públicos ou privados; a proximidade de agências de serviços como bancos, farmácias e supermercados, dentre outros.

Segundo Santos (2013 apud SEBRAE, 2015), “atualmente, a crescente busca por hostels é reflexo da mudança no comportamento dos viajantes que, hoje, consideram a experiência que terão no local escolhido”. Este tipo de hospedagem, também conhecido como “pousada da juventude” ou “albergue”, é representado em sua maioria por pequenas empresas, mais ágeis para se reestruturar do que grandes redes hoteleiras.

Hostels fazem parte da oferta de hospedagem turística econômica que, nos últimos anos, tem passado por uma evolução quantitativa e qualitativa no que tange à sua oferta e demanda (SARAIVA, 2013). Eles são o principal segmento de hospedagem utilizado pela comunidade jovem, obrigando diversos setores a se adaptarem às especificidades desta nova demanda de turismo.

Ainda de acordo com Saraiva (2013), os hostels se destacam e se diferenciam da hotelaria convencional, uma vez que priorizam seus espaços sociais na oferta dos quartos compartilhados, o que permite a redução nas tarifas de diária. Silva e Kohler (2015) afirmam que “no início, sua oferta esteve vinculada aos princípios do turismo social; hoje, ela já extrapola isso, tendo seus próprios princípios e características”.

Saraiva (2013) afirma que na cidade de Lisboa tem ocorrido um avanço qualitativo no mercado, que fez surgir albergues especializados no atendimento a segmentos e nichos de mercado, a saber:

a) albergues independentes (*independent hostels*): são aqueles caracterizados por tarifas reduzidas, espaços comuns e partilha de dormitórios, mas que não são filiados à HI³;

b) albergues boutiques (*boutique hostels*): caracterizam-se por estarem associados a princípios de arte, arquitetura e *design*. Logo, costumam atrair indivíduos interessados nesses campos;

c) albergues ecológicos (*eco hostels*): são aqueles planejados e geridos dentro dos princípios do ecoturismo, com práticas e operações aliadas à sustentabilidade ambiental, social e econômica;

d) albergues de surfe (*surf hostels*): voltados aos turistas praticantes de surfe, possuem facilidades como o aluguel de equipamentos e acessórios ligados ao esporte;

e) albergues móveis (*mobile hostels*): não possuem uma localização fixa; itinerantes, mudam de local de acordo com a demanda.

O surgimento destas novas categorias é explicado pela necessidade de melhorar o atendimento aos diversos nichos de mercado ou por motivações do próprio empresário, como no caso dos hostels móveis, que podem ter sido originados por um desejo do empreendedor de continuar a viajar.

Além dos cinco tipos de hostels citados acima, foram identificados por Silva e Kohler (2015) mais dois tipos:

a) albergues de negócios (*business hostels*): são aqueles com características voltadas ao turista de negócios que prefere o clima despojado de um albergue. Contam sempre com quartos individuais ou duplos com banheiro privativo, ambientes mais sóbrios e menos festas;

³ HI: Hostelling International: uma organização de associação sem fins lucrativos que configura uma rede global de Associações de Albergues da Juventude.

b) albergues LGBT (gay friendly hostels): apesar de não possuírem muitas diferenças em suas características físicas, esse tipo de albergue, ao deixar claro que pertence a essa categoria, acaba por atrair o público LGBT – lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros.

A partir, dessa identificação Silva e Kohler (2015, p.59) afirmam que

(...) o que fica evidente, através desses tipos de albergue, é uma crescente segmentação do mercado, que possui diferentes perfis de público – ainda que com a primazia dos mochileiros –, e que, em muitos casos, vão muito além da proposta inicial dos albergues da juventude, ao receber turistas das mais variadas faixas etárias e com motivações diversas.

Com a crise econômica, que teve início entre os anos 2008 e 2009 e que atingiu grande parte do mundo, houve uma grande mudança no perfil e nos hábitos dos turistas de uma maneira geral. Essa situação obrigou diversos estabelecimentos de hospedagem a modificar suas tipologias, adequando-as às novas condições econômicas e aliando a boa prestação de serviço a preços mais modestos, visto que a comunidade de mochileiros não é mais exclusivamente formada por estudantes (LUGANO [2009] apud ALCOS, 2009).

De acordo com o proprietário do El Diablo Tranquilo Boutique Hostel, localizado em Punta Del Leste, no Uruguai, esta nova tipologia de hospedagem promove uma experiência de hospedagem melhor, com mais conforto e comodidade. Além de lançar mão de recursos do design de interiores e ainda oferecer ao usuário os mesmos serviços de um hotel padrão, essa modalidade de hospedagem ainda potencializa a promoção de encontros, experiências e atividades inusitadas, comuns ao hostel, inclusive com a instituição de espaços para jogar e beber coletivamente, aproximando hóspedes até então desconhecidos (MEISSENER, 2009 apud ALCOS, 2009).

Ou seja, a ambiência de um hostel proporciona uma maior e mais frequente sociabilização entre desconhecidos, o que torna tais espaços de hospedagem muito mais cosmopolitas. Segundo Meissener (2009 apud ALCOS, 2009), é muito provável que, no café da manhã, a pessoa ao lado seja um médico da Alemanha ou um estudante do Chile – e o fato de terem deixado seus países, suas famílias e, neste exato momento, estarem compartilhando o mesmo espaço e lugar, naturalmente os aproxima.

Há uma preocupação, em grande parte dos hostels, em relação ao que há de mais original e moderno na arquitetura e no design de interiores, sempre buscando alternativas de menor custo e de qualidade que proporcionem uma ambiência e uma estadia interessantes, confortáveis e que causem boa impressão e tornem os espaços individuais e coletivos atraentes e confortáveis. Sites como Trip Advisor e o Booking apontam que elementos de arquitetura e design de interiores podem não ser a principal razão ou critério para a escolha do lugar de hospedagem, visto que normalmente busca-se uma localização central. Porém, muitas vezes nos relatos de estadia deixados nesses sites, aqueles elementos são mencionados como pontos positivos do hostel.

Administrar e planejar turismo no mundo contemporâneo implica amplo conhecimento da realidade e das futuras tendências. É preciso que a razão trabalhe com a sensibilidade, que a funcionalidade não despreze a estética e que os esboços dos projetos não pequem pela generalização superficial e fácil, esquecendo os detalhes. (TRIGO, 2004, p.67)

No Brasil, a chegada do primeiro hostel aconteceu em 1961, no bairro de Ramos, na cidade do Rio de Janeiro. Foi inaugurado por um casal de educadores, Yone e Joaquim Trotta, que, logo após uma experiência em uma unidade na França cinco anos antes, resolveram trazer o modelo para o Brasil, inaugurando a “Residência Ramos”, como era chamado o hostel, que permaneceu aberto até 1973. Neste meio tempo, o estado de São Paulo abrigara dois novos hostels, fechados durante o golpe militar no país sob a acusação de reunir jovens universitários. Também na década de 1970, na cidade do Rio de Janeiro, foi fundada a Federação Brasileira de Albergues da Juventude (FBAJ) e, uma década depois, em São Paulo, a Associação Paulista de Albergues da Juventude (APAJ).

No início de 1986, João Dória Júnior assumiu a presidência da Embratur e incentivou o trabalho dos hostels, tornando-os conhecidos em todo o Brasil. O hóspede que se associar à FBAJ recebe descontos nas diárias dos hostels credenciados por todo o mundo. De acordo com a comissão nacional desse grupo, existem mais de 100 hostels no Brasil distribuídos pelos estados (APAJ, [s.d.])

Figura 8: Cartaz da primeira grande campanha do movimento alberguista no Brasil, realizada em 1987, pela Embratur, na gestão do presidente João Doria Jr.



Fonte: Giaretta (2003, p.78)

No Brasil, existem atualmente mais de 90 hostels habilitados e credenciados pela Federação Brasileira de Albergues da Juventude, que fornece diretrizes para o crescimento da rede e ainda mantém laços estreitos com as demais federações do mundo (APAJ, [s.d.]). A cidade do Rio de Janeiro é onde se encontra o maior número de hostels no Brasil. Nos últimos quartos anos foi registrado um aumento de 240% na abertura de novos empreendimentos (SANTOS, 2013 apud SEBRAE, 2015).

Uma das principais características de um hostel é a promoção da socialização entre os hóspedes graças a uma ambiência mais descontraída nas áreas comuns como cozinha, bar e salas de estar. Outro diferencial importante é a proposta de hospedagem a um custo inferior em relação aos hotéis. Em um hostel é possível se hospedar em quartos coletivos mistos ou divididos por gênero. Alguns disponibilizam inclusive quartos ou suítes individuais, porém todos os demais espaços são compartilhados.

Temos de nos conscientizar de que o conforto, a segurança e o prazer não são necessariamente caríssimos e luxuosos. Há soluções práticas e funcionais que podem garantir uma viagem econômica e gostosa. É preciso instalar equipamentos turísticos “bons, bonitos e baratos”: restaurantes com comida caseira, simples e econômica; hotéis de uma ou duas estrelas ou alojamentos para receber famílias; ônibus seguros e livres do aparato tecnológico que os encarece. (TRIGO, 2004, p.39)

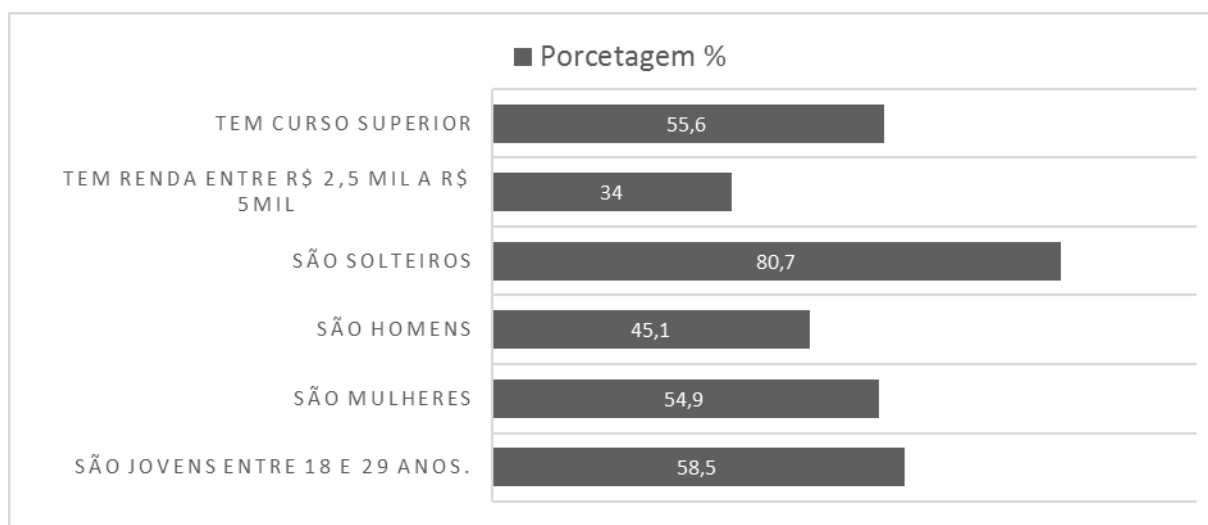
Trigo (2004) ainda afirma que o respeito a diversidade e aos diferentes tipos de pessoas e gostos é característica da situação atual da indústria turística e tendência para os próximos anos. De acordo com Cardoso [s.d.], a indústria dos hostels tem crescido nas grandes cidades de todo o mundo, tornando-se um forte modelo de negócios. Em algumas cidades, eles têm se tornado mais lucrativos que os próprios hotéis. Muitos deles têm reportado uma ocupação em constante crescimento, enquanto que os hotéis detectam o contrário.

A procura por meios alternativos de hospedagem no Rio de Janeiro foi intensificada pelos grandes eventos que ocorreram e ainda vão ocorrer no estado – consequentemente, pela grande movimentação de turistas vindos do exterior, onde essa prática é comum. Dentro desse cenário, os albergues ou hostels são os mais procurados entre os turistas. (SANTOS, 2013 apud SEBRAE, 2015, p.1)

Segundo pesquisa de 2012, feita pelo casal de turismólogos Douglas e Julia Sawaki, com apoio do site Mochileiros e do blog de Turismo Backpacker em um universo de 550 pessoas, foram identificados dados importantes para a definição do público que se hospeda em hostels. De acordo com a pesquisa, 60,67% dos turistas são oriundos da região sudeste do Brasil (SAWAKI, J.; SAWAKI, D., 2013).

O SEBRAE (2015) fornece dados mais recentes e específicos sobre o perfil do turista que se hospeda em hostel, como podemos verificar na imagem a seguir.

Figura 9: Perfil do Turista que se hospeda em hostel



Fonte: SEBRAE (2015), adaptado pela autora.

Outro aspecto também analisado pelo SEBRAE diz respeito a quais fatores influenciam o turista na escolha por um hostel. De acordo com pesquisa, 61,4% consideram o custo-benefício fator principal para a escolha, enquanto 15,7% valorizam a possibilidade de interação. Cerca de 14,7% procuram intercâmbio cultural e social, enquanto 5,2% estão em busca de entretenimento e 3% escolhem o hostel por outro motivo.

A partir de dados fornecidos pelo Ministério do Turismo, os meios de hospedagem podem ser classificados nas seguintes categorias: Hotel, Resort, Hotel Fazenda, Cama e Café, Hotel Histórico, Pousada e Flat/Apart. Existe ainda, uma subclassificação para cada uma dessas categorias – aquela que utiliza a simbologia de estrelas – que podem variar de um a cinco, de acordo com os serviços prestados (BRASIL, 2010).

Hostels e albergues não entraram no Sistema Brasileiro de Classificação Hoteleira, pois operam a partir de um sistema próprio que os classifica como bons ou muito bons.

Os hostels são fiscalizados pelo menos uma vez por ano pela HI Brasil e também temos um link de avaliação da hospedagem em ambos os sites, nacional e internacional. A opinião de quem se hospeda num hostel é um medidor e também nos ajuda a identificar unidades que possivelmente estejam fora dos padrões. As inspeções podem descredenciar estabelecimentos que descuidam dos padrões de qualidade estabelecidos pela Hostelling (ALVES, [s.d.]).

Nesse segmento, há também regras para os usuários, como destaca o presidente da Federação:

(...) temos normas internas nos locais de uso comum, quartos, cozinha, lavanderia e banheiros, que variam de hostel para hostel. Quem não segue as normas do estabelecimento pode até ser convidado a se retirar e certamente não poderá se hospedar novamente em um equipamento da rede. O mais interessante é que não temos muitos problemas com nossos hóspedes que, geralmente, são pessoas que viajam bastante e possuem um nível cultural alto (ALVES, [s.d.]).

De acordo com Lélis e Toledo (2015), hostels possuem características específicas de cada ambiente, tais como a recepção onde são fornecidas todas as

informações necessárias a respeito da hospedagem e a disponibilização de panfletos informativos e mapas sobre a cidade. As áreas de convivência, normalmente representadas por salões de jogos, sala de estar, piscina e bares, dentre outros, são os lugares onde há a interação entre os hóspedes, onde se encontram para trocar ideias sobre passeios, viagens e para conversar informais. A cozinha é um espaço bem característico de um hostel, visto que a maioria deles oferece a cozinha comunitária onde é possível fazer a sua própria refeição e, desta maneira, também conhecer pessoas. Aqui destacamos o dormitório que é o objeto de estudo desta pesquisa.

É possível encontrar, em hostels, quartos coletivos equipados com beliches e armários individuais com cadeados; em alguns hostels há também a possibilidade de oferta de quartos privativos, normalmente em menor número. Outro ambiente também de natureza dúbia são os banheiros, que podem ser coletivos e separados por gênero ou podem ser privativos e localizados dentro do próprio aposento.

Atualmente, em virtude do fácil acesso à informação e às tecnologias, houve mudanças significativas relativas à vida do consumidor e aos prestadores de serviços dos mais diversos setores. Um destes setores foi o de turismo, atingido diretamente por ferramentas tecnológicas como a internet, principalmente no que diz respeito a redes sociais e a sites de pesquisa. Atualmente, uma viagem pode ter início, antes mesmo de se chegar ao local desejado, visto que é possível fazer visitas, tours online por meio de fotos ou outros meios digitais, ter acesso a informações deixadas em sites especializados.

Para Trigo (2004, p.64),

(...) em um mercado caracterizado pela variedade de preços, opções, qualidades e tipos de produtos, a massificação atinge uma faixa cada vez mais delimitada e restrita no trade turístico. A partir do momento em que as pessoas começam a se preocupar com qualidade e a exigir atendimento personalizado, as empresas deixam de lado tudo o que representa um produto ou serviço indiferente, pré-montado, um pacote qualquer.

A atividade turística é um dos elementos socioeconômicos mais importantes e mais consolidados no panorama mundial, “desempenhando um fundamental papel na economia, apresentando reflexos na política, no meio ambiente e na cultura dos povos” (GUZMAN; JUNIOR; SANTOS, 2014). O turismo é uma das principais fontes de receita de países em desenvolvimento – e mesmo dos desenvolvidos (DIAS, 2003 apud

GUZMAN; JUNIOR; SANTOS, 2014). Descobrir e conhecer novos lugares e novas culturas, é uma necessidade do ser humano, vista como uma das principais atividades de lazer e de entretenimento.

Segundo o SEBRAE (2015), há um novo nicho de mercado, impulsionado pelos viajantes solitários, que tem atraído novos empreendedores do setor turístico. É preciso conhecer o perfil desse “novo” turista, a fim de utilizar as ferramentas certas para atraí-lo.

Uma das principais estratégias que caracterizam este tipo de turista é a utilização da internet para reservas sem o intermédio de agências de turismo. Outro fator do ambiente virtual que caracteriza esse novo tipo de turismo é o compartilhamento de experiências, realizado em sites especializados, blogs, fóruns e redes sociais. Neste veículo de informação digital, é possível encontrar relatos dos viajantes, que contam suas experiências nos locais de hospedagem, lançam sugestões, expressam expectativas, pontificam valores e até mesmo analisam os roteiros realizados.

O SEBRAE (2015) aponta que o perfil deste turista solitário é o jovem adulto na faixa dos 35 anos; com acesso à internet – aliada para pesquisas de preços de passagem, hospedagens e troca de experiências –; de classe média; gosta de escolher com liberdade seu destino de viagem; é do sexo masculino na maior parte das vezes, e; quer ter acesso a diversos destinos, gastando o mínimo possível. O perfil desse novo turista ainda afirma que o hostel é a alternativa de hospedagem mais procurada, em vista da comodidade e dos preços acessíveis. Há ainda uma forma mais recente de hospedagem alternativa, conhecida por B&B, e descrita pelo SEBRAE (2015) como: “(...) o morador do local (anfitrião) oferece serviço de quarto e café da manhã ao visitante, proporcionando convívio com moradores e contato com hábitos e culturas locais”.

Há, no site do SEBRAE, a indicação de dez fatores-chave de sucesso para os hostels. Dentre eles, estão: (1) Localização; (2) Infraestrutura; (3) Política de preços; (4) Higiene e Limpeza; (5) Avaliação; (6) Atendimento; (7) Segurança; (8) Gestão de qualidade; (9) Qualificação e; (10) Facilidades.

Segue breve descrição de cada fator:

1. Localização

A escolha de uma área bem localizada, segura, silenciosa com facilidade de acesso ao transporte público e, de preferência, próxima a pontos turísticos, pode garantir vantagens para o sucesso do negócio.

2. Infraestrutura

É importante planejar a revisão do estado de conservação de seu hostel, além de um plano contínuo de conservação e de revitalização da estrutura oferecida aos hóspedes.

3. Política de preços

Os preços devem ser condizentes com os praticados pela concorrência na região, acirrando a disputa pela preferência dos clientes, mesmo quando há promoções.

4. Higiene e limpeza

Deve-se priorizar a qualidade do serviço, utilizando produtos específicos para cada tipo de área do hostel, garantindo a completa higienização do espaço.

5. Avaliação

As avaliações de sites especializados e de hóspedes são um bom termômetro para saber qual a colocação do seu hostel no mercado.

6. Atendimento

Um bom hostel oferece um serviço de qualidade e cria uma atmosfera agradável e acolhedora, respeitando as diversas culturas, perfis e gostos dos clientes.

7. Segurança

É importante garantir a integridade física dos hóspedes, dos visitantes, dos colaboradores e dos prestadores de serviços que se encontrem nas dependências do seu hostel. Uma das práticas que pode ajudar neste ponto é a adoção de políticas de segurança preventiva com a instalação de equipamentos.

8. Gestão de qualidade

Buscar um padrão de excelência, aprimorando os procedimentos e os processos, é essencial para manter o hostel em um nível competitivo no mercado.

9. Qualificação

Uma equipe de trabalho composta por profissionais que se qualificaram para as atividades é essencial para a obtenção de sucesso.

10. Facilidades

Pensar em um design que facilite a interação entre os hóspedes ou até mesmo com o público externo é um diferencial que vai ser levado em conta na hora de escolha.

Proprietários e empresários que possuem a intenção de abrir este tipo de hospedagem devem estar atentos a essas diretrizes propostas pelo SEBRAE. Devem procurar os órgãos especializados, instituições de apoio e associações. Com o mercado em expansão e competitivo, é preciso se adequar às normas e proporcionar serviços de qualidade a fim de atrair o maior público possível.

3.1 Quartos como espaços da intimidade

Uma casa não é feita de paredes, conforme afirma Marcos (2004), mas sim de seus habitantes, que se apropriam daquele espaço. A autora afirma também que os objetos e pertences dos que habitam a casa revelam um “universo de segredos, de privado e de realidade própria” o que o transforma em um “lar”.

Sobretudo para que o espaço tenha o sentido de habitar, ele deve estar preparado para o imprevisto e para novas possibilidades de uso, um dos principais fatores que diferenciam estar e habitar.

Que a cozinha, pensada como lugar em que se prepara a comida, possa também se transformar em lugar de encontro, onde todos se comprimem no seu exíguo espaço e se compartilha a boa conversa e a boa comida. Cômodos rigidamente definidos por sua funcionalidade lembram-nos instituições, cárceres e hospitais. Ora, esses lugares são definidos a partir de uma funcionalidade e regidos por uma lei que busca banir o imprevisto e o acidente a fim de manter a ordem. Não seria a casa o avesso disso? Mesmo se ela também é, em um certo sentido, manutenção da ordem, contenção da errância dos homens, a casa, para ser casa, precisa deixar caminho aberto à irrupção da desordem, da surpresa e do imprevisto. (MARCOS, 2004, p.184)

Assim, temos o quarto como um dos principais ambientes da casa e possivelmente aquele em que passamos a maior parte do tempo, seja para o repouso, o sono, o nascimento, o amor, a meditação, a leitura ou a escrita: “Do parto à agonia, o quarto é o palco da existência, ou pelo menos de seus bastidores, onde, tirada a

máscara, o corpo despido se abandona às emoções, às tristezas, à volúpia” (PERROT, 2009, p. 15).

Os gregos davam o nome de *kamara* aos espaços utilizados para repouso (PERROT, 2009). Ainda segundo a autora, demorou um longo tempo até que o espaço de repouso fosse destinado exclusivamente ao sono, principalmente de forma individualizada. Para os latinos, este espaço era chamado de *cubiculum*. A expressão “quarto de dormir” surge nos dicionários somente na metade do século XVIII.

Os quartos de dormir foram precedidos pelas salas, que melhoravam de acordo com o enriquecimento do campo no século XIX, na França. A maior parte das residências rurais daquele país na década de 1870 possuíam apenas esse cômodo com uma lareira, cerca de 30 ou 40m², para reunir toda a família para todas as atividades, comer, dormir e se relacionar. Uma vida em comum separada apenas por cortinas de algodão. Apartamentos com muitos cômodos era algo como um privilégio para aqueles poucos afortunados que faziam suas refeições separadamente de onde se dormia. Perrot (2009) considera o quarto como uma caixa, materializada normalmente por quatro paredes, teto, chão, porta e janela, modificada e adaptada de acordo com as épocas históricas e as classes sociais. Entende também que o quarto, como ambiente hermético, exerceas funções de proteção e de intimidade daqueles que ali habitam. Este fechamento é representado pela porta com fechadura a chave e as cortinas: “O quarto protege: você seus pensamentos, suas cartas, seus móveis, seus objetos. Muralha, ele afasta o intruso. Refúgio, ele acolhe. Depósito, ele acumula (PERROT, 2009, p.16).

Litré (1863-1872, p.3 apud PERROT, 2009, p.54) afirma que “a vida privada deve ser preservada, não é permitido procurar e revelar o que se passa na casa de um particular”. Considerando o ambiente do quarto e sua utilização, deve ser ainda menor aquilo que é revelado. Perrot (2009) pontua que diversos fatores contribuem para esse isolamento, como por exemplo o pudor e o desejo de esconder o exercício da sexualidade de maneira individual ou conjugal.

O quarto é, em profundidade, o nosso quarto, o quarto está em nós. Já não o vemos. Ele já não nos limita, pois estamos no próprio fundo do seu repouso, no repouso que ele nos conferiu. E todos os quartos de outrora vêm encaixar-se neste quarto. Como tudo é simples! (BACHELARD, 2005, p.228)

O desejo de intimidade é inerente ao indivíduo, como a necessidade de se recolher e de se esconder do assédio dos olhares estranhos. Perrot (2009) ressalta a importância da individualidade na presença de um espaço próprio onde cada ser humano tenha a possibilidade de se isolar, exercer sua individualidade. O quarto é o ambiente de maior intimidade de um indivíduo ou casal em uma casa. É um ambiente que pode ser cenário de diversas atividades íntimas, além do repouso, como os atos de se despir e se vestir; é onde ficam guardados os itens mais pessoais de um indivíduo: roupas, objetos de valor sentimental e simbólico, assim como os de valor monetário. O quarto como espaço individual é, segundo Perrot (2009), desejo relativamente universal para atender às necessidades do corpo e da alma.

3.2 Os diferentes espaços de dormir compartilhados

Na Rússia, segundo Oswald (2011), após a tomada do poder pelos bolcheviques, houve uma distribuição dos imóveis para o povo. Assim, diversas famílias ocupavam um mesmo apartamento, os chamados “apartamentos comunitários”, onde cada uma ocupava uma área privativa, normalmente restringida a um quarto. Aquelas famílias eram obrigadas a compartilhar o banheiro e a cozinha – algo muito parecido com os hostels, objeto de estudo desta pesquisa.

A parte organizacional desses apartamentos comunitários era extremamente problemática. De início, avisos eram postos a fim de organizar a divisão dos trabalhos domésticos, bem como os horários de acesso, inclusive em relação ao uso do banheiro, o ambiente que mais gerava conflitos. Podemos perceber quanto conflituoso era coabitar um mesmo espaço com diversas famílias:

os novos casais coabitavam com os antigos. Os divorciados não partiam. As ex-empregadas domésticas podiam conservar seus quatinhos, caso fossem bem pequenos (menos de 9m²), senão deveriam cedê-los a uma família e dormir na casa dos antigos patrões. Aos “cantos” tradicionais acrescentavam-se divisões com cortinas, biombos ou armários colocados perpendicularmente às paredes para abrigar as camas, que muitas vezes eram desfeitas durante o dia. (PEROT, 2009, p. 53)

São identificados também por Perrot (2009) outra forma de quartos comunitários, as chamadas “*chambrées*”, quartos dormitórios para trabalhadores das cidades manufatureiras na França durante o século XIX. Nesta tipologia, não eram

permitidos homens menores de vinte anos. Dois em cada cama era regra na maioria das cidades. Segundo Perrot (2009, p. 205):

O *Annuaire Statistique* de 1878 define a *chambrée* como um “cômodo contendo diversos leitos, destinados a abrigar locatários não tendo entre eles nenhum laço de parentesco”. Pelo menos quatro camas, cinco em média, por volta de 1880, às vezes muito mais, sobretudo em início de período.

Neste período, haviam também *chambrée* em um sentido militar, em que soldados ou prisioneiros em batalha partilhavam do mesmo quarto. Os dormitórios operários na França eram habitados por homens pobres em condições muito precárias. Ainda havia resquícios de xenofobia contra italianos e judeus. Os operários se dividiam de acordo com sua origem, província, nacionalidade ou etnia, agrupando-se também pela atividade profissional.

A limpeza embora feita regularmente, não impedia o mau cheiro desses corpos suados, sumariamente lavados. Os operários se esforçavam para criar um cantinho para eles. Escreviam nas paredes o nome de sua aldeia, de sua esposa ou de sua “prometida”: (...) (PERROT, 2009, p. 206-207).

O compartilhamento dos espaços de dormir é ainda algo muito comum e frequente nos dias de hoje. A maneira mais comum de compartilhamento de quarto encontrada, é a entre irmãos ou parentes em uma mesma casa unifamiliar. Porém, existem outros modelos e diferentes razões e motivações pessoais e ou coletivas. Existem aqueles espaços para repouso, criados a fim de atender a demandas de empresas ou instituições para abrigarem funcionários, alunos ou visitantes, dentre outros. Normalmente são chamados de alojamentos, temporários ou não.

Muitas instituições educacionais fornecem alojamento estudantil a seus alunos. Existe a forma do quarto individual, mas há também a coletiva, como é o caso da EPCAR, uma instituição de ensino da Força Aérea Brasileira sediada na cidade de Barbacena/MG. A instituição recebe alunos para o ensino médio e para o Curso Preparatório de Cadetes do Ar, com o intuito de prepará-los para o ingresso no Curso de Formação de Oficiais Aviadores (CFOAv) da Academia da Força Aérea (AFA).

Os alojamentos/dormitórios são compartilhados, localizados em um salão de grandes dimensões, com piso de taco, sem rebaixamento de gesso, iluminação fria. As camas de madeira, todas iguais, ficam dispostas na parte central deste salão, lado a lado, com uma distância mínima entre elas, e os armários individuais, para armazenamento de objetos e roupas, são feitos de madeira e ficam encostados às paredes. Tudo exatamente igual, sendo impossível identificar qual cama e ou armário pertencia a quem, visto que era proibido deixar objetos pessoais expostos. Também todas as roupas de cama eram idênticas e deviam estar dobradas da mesma maneira. Não havia sinais de personalização nos equipamentos individuais.

Podemos verificar, na foto abaixo, que nada mudou nos últimos 30 anos: as camas e armários permanecem iguais e dispostos exatamente da mesma maneira descrita por eles, e ainda não é possível identificar resquícios de personalização dos espaços e equipamentos individuais.

Figura 10: Alojamento EPCAR em Barbacena/MG.



Fonte: Disponível em: <<https://aquestaoestanoar.wordpress.com/2014/04/19/nascente-do-poder-aereo-2/>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

Existem também outras maneiras de compartilhamento de quartos, como é o caso de orfanatos e abrigos para crianças. Identificamos o Lar da Criança Padre Franz Neumair, localizado na cidade de Niterói/RJ, como um bom exemplo. Trata-se de uma instituição sem fins lucrativos declarada na forma da lei como de utilidade pública municipal e federal, filiada a Mitra Arquidiocesana de Niterói, inaugurada em 15 de agosto de 1987.

O Lar da Criança abriga hoje em dia cerca de 40 crianças. Sua infraestrutura física oferece diversas salas de atividades educacionais e recreativas, além de contar também com consultório médico e odontológico, capela, secretaria, departamento pessoal, copa, cozinha, dois refeitórios, dispensa, lavanderia, banheiros, berçário, dormitórios, terraço, pátio externo, dois parquinhos, salão de festas, piscina e quadra esportiva coberta. O Lar ainda disponibiliza, ao acolhido, assistência social, psicológica, fonoaudiológica, educacional, nutricional, recreativa e cultural.

Os quartos são compartilhados e mistos. Existe um berçário que acolhe crianças de 0 a 3 anos – após o terceiro aniversário a criança segue para aquele quarto compartilhado. O espaço se assemelha a um grande salão com divisórias em alvenaria que fazem suporte aos armários, formando boxes. Cada box é composto por três camas de solteiro. É possível encontrar sobre as camas e armários objetos pessoais de cada criança, como brinquedos, normalmente recebidos de doações. O enxoval das camas é variado. Em algumas delas, encontramos similaridades, assim como as próprias camas que são de madeira, pintadas possivelmente com tinta esmalte marrom. Cabe ressaltar que a maior parte das paredes do ambiente é pintada com ilustrações de temas infantis, e os armários são trancados com cadeados. Esta descrição pode ser observada nas fotos abaixo, cedidas pelo Lar para este trabalho.

Figura 11: Quarto Lar da Criança Padre Franz Neumair



Foto: cedida pela Irmã Ana Paula, ([s.d.])

Figura 12: Quarto Lar da Criança Padre Franz Neumair



Foto: cedida pela Irmã Ana Paula, ([s.d.])

Figura 13: Quarto Lar da Criança Padre Franz Neumair



Foto cedida pela Irmã Ana Paula ([s.d.])

Nas fotos acima verificamos ainda a ausência de cortinas ou persianas, luminárias individuais, tomadas, criados ou quaisquer outros mobiliários que não sejam as camas e os armário embutidos. A individualidade da criança fica restrita aos armários e o espaço sobre a cama e abaixo dela – elementos comuns a esta tipologia de quarto compartilhado.

O universo do quarto infantil, de acordo com Perrot (2009), foi, durante muitos anos, negligenciado pelos arquitetos e projetistas até em parte pela Bauhaus e Le Corbusier. O quarto da criança ficava sempre em segundo plano, mesmo que próximo ao quarto principal, o dos pais. Não se beneficiava de uma localização estratégica e ou privilegiada. As mudanças de paradigma em relação aos quartos infantis só ocorreram na segunda metade do século XX, com reflexões por parte dos arquitetos.

(...) sobre o habitat doméstico e sua separação entre o “espaço dia” e o “espaço noite”, que implica uma revalorização dos quartos. Porém sempre, no que concerne à criança, a hesitação entre o desejo de isolá-la e o de incluí-la, entre o sono e o jogo, individual ou coletivo. Paul Chemetov previa nos anos 1960, salas de jogos nos imóveis, à moda escandinava. A indiferença deu lugar ao escrúpulo, e mesmo à ansiedade. O quarto dos pais diminui em benefício dos quartos das crianças, sobretudo dos adolescentes, consciência pesada, remorso das sociedades ocidentais. (PERROT, 2009, p. 115)

Ainda segundo Perrot (2009), atualmente há grande quantidade de estudos arquitetônicos, pesquisas e tratados psicopedagógicos voltados para o quarto da criança. Muitos destes tratados desmitificam questões, como a cultura da arrumação e o quarto como lugar sagrado de repouso. Outro ponto discutido é o compartilhamento do quarto. De acordo com Egill (2002 apud PERROT, 2009), o quarto da criança deverá ser, sempre que possível, individual e sem imposições: a criança deve ter a liberdade de escolher como será seu quarto.

Liberdade, intimidade, individualidade: são esses os mandamentos que regem a nova ordem infantil, afastada das normas da disciplina antiga, da rigidez da etiqueta doméstica, tão intolerante para cama desarrumada, as roupas em desordem, os brinquedos pelo chão, a lâmpada acesa. (PERROT, 2009, p. 108).

Existem ainda modelos de quartos compartilhados compulsórios, como é o caso de cadeias, manicômios judiciais e atualmente as residências terapêuticas – além dos sanatórios para tuberculosos e doentes psiquiátricos de antigamente. Segundo Perrot (2009), tuberculosos dividiam o mesmo espaço com os sadios, sem divisões, até o início dos anos 1920, quando surgiram as primeiras divisórias que separavam as camas, evitando o espetáculo da morte e a franca disseminação de piolhos.

Por muito tempo, principalmente no período em que o cristianismo se difundiu, acreditava-se que a doença psíquica representava a manifestação da ira divina, causando medo e pânico na sociedade e nos cidadãos considerados “normais”. Assim como a loucura, a lepra e outras patologias ditas sociais também foram foco de exclusão social. Por este motivo, ainda na Idade Média, os primeiros hospitais para portadores de sofrimento mental foram construídos à maneira de grandes fortalezas e masmorras.

A cidade de Barbacena, Minas Gerais, abrigou um dos mais famosos hospitais psiquiátricos do país, o atual Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena – CHPB, que faz parte do complexo da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais – FHEMIG. Este sítio, que existe até hoje, veio a ser, em 1903, a principal referência da Assistência aos Alienados em Minas Gerais. Acredita-se ter sido a sede de uma fazenda que pertenceu a Joaquim Silvério dos Reis (no século XVIII), que morava no Arraial da Igreja Nova (Barbacena).

Nas imediações deste prédio, já no final do Século XIX, existia uma pequena estação da Estrada de Ferro Central do Brasil, que trazia em suas composições os indesejados sociais, especialmente os pacientes psiquiátricos recolhidos nos estados da federação (o chamado “trem de doido”). Este complexo hospitalar, durante os mais de cem anos de sua existência, adotou várias políticas públicas, numa oscilação de objetivo e missão, de avanços e retrocessos, muitas das vezes escrevendo sua história de uma maneira cruel, mas que refletia o olhar da sociedade e do governo para a doença mental.

O hospital, desvirtuando-se do modelo dos tempos de sua fundação, chegou a abrigar cerca de cinco mil pacientes na década de 1950. Como não possuía estrutura organizacional para atender a esta demanda, foi instalado o caos. Nos pavilhões, velhos e jovens ficavam juntos sem nenhum tratamento, acompanhamento ou triagem. Camas de capim, moscas, restos de comida e trapos faziam parte do cenário dos alojamentos.

Em 1930, com a superlotação da unidade, uma história de extermínio começou a ser desenhada. Trinta anos depois, existiam 5 mil pacientes em lugar projetado inicialmente para 200. A substituição de camas por capim foi, então, oficialmente sugerida, pelo chefe do Departamento de Assistência Neuropsiquiátrica de Minas Gerais, José Consenso Filho, como alternativa para o excesso de gente. A intenção era clara: economizar espaço nos pavilhões para caber

mais e mais infelizes. O modelo do leito chão deu tão certo, que foi recomendado pelo Poder Público para outros hospitais mineiros em 1959. Somente em 1980, quando os primeiros ventos da reforma psiquiátrica no Brasil começaram a soprar por lá, é que os gemidos do desengano foram sendo substituídos por alguma esperança. (ARBEX, 2013).

Figura 14 e 15: Leitos do Hospital Colônia antes da superlotação



Fonte: Arbex (2013, p.16)

O compartilhamento do espaço de dormir em sanatórios e hospitais psiquiátricos era feito de forma compulsória. Havia falta de medicamentos, relatos desesperados de gente abandonada no Hospital Colônia por diversas razões, além de um alto índice de mortalidade. Dores, angústias e sofrimentos eram parte da rotina do hospital.

Edificações austeras, rígidas e prontas para enclausurar grandes concentrações de indesejados sociais. Mesmo com o passar do tempo, o estigma sobre estes tipos de pacientes continuou forte, sendo enfatizado pelo tratamento diferenciado, que os forçava a um exílio social. É exatamente em oposição a tudo isso que houve a reforma psiquiátrica, que deu origem a um novo tipo de tratamento, através das Residências Terapêuticas que recebem os egressos destas longas internações psiquiátricas, com acompanhamento e assistência oferecidos nos Centro de Atenção

Psicossocial – CAPS, que visam à ressocialização do paciente psiquiátrico, garantindo-lhe entre outras coisas sobretudo o direito à cidade.

As Residências Terapêuticas fazem parte da política do Governo Federal de reformulação da assistência psiquiátrica no Brasil. Segundo Pereira (2008, p.17),

as “residências terapêuticas” (...) fazem parte de uma “estratégia” pensada cuidadosamente para servir como instrumento de emancipação de pessoas marcadas pela longa internação psiquiátrica. Tal estratégia prevê entre outras coisas um rompimento com os hábitos adquiridos no hospital. Na outra ponta estão aqueles que, no seu cotidiano, articulam novas “táticas”, combinam novas maneiras de viver e de morar; ou seja, novos modos de habitar, com toda a bagagem vivencial que seus moradores trouxeram consigo de uma residência anterior: o hospital.

Uma residência terapêutica funciona como uma alternativa à internação de pacientes psiquiátricos. O Estado aluga uma casa que comporta no máximo oito pacientes sob o olhar atento de um cuidador, com o intuito de criar um ambiente doméstico, reconstruir relações sociais, estimular a participação nas decisões e a cooperação no trabalho doméstico. O intuito, segundo Pereira (2008, p.31), é

(...) dar um lar e recuperar a “autonomia” dos ex-pacientes. As RTs devem ter todos os equipamentos necessários a uma casa. Podem abrigar até oito pessoas, distribuídas em no máximo três por quarto, para que não se repita o regime de uma enfermaria.

Cada casa tem, além do quarto compartilhado, uma sala de estar, uma copa e dois banheiros também compartilhados. Os quartos são composto de seis leitos, com seis armários individuais. Neles, os pacientes aprendem a guardar seus pertences, resgatando a ideia de individualidade, bem como a de cidadania.

Figura 16: Quarto compartilhado de uma residência terapêutica



Fonte: Disponível em: <<http://www.tribunademinas.com.br/passo-final-na-industria-da-loucura/>>.
Acesso em: 16 fev. 2016.

Em Barbacena/MG há também outro modelo do compartilhamento de quartos obrigatório, o do Manicômio Judiciário Jorge Vaz. A unidade psiquiátrica e judiciária recebe criminosos, suspeitos de terem praticados delitos em momentos de surto, que receberam comprovação de doença mental graças a laudos realizados por psiquiatras.

O setor feminino do Manicômio Judiciário abriga entre cinquenta e sessenta pacientes, em média. Elas são distribuídas em três dormitórios coletivos cada um, com cerca de quinze a vinte pacientes, além de seis celas individuais para quando a paciente apresenta alguma alteração e ou agitação. Essas celas são também utilizadas na primeira semana de cada interna, salvo quando há alguma recomendação da equipe técnica para que o convívio com as demais seja imediato.

Os quartos compartilhados são compostos de camas feitas de alvenaria com colchão, dispostas lado a lado e perpendiculares às paredes. Dentro deste mesmo ambiente encontra-se o vaso sanitário. Todas as celas possuem saída para um pátio onde acontecem o banho de sol e outras atividades, em horário específico. Cada cela conta ainda com um banheiro coletivo, que tem em média quatro a cinco bacias sanitárias com chuveiros de água quente. O enxoval é fornecido pelo Estado. Pode ter alguns itens pessoais e, às vezes há alguma restrição de objetos para pacientes suicidas.

Elas fazem compras de objetos pessoais, como produtos para higiene pessoal e gêneros alimentícios. Algumas podem ter seu próprio rádio. Há uma televisão no corredor, na parte externa de cada dormitório. É possível também encontrar em algumas paredes próximas as camas, fotos, cartas e outros objetos removíveis.

Figura 17: Foto de uma das celas do Manicômio Jorge Vaz



Fonte: Disponível em:

<http://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2012/12/18/interna_nacional,337702/presos-em-manicomio-judiciario-prestes-a-ver-a-luz-no-fim-do-tunel.shtml>. Acesso em: 28 nov. 2016

Há também o compartilhamento de quarto que ocorre nas instituições de saúde, públicas ou privadas. Clínicas e hospitais públicos dispõem para aqueles que sofrem ou sofreram de alguma enfermidade e estão em recuperação, espaços coletivos, como quartos e banheiros, até que tenham alta médica.

Mesmo em hospitais particulares, nem todas as formas de convênio de plano de saúde oferecem quarto privativo, o que obriga os pacientes a dividirem os aposentos com outros.

Asilos e hospitais permanecem um lugar de amontoamento. Em salas enormes, que são impossíveis de esquentar, alinham-se e superpõe-se leitos que em caso de necessidade ocupam os corredores e nos quais deitam-se ao mesmo tempo três ou quatro pacientes. (PERROT, 2009, p.247)

Este relato é a respeito dos leitos de hospitais na França durante o século XIX. França e Brasil. Características e situações que temporalmente estão distantes, mas que podem ser descritas de maneira muito próxima. Em todas elas, o ato de individualizar-se parece impossível. Nem mesmo o espaço compartilhado se encontra digno, capaz de abrigar os necessitados de maneira satisfatória.

Porém, há alguns hospitais promovendo uma mudança nestes ambientes, principalmente naqueles onde ficam internados pessoas com doenças crônicas e graves que permanecem por longos períodos em hospitais. Também ocorre a intenção de humanizar e promover maior conforto nas enfermarias infantis, como é o caso da Santa Casa de Juiz de Fora/MG.

Figura 18: Enfermaria Hospital Maternidade Therezinha de Jesus em Juiz de Fora/MG



Fonte: Disponível em: <<http://www.hmtj.org.br/2014/o-hospital/setores-e-servicos-de-saude/enfermarias-unidades-de-internacao>>. Acesso em: 24 nov. 2016

Figura 19: Quarto Canguru – Unidade Neonatal Santa Casa de Juiz de fora



Fonte: Disponível em <<http://blog.imahd.com.br/>>. Acesso em: 28 fev. 2016

3.3 Quartos compartilhados de hostel e o design de interiores

Hostels buscam aliar a essência dos albergues, expressa pela socialização e pela promoção de encontros, aos serviços e equipamentos encontrados em hotéis convencionais, juntando a isso a arquitetura, o design de interiores e a mistura de estilos.

Segundou Douglas Sawaki e Julia Sawaki (2013), a questão do design no hostel está relacionada a estética dos objetos somada as suas funcionalidades, para que sejam práticos, ergonômicos e bonitos. Devem agradar aos olhos e serem funcionais para o uso dos hóspedes.

A principal característica que define um meio de hospedagem como o hostel é justamente a possibilidade de se compartilhar um dormitório com outros usuários. Tal atributo permite oferecer tarifas bem inferiores, se comparadas às outras formas de hospedagem.

Visto isso, temos que, na cidade de São Paulo, segundo Silva e Köhler (2014), existe maior variedade nas opções de hospedagem do que as encontradas nos Estados Unidos da América e na Europa Ocidental e Central. Nesses lugares normalmente são ofertados apenas quartos compartilhados. Ainda de acordo com os autores, na capital paulista existem cinco hostels onde é possível encontrar o quarto individual, além de trinta deles que possuem a opção do quarto para duas pessoas. Isso se deve ao fato de que há ainda restrição, por parte do turista brasileiro, em dividir o quarto e partilhar banheiros.

Outro dado obtido na pesquisa de Silva e Köhler (2014) é que, mesmo o brasileiro sendo reticente em compartilhar o dormitório, a maior parte dos hostels paulistanos possui quartos sêxtuplos, além de outros com uma média de sete a dez camas. Segundo os autores, o valor da diária cai para menos da metade de um hotel econômico nas opções de quartos a partir de seis camas.

Um dos serviços sempre apontados nas avaliações dos usuários nos supracitados sítios eletrônicos é a limpeza, em virtude do compartilhamento de espaços como dormitórios e banheiros. Os hostels que possuem a intenção de fazerem parte de alguma associação e ou federação precisam prezar pela boa qualidade dos dormitórios, pois este é um fator relevante para a aceitação do hostel como participante e parceiro daqueles sites promotores (GIARETTA, 2003).

De acordo com Medeiros (2013), na cidade de Porto Alegre muitos usuários acabam escolhendo um hostel e não outro a partir do quesito da limpeza. Ainda de acordo com a autora, o segundo fator para a escolha dos hostels é a localização, que se torna uma característica de importância elevada, tendo em vista que o viajante prioriza estar próximo a atrações turísticas e serviços, como também exige o fácil acesso a meios de transporte, principalmente públicos (ônibus e metrô/trem).

A Tabela 1 traz a síntese de Medeiros (2013), no que tange aos principais atributos para os clientes de albergues, em Porto Alegre – grau de importância e percentual de incidência:

Figura 20: Atributos Importantes

Atributo	Grau de Importância	% incidência
Limpeza	Muito Importante	82%
Localização	Muito Importante	76%
Segurança	Muito Importante	63%
Preço	Muito Importante	58%
Qualidade do serviço	Muito Importante	57%
Cofre/lockers	Muito Importante	54%
Estrutura dos quartos	Muito Importante	51%
Segurança e Instalações	Importante	48%
Equipamentos	Importante	46%
Funcionários simpáticos e atenciosos	Importante	46%
Wifi grátis	Muito Importante	45%
Café da Manhã incluso	Importante	43%
Depósito de bagagens	Muito Importante	42%
Opções de entretenimento	Importante	38%
Aparência e decoração	Importante	37%
Lavanderia	Importante	37%
Bar	Importante	35%

Fonte: Medeiros (2013, p. 62)

Portanto, entende-se que o design de interiores é de suma importância na elaboração de projetos de hospedagens econômicas, na concepção e no planejamento dos espaços compartilhados e individuais, bem como no conceito de identidade e do processo projetual. Visto isto, Lojacono Zaccari (2004) afirma, que neste século, o design vem sendo considerado um elemento cada vez mais importante para as organizações, reforçando a sua identidade e, por consequência, a sua imagem, que é percebida pela sociedade.

Ching e Binggeli (2013, p. 36) definem a arquitetura de interiores como:

(...) o planejamento, o leiaute e o projeto de espaços internos à edificação. Esses ambientes físicos satisfazem nossa necessidade básica de abrigo e proteção; eles estabelecem o palco para a maior parte de nossas atividades e influenciam suas formas; nutrem nossas aspirações e exprimem as ideias que acompanham nossas ações; afetam nossas vistas, humores e personalidades. O objetivo da arquitetura de interiores é, portanto, a melhoria funcional, o aprimoramento estético e a melhoria psicológica dos espaços internos.

O termo “arquitetura de interiores” surgiu em meados dos anos setenta do século passado para descrever uma disciplina que reunisse de maneira harmoniosa a teoria arquitetônica, juntamente com a história e os princípios do desenho e a criação de espaços internos. Brooker e Stone (2014, p.11) afirmam que o design de interiores se consolidou a partir do século XXI, sendo considerado um “assunto rico em história e

em teoria, que pode ter uma influência benéfica na forma como os espaços são ocupados”

De acordo com Coles e House (2008), o sucesso e a consolidação da arquitetura de interiores ou design de interiores se deu graças ao entendimento de que a compreensão sensorial, aliada ao rigor arquitetônico e ao desenho de interiores, poderia sugerir uma síntese extremamente satisfatória entre a arquitetura de fachadas e espaço interno.

Brooker e Stone (2014) afirmam que

o design de interiores é uma disciplina distinta de praticamente todas as outras do design. O interior está sujeito à sua situação: está dentro de uma construção, que está, por sua vez, inserida em seu contexto. A questão do preexistente é fundamental no processo de design. A localização específica do interior tem uma influência sobre o design - que se torna mais importante do que outras questões. (p.8)

Como afirma o professor Seragini (2012, p.73), “conceitualmente, o design cumpre o papel de transformar em realidade o mundo das ideias. Alia a estética com a tecnologia, dá mais funcionalidade e menores custos, aumentando a atratividade dos produtos e dos ambientes”.

Ainda de acordo com o professor Lincoln Seragini (2012, p.72),

a habilidade de design, em sua essência, é a capacidade de captar o mistério de um problema real - seja de design de produto, de marca, design arquitetônico ou design de sistemas - e aplicar a criatividade, a inovação e o conhecimento para apresentar soluções brilhantes que realmente fazem a diferença. O design é um meio muito eficaz de obter inovação, quer através da diferenciação dos produtos ou da criação da identidade de marcas, essencial hoje em dia, para competir bem no mercado.

De acordo com Forest (2005 apud GUBERT 2011, p. 29), “os temos: decorador, arquiteto, designer de interiores são, muitas vezes, utilizados alternadamente tanto por profissionais e leigos, no entanto, há diferença entre eles”. Ainda de acordo com Gubert (idem), a metodologia seguida pelo design de interiores é sistemática e coordenada, “(...) análise e integração dos conhecimentos no processo criativo, em que as necessidades e recursos do cliente sejam satisfeitos para produzir

um espaço interior que cumpra as metas do projeto”. Temos ainda a definição do estatuto da Associação Brasileira de Design, segundo o qual o designer de interiores é

(...) o profissional que atua numa atividade criativa e de caráter multidisciplinar dedicada ao planejamento da ocupação e do uso de espaços construídos ou não, de uso residencial, empresarial, institucional, industrial, misto ou efêmero, tendo o usuário como foco de projeto e considerando os aspectos funcionais, estéticos e simbólicos do contexto socioeconômico cultural em que atua, de modo a resultar ambientes confortáveis e eficientes às demandas instituídas, contribuindo para o bem estar e qualidade de vida dos seus usuários. (Estatuto ABD, capítulo III, Art.4o , 28/09/2015)

O espaço é o protagonista, o elemento principal para o profissional da arquitetura e o designer de interiores. Ching e Binggeli (2013, p. 2) afirmam que,

pelo volume espacial, não somente nos movemos, mas também vemos formas, ouvimos sons e sentimos brisas agradáveis, o calor do sol e as fragrâncias das flores que desabrocham. O espaço herda as características sensuais e estéticas dos elementos em seu entorno.

A principal atividade do profissional ligado ao design de interiores, que é a de projetar, é um processo complexo que envolve diversas questões e expectativas, tanto por parte do cliente quanto por parte do profissional. O projeto se inicia com o primeiro contato com o cliente, quando devem ser fornecidos subsídios suficientes para que o profissional possa compreender suas necessidades, intenções e preferências espaciais. A partir disso, é possível registrar um estudo contendo as possíveis soluções e os objetivos técnicos e estéticos do projeto, na maior parte representados por meio de ferramentas bidimensionais (SIQUEIRA; COSTA FILHO, 2015)

A principal intenção do profissional, ao apresentar o projeto da melhor maneira possível, é possibilitar total compreensão do cliente a fim de que se possa identificar as soluções para os seus anseios, anteriormente relatados ao arquiteto e ou designer de interiores.

Porém, como afirmam Siqueira e Costa Filho (2015, p.37), “Com o alargamento das aplicações da ergonomia para os setores de serviços e na vida diária, ficou mais difícil de definir claramente o tipo de usuário e os critérios de desempenho”, sobretudo porque a população é extremamente ampla e diversificada. Desta maneira, os critérios

para a elaboração de projetos de interiores se tornaram bem mais subjetivos. Neles, são levados em consideração valores e comportamentos sociais das pessoas envolvidas (IIDA, 2005).

De acordo com Siqueira e Costa Filho (2015, p.37),

no caso do projeto de interiores residenciais, entretanto, a população usuária, na maioria das vezes, é limitada e conhecida do projetista e pode participar de pesquisas para levantar dados sobre suas atividades, preferências e necessidades espaciais. Podem ainda expressar suas opiniões sobre as soluções apresentadas em cada fase ou operação do projeto.

O espaço interno é composto por diversos elementos a serem trabalhados pelos profissionais da área de projeto de interiores. A composição do espaço efetuada por esses elementos leva em consideração fatores que ultrapassam os aspectos físicos ou os materiais. Nesses espaços, o comportamento humano é fator fundamental, portanto é necessário estar a par das dimensões humanas para a elaboração de um mobiliário adequado à realização das atividades básicas do dia a dia. Questões relativas à psicologia ambiental devem ser consideradas. A configuração de um ambiente interno interfere não somente nas ações humanas, mas também em suas sensações, e até mesmo no humor.

4. | TRÊS ESTUDOS DE CASO DE QUARTOS COMPARTILHADOS EM HOSTELS

Os três hostels escolhidos e visitados como estudo de caso estão localizados na cidade do Rio de Janeiro, desde 1975 capital do estado homônimo, localizado no sudeste Brasileiro. Durante muito tempo, a cidade maravilhosa foi capital da Colônia, do Império e da República, apenas perdendo o posto quando da inauguração de Brasília (SETUR, 2016).

Figura 21: Mapa do Estado do Rio de Janeiro – em destaque, a cidade do Rio de Janeiro



Fonte: Adaptado da Secretaria de Estado de Turismo do Rio de Janeiro (SeTur)

A primeira vez que se teve menção à cidade foi em janeiro de 1502, quando chegou ao local a segunda expedição exploratória portuguesa. O navegador Gaspar Lemos, que comandava a expedição, supôs que, ao entrar na baía, hoje conhecida como Baía de Guanabara, se tratava da foz de um rio, fato que deu origem ao nome atual, Rio de Janeiro. Somente trinta anos após este evento é que a corte portuguesa enviou uma nova expedição para colonizar a área (RIO DE JANEIRO, 2009).

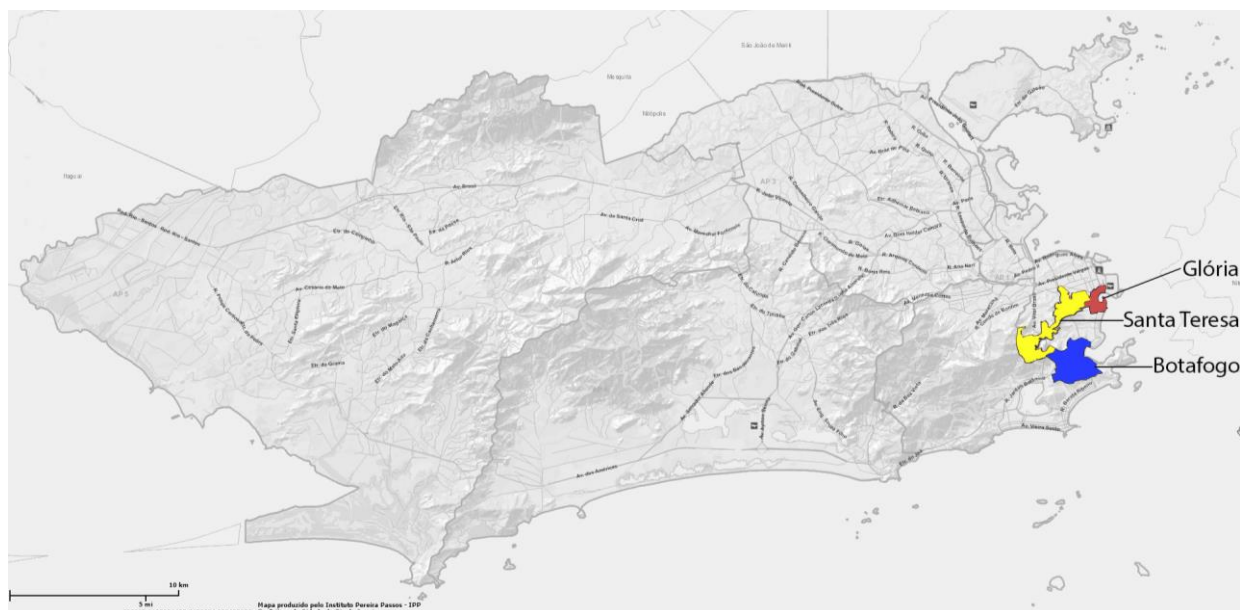
O início da cidade como a conhecemos hoje se deu no Morro do Castelo e posteriormente na Praça XV, considerada como seu centro essencial. O município se desenvolveu em função de sua capacidade portuária, que lhe garantiu a sede do poder da coroa.

No início do século XIX, desembarcou no Rio de Janeiro a família real portuguesa, fugindo das ameaças de invasão feitas por Napoleão Bonaparte. Alguns anos mais tarde, a família real retornaria a Portugal, e a independência do Brasil seria declarada. A partir deste momento, a cidade continuou se desenvolvendo. Em um primeiro momento, cresceu em direção ao norte (São Cristóvão e Tijuca), depois voltou-se para a Zona Sul (Glória, Flamengo e Botafogo). Em 1889, é proclamada a república, e a cidade passa de capital do Império a capital federal.

No século XX surgiram importantes reformas urbanas que deram origem a ruas mais largas e às grandes construções, muitas influenciadas pelo estilo francês. A cidade continuou a se desenvolver e a sediar a capital federal até 1960, quando o título passa a ser de Brasília e a cidade então se torna a capital do Estado do Rio de Janeiro, embora permanecesse sendo o centro social e cultural do país (RIO DE JANEIRO, 2009).

Popularmente o município do Rio de Janeiro é conhecido como a cidade maravilhosa devido às suas belezas naturais, riqueza cultural e hospitalidade. Algumas de suas belezas naturais são conhecidas internacionalmente como cartões postais: o Corcovado, o Pão de Açúcar e a Praia de Copacabana. São pontos de grande visitação turística, assim como o ecoturismo e sua arquitetura religiosa e colonial (RIO DE JANEIRO, 2009). Tendo em vista o cenário apresentado e em virtude da proximidade geográfica, para os três estudos de caso foram escolhidos hostels localizados em bairros da Zona Sul carioca (bairros de Botafogo, Glória e Santa Teresa).

Figura 22: Localização dos três bairros



Fonte: Mapa produzido pelo Instituto Pereira Passos. Trabalho Gráfico da autora

Neste capítulo apresentaremos os dados coletados durante a pesquisa de campo e a descrição dos quartos compartilhados pesquisados, segundo aspectos objetivos (como forma e composição) e subjetivos (conforto térmico, acústico e lumínico), assim como o comportamento humano nesses espaços de uso coletivo. Sobre tudo vamos apresentar as análises realizadas de acordo com as categorias identificadas como responsáveis pela manifestação da individualidade, que são: mobiliário, leiaute e equipamentos. Optou-se por apresentar também neste capítulo a revisão de literatura que forneceu subsídios que nortearam as análises e as descrições dos estudos de caso.

Para a descrição do ambiente, lançamos mão de conceitos descritos por Ching e Binggeli (2013) e Coles e House (2008), no intuito de identificar o design de interiores e sua interferência na composição do espaço interno.

Desta maneira, entendemos que os planos, a escala, a proporção, a iluminação, a cor, a forma, a harmonia, o ritmo, as vistas, os materiais e a acessibilidade são elementos fundamentais para a elaboração de ambientes internos e para a compreensão dos mesmos para a realização das atividades e dos comportamentos humanos.

Diversos elementos que configuram o espaço interno podem conferir ritmo a um ambiente. Alternantes ou regulares, visuais ou espaciais. Imbuídos de função técnica e ou estética. Por exemplo, o leiaute, o mobiliário e os equipamentos que fazem parte das categorias identificadas como promotoras da manifestação da individualidade

e foram investigadas e analisadas separadamente dos elementos utilizados para descrição apresentados até aqui.

Percebeu-se que os mobiliários e os equipamentos não somente compõem o espaço, como também são elementos funcionais, voltados para atenderem às necessidades humanas nas mais diversas atividades de maneira satisfatória e ergonomicamente correta.

A escolha de mobiliário para um ambiente deve ser feita com cautela. Um móvel possui impacto visual e psicológico que vai interferir no comportamento humano. Uma cadeira de trabalho deve ser confortável, durável e de estética agradável, pois haverá contato direto e prolongado com o usuário. O móvel não deve ser motivo de repulsa ou desconforto. O móvel vai garantir ao usuário de determinados espaços uma experiência aprazível ou não. Ele pode ser disposto para uso individual ou compartilhado para maior interação social.

Móveis e acessórios mediam a arquitetura e as pessoas. Eles oferecem uma transição de forma e escala entre espaço interno e o indivíduo. Os móveis e acessórios tornam os interiores habitáveis ao dar conforto e utilidade para as tarefas e atividades que executamos. (CHING; BINGGELI, 2013, p. 318)

Existem os mais diversos tipos de mobiliários, de diferentes formas, materiais e usos. A qualidade de sua composição estrutural e estética vai definir o nível de conforto físico. A escala e os fatores humanos são imprescindíveis para a elaboração de mobiliário que atenda satisfatoriamente às necessidades espaciais, assim como aos movimentos executados pelo homem e à atividade para a qual foi projetado (CHING; BINGGELI, 2013).

O mobiliário desempenha um papel de suma importância na elaboração dos ambientes internos. De acordo com Foster ([s.d.] apud BOOTH; PLUNKETT, 2014, p. 6), “O mobiliário é como a arquitetura em um microcosmo”. Desta maneira, deve-se atentar principalmente para os usuários que vivenciam o espaço diariamente através do contato visual e físico direto. Portanto, é preciso atentar não somente para as questões estéticas do mobiliário, mas principalmente para a sua eficiência prática. Ainda segundo Booth e Plunkett (2014, p.6),

o mobiliário exercerá um papel fundamental – provavelmente o mais importante – no refinamento das novas instalações e na interação física entre os elementos internos e seus usuários, devendo cumprir sua obrigação prática de dar suporte à atividade humana sem comprometer a eficiência ou o conforto.

A relação espaço-mobiliário é intrínseca, principalmente no que diz respeito à conformação do espaço habitado ao longo do tempo. O mobiliário acompanhou as mudanças ocorridas no modo de vida e de habitação das pessoas. Devides (2006), aponta uma característica fundamental do mobiliário, que é a de requalificador do espaço projetado. O mobiliário quando inserido em determinado leiaute pode determinar ou até mesmo modificar o significado daquele espaço.

Desta maneira, Godoy, Ferreira e Santos (2015) afirmam que surgiram, na área do design, impulsionadas por essas adequações à vida cotidiana e a suas transformações, diversas características relacionadas ao projeto de mobiliário para espaços reduzidos, tais como: flexibilidade, mobilidade, multifuncionalidade, modularidade e permutabilidade, dentre outras.

Ainda segundo Devides (2006), a necessidade de se fazer móveis que se montem e desmontem com facilidade e sejam ainda flexíveis tem origem nas habitações feudais. Naquela época, os móveis precisavam atender a dois requisitos: serem pesados, com o intuito de evitar furtos, ou desmontáveis, de forma que permitissem seu deslocamento para outras residências, já que os senhores feudais viviam em áreas desabitadas da Europa e, por vezes, necessitavam mudar com rapidez para proteger suas propriedades.

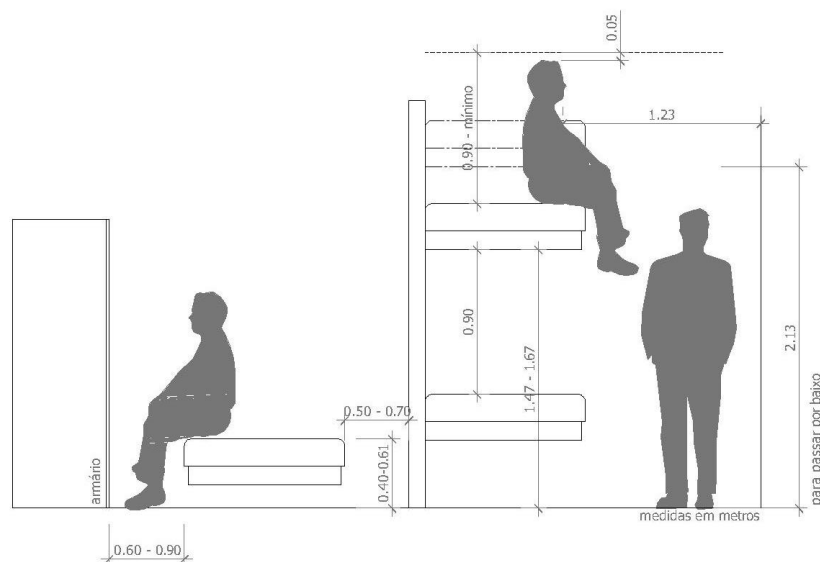
É justamente nesta época e por conta desta característica que, segundo Oates (1991 apud GODOY; FERREIRA; SANTOS, 2015), tem origem a palavra “móvel”: “Os meubles, a palavra francesa para móveis é uma reminiscência desse tempo; ela quer dizer isso mesmo, algo transportável” (OATES, 1991, p.38 apud GODOY; FERREIRA; SANTOS, 2015, p. 3).

Já na era burguesa modificam-se as características dos mobiliários em função das novas necessidades que, segundo Rybczynski (1999 apud GODOY; FERREIRA; SANTOS, 2015), “se forma a noção de domesticidade, atrelada aos conceitos de lar e de família”. A partir disso, o mobiliário precisa atender às novas funções e atividades realizadas nos ambientes. Godoy, Ferreira e Santos (2015, p.3) associam esta nova demanda à multifuncionalidade e afirmam ainda que

a correta utilização das características relacionadas ao mobiliário para espaços reduzidos demanda uma conceituação que definirá as especificidades de cada uma, diferenciando-as e encontrando suas correlações.

O termo *multifuncionalidade* está intimamente ligado ao que diz respeito ao mobiliário dos quartos compartilhados de hostels, já que a intenção é inserir o maior número de camas em um único espaço e torná-lo funcional e confortável ao mesmo tempo e ainda atender às necessidades e demandas dos hóspedes.

Figura 23: Dimensionamento funcional quarto



Fonte: autora Adaptado de Ching e Binggeli (2013)

Encontramos, nestes ambientes, uma sobreposição de funções: um mesmo mobiliário é empregado de maneiras distintas. Seria a flexibilização do mobiliário para melhor atender às demandas de um espaço reduzido. Nesse sentido, Tramontano e Nojimoto (2003, p. 1) afirmam que,

para atender a este número crescente de atividades, acreditamos que os interiores domésticos precisam ser reconfiguráveis. Essa possibilidade demanda, sem dúvida, uma necessária multifuncionalidade de seus elementos, o que sugere, em última instância, a possibilidade de se sobrepor funções em um mesmo elemento constituinte do espaço, seja ele componente construtivo, equipamento ou peça de mobiliário.

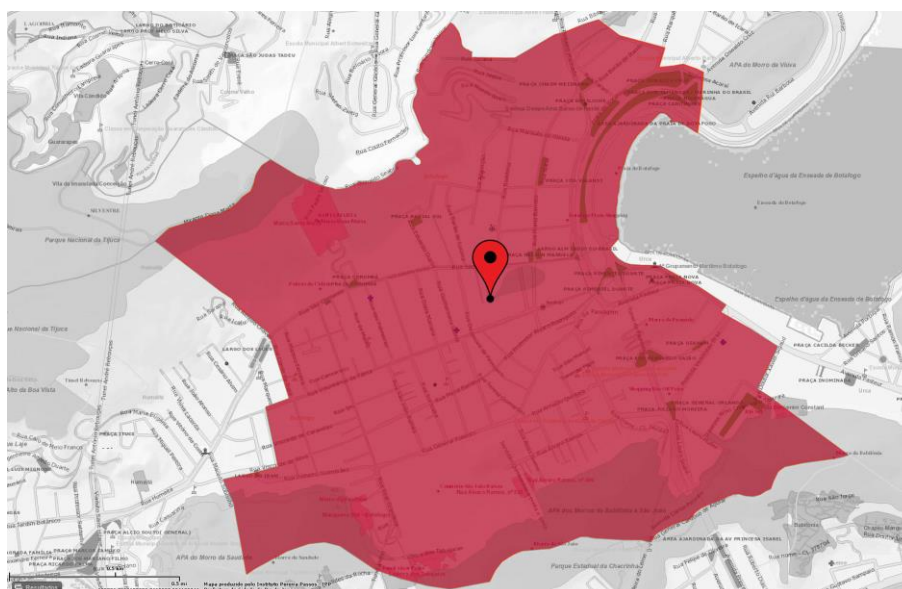
Os mesmos autores abordam o tema flexibilidade em alguns desdobramentos, a saber mobilidade relacionada à circulação, movimentação do objeto utilizando recursos como rodízios e materiais mais leves, entre outros. Outro desdobramento abordado pelos autores é a multifuncionalidade, atributo diretamente relacionado à flexibilidade. Os autores acreditam que para o móvel ser flexível ele deve ser antes multifuncional. Ele pode ser multifuncional de duas formas. A primeira possibilitaria mais de uma função preconizada pelo projeto, podendo acontecer simultaneamente ou não. A segunda se daria pela indeterminação das funções pelo projeto, e se daria somente graças à utilização feita pelo usuário.

Espaços podem ser definidos e limitados pelo mobiliário. Em alguns casos, é o móvel que vai apontar qual o uso e a atividade realizada em determinado ambiente. Sua forma, matéria, cor, textura: tudo será fundamental para a percepção humana em relação a ele e ao espaço. Um móvel mal projetado pode causar grande desconforto físico ao homem, provocando traumas físicos e psicológicos.

4.1 In.joy hostel

O primeiro hostel visitado fica localizado no bairro de Botafogo e tem grande importância histórica no desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro. Em 2002, é criada, através do Decreto nº 22.221, a Área de Proteção do Ambiente Cultural do Bairro de Botafogo – APAC – Botafogo.

Figura 24: Mapa do bairro de Botafogo



Fonte: Mapa produzido pelo Instituto Pereira Passos. Trabalho gráfico da autora

A Enseada de Botafogo é contemplada pela vista de diversos pontos turísticos da cidade, como a entrada da Baía de Guanabara, o Pão de Açúcar e a Urca. O bairro é conhecido ainda por concentrar um comércio variado: bancos, sedes de empresas, colégios, hospitais e cinemas, configurando um importante centro comercial.

O In.Joy hostel está situado a cerca de 400 metros da Praia de Botafogo, muito próximo também à saída de metrô homônima e de diversos pontos comerciais e culturais do bairro. O hostel é um casarão adaptado, localizado no final da rotatória de uma rua sem saída com segurança 24 horas. Oferece, além dos quartos compartilhados, quartos privativos e suítes. Os quartos compartilhados oferecidos são o misto, para homens e mulheres, além do quarto feminino, obviamente destinado apenas a mulheres. Os banheiros compartilhados, de uso tanto dos quartos compartilhados como também dos quartos privativos, são separados por gênero.

Figura 25: Fachada In.Joy Hostel



Fonte: Disponível em: < <http://www.injoyhostel.com/#image-36>>. Acesso em: 02 de fev. 2017

Serviços como o do café da manhã estão incluídos no valor da diária. A recepção funciona 24 horas e é fornecido suporte para passeio turísticos e eventos na cidade. Existem áreas comuns onde é possível comprar snacks e bebidas, ver televisão ou ler algum dos diversos livros disponíveis.

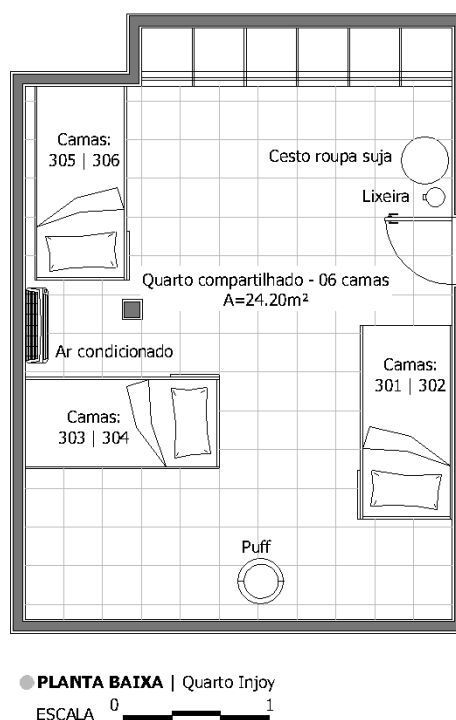
Durante a pesquisa realizada neste hostel, optou-se por ficar duas noites no quarto compartilhado misto e utilizar o banheiro compartilhado feminino. Na primeira diária o quarto foi compartilhado com três rapazes que estavam na cama 303, 304 e 305. Todos utilizaram os armários destinados a eles bem como os demais equipamentos disponíveis. Na segunda noite permaneceram os hóspedes das camas

303 e 304. Quando já estamos os três deitados e dormindo um senhor se hospeda na cama 302. No dia seguinte já de saída, verifico que este senhor é um hospede frequente do hostel.

Presumiu-se que o senhor que chegou na última noite e dois dos três com quem o quarto foi dividido eram brasileiros pois foi possível identificá-los conversando em português.

Para descrever este ambiente, levamos em consideração os aspectos objetivos e subjetivos ancorados nos elementos do design de interiores supracitados.

Figura 26: Quarto compartilhado In.Joy hostel



Fonte: da autora

O quarto compartilhado misto dispunha de três beliches em cerca de 24.20m². O piso revestido em ardósia 40 x 40 cm, foi pintado com tinta epóxi na cor cinza. A pintura epóxi oferece à ardósia maior durabilidade e resistência a ambientes com tráfego médio. Outro aspecto positivo da pintura epóxi é a facilidade de manutenção e de limpeza, imprescindível para um quarto compartilhado. A cor escolhida para o piso é o cinza, uma cor neutra com baixo reflexo e baixa intensidade. Neste caso, a cor ajudou a disfarçar a sujeira. Não há presença de nenhum tapete ou carpete. Na foto abaixo, se verificarmos com atenção, podemos identificar alguns fios de cabelo disfarçados pela cor cinza.

Figura 27: Piso Quarto Compartilhado In.Joy



Fonte: da autora

Todas as paredes do quarto são rebocadas e pintadas com tinta látex na cor branca. O reboco é considerado um material relativamente leve e durável e com boa durabilidade em ambientes secos. Neste caso, a cor branca torna o ambiente neutro, de fácil combinação com outros elementos do quarto, como a mobília, e também, por ser uma cor fria que reflete a luz, mantém o quarto com uma temperatura amena. O branco é também conhecido por dar a sensação de amplitude nos ambientes internos, o que se configura como aspecto muito interessante para um quarto que pode ser partilhado por até seis pessoas.

O espaço possui apenas os vãos de abertura de porta e de janela, sendo apenas uma porta de madeira com pintura esmalte na cor azul e uma janela com caixilho de alumínio na cor branca e vidro incolor, coberta por uma persiana rolô de tecido vinílico que impede a passagem da luz natural.

O teto do quarto é formado por uma cobertura de duas águas que expandem o espaço para cima. Normalmente esta formação tende a direcionar nossa atenção para o ponto da cumeeira. As duas águas são revestidas de chapas de gesso cartonado, o que possibilitou o acabamento liso para a pintura látex, também na cor branca. A variação do pé direito no ambiente é percebida com mais intensidade pelas camas de cima do beliche. Em uma delas, por exemplo, é impossível se manter sentado sem bater a cabeça no teto, o que dificulta determinadas ações neste habitáculo.

Figura 28: Quarto Compartilhado In.Joy



Fonte: autora

Questões a respeito da escala deste quarto ocorrem por ser o pé direito relativamente baixo. A escala visual proporcionada pelo teto dá a ilusão de que o mobiliário está em grande escala em relação ao espaço. Porém, se analisarmos em relação à medida da área total do espaço e do mobiliário, verificamos que os tamanhos são adequados. O teto também interfere na relação da escala humana: em duas paredes paralelas, onde se iniciam as águas da cobertura, o pé direito se encontra muito baixo, inadequado para a escala humana.

As proporções do quarto compartilhado são inadequadas, considerando a relação piso, parede e teto, e adequadas em relação ao número de beliches e à área do piso. A proporção do mobiliário e dos equipamentos está descrita na categoria de análise mobiliário e equipamentos.

O vão de abertura da janela do quarto fornece uma vista para uma área de circulação e de ventilação onde podemos visualizar alguns equipamentos técnicos, como por exemplo os condensadores do ar condicionado. Alguns usuários utilizam este espaço para pendurar roupas, toalhas e cangas. Mas como a janela e a persiana permanecem fechadas a maior parte do tempo em função do ar condicionado, não há grande contato visual com a parte externa.

Não há, por parte do hostel, nenhum impedimento em abrir as janelas e as portas, mas como à noite há a necessidade de fechá-las por conta do uso do ar condicionado e também para bloquear a luminosidade do amanhecer, elas acabam permanecendo fechadas ao longo de todo o dia. Acredita-se que os usuários se sintam

receosos em mudar a conformação do espaço e em desagradar os demais. Desta maneira, o contato entre a parte interna e a externa é restrito e não há integração.

As áreas de movimentação e de transição do quarto compartilhado encontram-se basicamente ao redor do beliche, e são utilizadas pelos dois usuários daquele móvel. Há também o acesso aos armários individuais, dispostos lado a lado e embutidos logo abaixo da janela. Cada hóspede acaba se limitando a circular entre sua cama e seu armário. Pela disposição dos beliches, dificilmente os movimentos se cruzam, o que é desejável, pois a restrição dos movimentos individuais pode ocasionar incidentes e desconforto físico. Cada pessoa deve poder utilizar de maneira satisfatória todos os equipamentos e móveis destinados a seu uso individual.

Vistas as reflexões a respeito dos movimentos e transições, podemos perceber que a acessibilidade para o usuário que se encontra dentro do quarto é plena. Tem fácil acesso ao seu beliche, tanto quanto ao seu armário individual e aos equipamentos destinados a seu uso. Porém, ao pensar na acessibilidade como um todo, pessoas com alguma limitação física ou necessidade especial não estão atendidas. O quarto está localizado no segundo pavimento, cujo acesso está limitado pelas escadas. Não há também qualquer elemento tátil para direcionamento ou identificação. As camas são identificadas por números colados à altura de cada uma. Não há também a presença de nenhum outro equipamento destinados a indivíduos com limitações físicas.

A iluminação do quarto é geral e individual. A geral através de seis spots de embutir redondos juntamente com dois plafons quadrados de sobrepor. Ambos de luz amarelada, proporcionam a sensação de aconchego e conforto visual, ao contrário da luz branca que induz a um estado de alerta, a uma situação de atenção e foco proporcionando boa visibilidade.

Como a janela permanece fechada a maior parte do tempo, o uso da iluminação artificial é constante e necessário para a realização das atividades ao longo do dia. Graças a ela foi possível identificar e visualizar os detalhes do quarto. Há também a presença de uma luz de emergência geral para possível queda de energia.

Neste ambiente, a presença da luminária individual é de suma importância. A localização destas luminárias corresponde ao espaço destinado a cada beliche. Elas se encontram próximas ao encosto da cabeça e articuláveis para que foco seja direcionável. O uso destas luminárias foi constante, tanto para leitura e uso de equipamentos eletrônicos, quanto para o auxílio na realização de atividades sem que

fosse necessário utilizar a iluminação geral e, assim, correr o risco de incomodar os demais.

As formas do quarto compartilhado são retilíneas e ortogonais. Há uma angulação proporcionada pela cobertura, porém os planos de piso e parede bem como os vãos de janela e porta são geométricos. O mobiliário também espartano segue se conformando a partir de linhas retas e pequenos abaulamentos nas quinas com o intuito de evitar machucados.

O quarto pode ser considerado harmônico, no que diz respeito à sua composição. Há uma distribuição formal agradável aos olhos, a neutralidade dos materiais e cores utilizados como revestimentos possibilitam a utilização de objetos e de elementos decorativos, como a dualidade de cores das colchas como ornamentação. A utilização do ambiente por diferentes pessoas induz à neutralidade e à combinação de elementos análogos com o intuito de tornar o ambiente harmônico e agradável a todos. Visto isso, não há nada que incomode visualmente.

A presença do ritmo no quarto compartilhado é atribuída a uma função técnica, pois se dá por meio da repetição do beliche, do armário, das prateleiras e das luminárias individuais. Já as colchas distribuídas em cada cama têm atribuição estética, visto que são de cores diferentes, porém dobradas da mesma maneira em cada cama.

Observou-se que a casa onde está localizado o hostel não é uma edificação projetada e construída para funcionar como um meio de hospedagem. O espaço interno onde se situa o quarto compartilhado foi reformado e adaptado para abrigá-lo da melhor maneira possível, a fim de atender ao programa de necessidade de um quarto compartilhado de maneira satisfatória. Percebeu-se também que houve a inserção de elementos do design de interiores para que este objetivo fosse atendido.

A análise da manifestação da individualidade neste quarto compartilhado se deu por meio da observação. Foram coletados dados analisados pelas seguintes categorias:

- Leiaute
- Mobiliário
- Equipamentos

Ao entrar no quarto compartilhado em questão, fica evidente que a escolha do leiaute priorizou aspectos relativos à privacidade do usuário. Normalmente, os acessos de um espaço definem um modelo de movimentos e de circulação que acaba por dividir o espaço em zonas específicas que podem ser entendidas como características

positivas e/ou negativas. Neste caso, pelo fato de o ambiente ser destinado a uma atividade específica e abrigar diferentes pessoas, a privacidade e a individualidade foram determinantes na escolha do leiaute.

Ao entrar no quarto, percebeu-se que todas cabeceiras dos beliches estavam protegidas do contato visual. Duas delas pela disposição no quarto, e uma graças a um recurso de marcenaria no próprio beliche. Outro fator percebido graças ao leiaute é que todos os usuários têm acesso a três lados do beliche e conseguem se movimentar para utilizá-lo sem atrapalhar o usuário do beliche próximo. O conflito apenas se apresenta na utilização dos dois ocupantes do mesmo beliche.

O beliche possui forma retangular, dois lados maiores paralelos e dois menores também paralelos perpendiculares aos maiores. Em dois dos beliches, o acesso só é possível por um dos lados maiores, sendo que o acesso à cama superior somente é possível por este lado. Já o da cama de baixo, dependendo da disposição, pode ser feito por ambos os lados maiores. Se posicionado desta maneira, evita o conflito, como podemos verificar no beliche que corresponde às camas 303 e 304 na Figura 26. Porém, como usuária de uma das camas encostadas na parede⁴, tive, além da sensação de proteção, por não estar com os dois lados expostos, a possibilidade de me recostar: a parede delimitava meu habitáculo individual e exercia a função de apoio.

O leiaute procurou aproveitar o espaço da melhor maneira possível, porém, ao verificar o desenho da planta baixa, também na Figura 26, temos a impressão de que há um espaço mal aproveitado onde está localizado o pufe. Isso se dá em função da cobertura em duas águas, que se inicia nesta parede, ocasionando um pé direito muito baixo, dificilmente aproveitável.

⁴ A cama destinada a mim foi a de nº 301. No beliche, correspondia à cama de baixo, como é possível verificar na Figura 26.

Figura 29: Quarto compartilhado In.Joy hostel



Fonte: autora

O mobiliário é o elemento elo da arquitetura, e as pessoas medeiam essa relação: “Eles oferecem uma transição de forma e escala entre um espaço interno e o indivíduo” (CHING; BINGGELI, 2013, p. 318). Neste quarto compartilhado essa relação fica clara e evidente, principalmente pelo fato do mobiliário ser essencial ao uso a que este espaço se propõe.

Neste espaço compartilhado verificamos que somente os mobiliários e alguns equipamentos são de uso individual, todo o restante é para uso coletivo, até mesmo o acesso para uso e manuseio destes elementos individuais é partilhado, podendo haver conflito. O mobiliário deste quarto está representado pelo beliche e pelo armário, ambos de uso somente individual.

Os armários individuais neste quarto estão localizados lado a lado em uma das paredes, logo abaixo da janela. Um aspecto positivo da localização dos armários é que eles estão embutidos, contribuindo em manter o espaço do quarto compartilhado limpo, com linhas contínuas sem obstáculos. São feitos de MDF com revestimento melamínico de baixa pressão na cor branca, acompanhando a paleta de cores neutras do quarto. O MDF é um material de fácil manuseio que aceita diversas formas, além de ser de fácil manutenção e limpeza, fatores imprescindíveis a este ambiente interno. Cada armário possui trava individual para cadeado, que deve ser levado pelo hóspede, sendo o seu fechamento de responsabilidade de cada usuário.

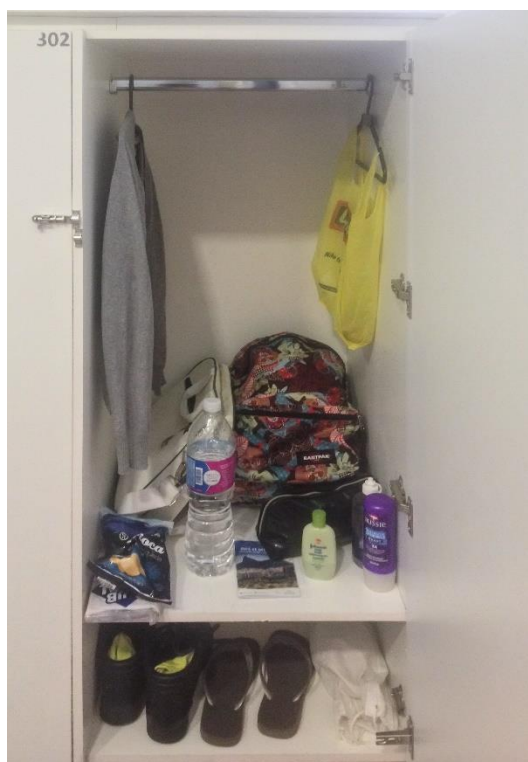
Figura 30: Quarto compartilhado In.Joy hostel



Fonte: autora

Os armários são dimensionados para guardar uma mala tamanho G, visto que recebe muito mochileiros que passam longos períodos viajando. Possuem divisões internas e apoio para cabide. O hostel disponibiliza dois cabides por armário.

Figura 31: Quarto compartilhado In.Joy hostel



Fonte: autora

O armário deste quarto compartilhado promove um maior conforto ao usuário. A dimensão, a divisão e o apoio para cabides possibilitam uma melhor organização de

nosso utensílios e equipamentos pessoais. Também tornam o acesso ao armário, mais rápido e prático, visto que o usuário tem a possibilidade de dispor seus objetos pessoais fora da mochila, apoiados nas divisórias, que também funcionam neste caso como sapateira, armazenando os calçados de maneira adequada e organizada, sem que fiquem exposto pelo quarto. A presença dos cabides, para pendurar roupas, possibilitam maior praticidade no manuseio das mesmas. Podendo servir também, para pendura sacolas que irão armazenar roupa suja.

O móvel do armário neste quarto se tornou um grande aliado da individualidade do usuário. Não somente para simplesmente guardar a bagagem, mas também para dispor seu conteúdo de maneira a facilitar o dia a dia do hóspede.

O beliche é provavelmente o móvel que caracteriza o quarto compartilhado de um hostel. Um hóspede não faz a reserva do quarto, mas sim a reserva da cama que vai ocupar. E quanto mais camas disponíveis em um mesmo quarto, menor é o custo da diária. O beliche tornou-se um dos recursos mais utilizados por proprietários de hostels, visto promoverem grande economia de espaço: onde antes dormia, um podem dormir dois ou três.

O beliche disponível no quarto compartilhado do In.Joy hostel é feito também de MDF com revestimento melamínico de baixa pressão na cor branca. De formato retangular, possui medidas dentro do padrão. As laterais maiores são parcialmente vazadas, e as menores, completamente fechadas pelo próprio MDF. Os lados maiores paralelos são vazados, justamente para que o usuário da cama de baixo possa utilizá-la de maneira satisfatória. Estes lados são parcialmente fechados, pois há uma espécie de anteparo vertical do mesmo material em uma das extremidades. Este elemento retangular está posicionado na extremidade onde uma pessoa, ao deitar, posiciona sua cabeça. Ao entrar no quarto, todas as camas estão dispostas de forma que não é possível visualizar a parte acima dos ombros dos indivíduos que estão utilizando a cama de baixo. Preserva-se de alguma maneira a intimidade daquele usuário, visto que, se ele se posicionar recostado à lateral menor, que corresponde à cabeceira, não será visto do quadril para cima.

O anteparo da cama de cima é horizontal, preservando não somente a cabeça do usuário quando deitado, mas também boa parte de seu corpo. Porém, ao usuário de cima não é possível se recostar na cabeceira, somente em uma parede quando o leiaute permitir.

Figura 32: Beliche quarto compartilhado In.Joy hostel



Fonte: autora

O habitáculo da cama destinado a cada hóspede é o espaço de maior uso individual: é onde a maior parte das atividades individuais acontece. Observou-se que todos os usuários que entravam no quarto se dirigiam diretamente à sua cama. Mesmo que em seguida fossem ao armário, o que era retirado de lá se apoiava na cama ou era usado sob a cama.

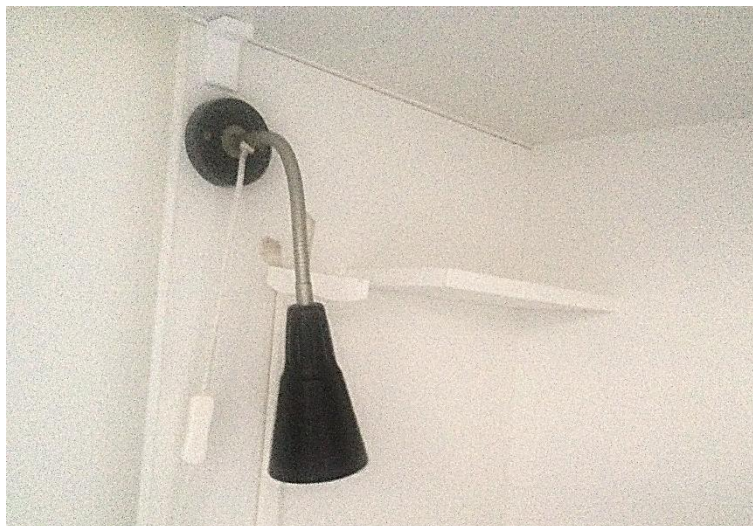
Boa parte dos hóspedes utilizam este espaço para diversas atividades, que não somente dormir ou descansar. Identificou-se atividades de leitura, diversões eletrônicas como jogos, acesso à internet, audição de músicas, filmes e séries e até mesmo trabalho. Algumas dessas atividades emitem sons que podem incomodar os demais usuários, por isso muitos levam seu próprio fone de ouvido. Quando um hóspede ultrapassa o seu limite sonoro, percebe-se o desconforto dos demais por meio de reações físicas. Alguns demonstram o descontentamento se mexendo em excesso, outros começam a tossir de maneira forçada, até que aquele que está ouvindo ou produzindo um som mais alto perceba e abaixe o volume ou coloque um fone.

Cada usuário tem seu espaço da cama para organizar e fazer o que bem entender, desde que nenhuma destas atividades afete ou incomode os demais diretamente, pois é possível que um usuário deixe seu habitáculo extremamente bagunçado e desorganizado, gerando um desconforto visual para os demais. Porém, não existem regras sobre como ordenar seus objetos. Não havendo dano à cama ou aos equipamentos alugados, não há restrição na forma como usá-lo.

Muitas vezes o acesso à cama de cima pode gerar um desconforto para quem está na de baixo, principalmente se estiver dormindo. A utilização dos equipamentos individuais disponíveis em cada cama, que são a luminária, tomada e prateleira, podem ser motivos para desconforto de outrem. A luminária individual, por mais focal que seja, clareia o ambiente de forma a ser percebida pelos demais. Alguém carregando seu celular de madrugada pode, por descuido, deixar que o cabo do carregador invada o espaço da cama inferior. O barulho produzido pelo encaixe-desencaixe das tomadas também pode ser fonte de desconforto, pois neste hostel as tomadas individuais compartilham o mesmo conduíte externo, havendo propagação do som nas tentativas em se encaixar o plug do carregador na tomada.

Os beliches possuem equipamentos de uso individual. Alguns, como dito anteriormente, bem específicos, como é o caso da tomada, da luminária e da prateleira, que estão localizadas no espaço de uso individual da cama. Contudo, identificamos também a presença de ganchos em uma das laterais menores, onde era possível pendurar utensílios como toalhas, cangas e cintos.

Figura 33: Luminária, tomada e prateleira individuais



Fonte: autora

Figura 34: Ganchos do beliche no quarto compartilhado In.Joy hostel



Fonte: autora

Mas a definição de quais ganchos pertenciam a que cama se dava pelo bom senso e na divisão em pares. Alguns usuários das camas superiores improvisavam ganchos com o cabide e a luminária a fim de evitar descerem para buscar determinado objeto pendurado. Faziam isso dentro do espaço destinado a eles, que corresponde, no caso da cama superior, a toda a área acima da mesma até o teto ou algum obstáculo de uso comum, como um ar condicionado, por exemplo.

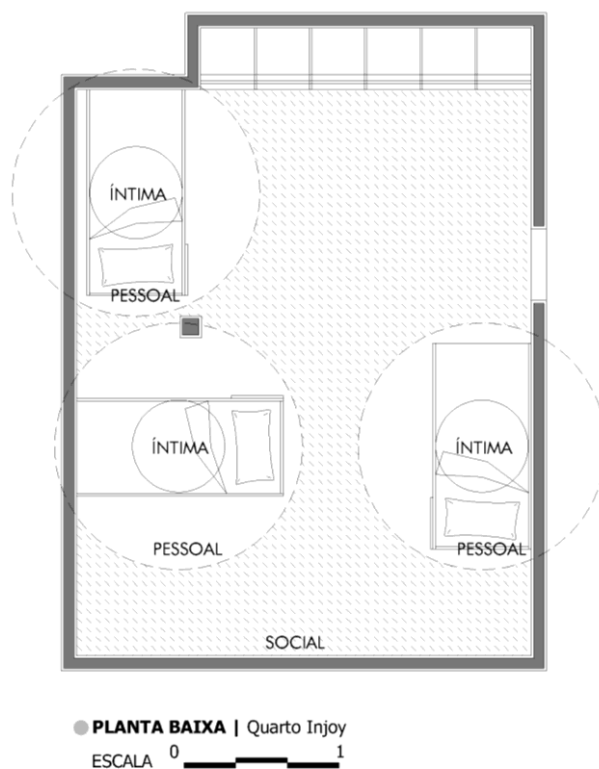
O hostel disponibiliza ainda outros equipamentos de uso individual, como roupa de cama, toalha e travesseiro. Ao final, eles devem ser colocados pelo próprio hóspede em um cesto de uso comum, localizado no quarto próximo à porta e à pequena lixeira, também de uso coletivo. O ar condicionado é ligado a partir das oito horas da noite, e desligado no dia seguinte às dez horas da manhã.

O In.joy hostel reforça a hipótese de que o mobiliário, mais precisamente a cama, é o grande elemento do design de interiores responsável pela manifestação da individualidade. Ainda podemos identificar que categorias como leiaute e equipamentos colaboram para que este habitáculo permita o pleno exercício da individualidade em um quarto compartilhado. O uso deste espaço ultrapassa a barreira do projeto inicial. Existem individualidades para além do projeto de design de interiores de um quarto compartilhado.

A partir dessas análises, em relação aos elementos que configuram a manifestação da individualidade no quarto compartilhado, aplicou-se no quarto as distâncias preconizadas por Hall (2005) no estudo da proxêmica afim de identificar no

quarto compartilhado os espaços denominados como íntimo, pessoal, social e público. Onde percebeu-se que área em torno da unidade da cama do beliche, é a área mais íntima pertencente ao usuário, onde pode exercer suas atividades individuais.

Figura 35: Aplicação das distâncias no quarto compartilhado In.Joy hostel



Fonte: da autora

Injoy Hostel

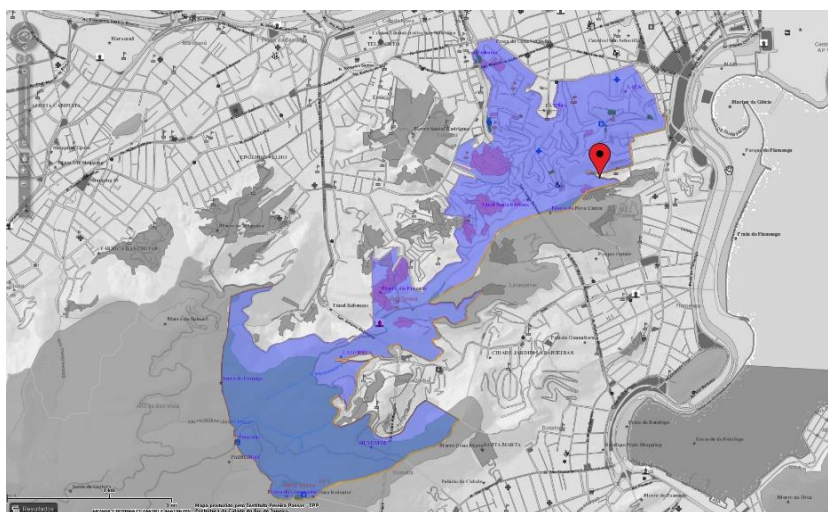
TÓPICO	ITEM	DESCOBERTAS	RECOMENDAÇÕES
MOBILIÁRIO	Beliche	Mobiliário funcional. Com recursos que contribuem na individualidade. Poderia ser de material mais resistente.	Poderia ser de um material mais resistente e silencioso. Inclusão de cortinas e/ou biombos individuais em que o usuário pudesse se «fechar» em seu habitáculo. Algum tipo de sacola de tecido presa a um plano do beliche ou parede para guardar roupa de cama
	Armário	Dimensionamento confortável. Localização pertinente. Divisões internas que ajudam a organizar objetos pessoais	Iluminação interior para o uso após as 22h. Poderia estar a uma altura onde o usuário não precise se agachar para utilizá-lo. Trincos com senha para que não haja necessidade de cada hóspede levar seu cadeado.
EQUIPAMENTOS	Uso Individual	Existentes: Luminária, prateleira, tomada, roupa de cama e ganchos. Todos em bom estado, acessíveis e funcionado.	Inclusão de uma pequena tela lcd com entrada usb em cada habitáculo de beliche. Adaptadores universais para as tomadas. Suporte para garrafa de água mineral. Relógio com despertador embutidos no beliche. Fones de ouvido e protetores auriculares.
	Uso Compartilhado	Ar condicionado, puff, cortina, lixeira, iluminação geral. O uso do ar determinado pela gerência. Os demais bom senso entre os usuários.	Deveria haver algum tipo de instrução escrita dentro do quarto para o uso destes equipamentos com restrições e permissões de uso. Por exemplo com a temperatura min. e max. do ar, o que pode ser descartado no lixo comum a todos. Manual de boas maneiras.
LEIAUTE		Busca dispor os beliches afim de evitar contato visual constante entre os usuários e de modo que não haja conflitos de circulação e acessos. Bom aproveitamento do espaço. Os beliches estão dispostos em sentidos e maneiras diferentes.	Todos os beliches poderiam estar dispostos no quarto da mesma maneira. Uma das laterais maiores encostadas na parede que ajuda a configurar o espaço da cama alugada além de servir como apoio.

4.2 Santa Terê hostel

O segundo estudo de caso desta pesquisa está localizado entre os bairros da Glória, Santa Teresa e Catete. O sítio da Rua Santo Amaro pertence aos três bairros em função de sua longa extensão e de sua conformação sinuosa. De acordo com o mapa cartográfico da prefeitura do Rio de Janeiro, Correios e Google Maps, a localização oficial do hostel, em função de sua numeração, se dá no bairro de Santa Teresa, conforme anunciado em seu site oficial.

O bairro de Santa Teresa surgiu em meados do século XVIII, ocupando uma colina próxima ao centro da cidade do Rio de Janeiro. Até hoje mantém características arquitetônicas e urbanísticas de tempos passados com seus casarões, suas ruas tortuosas e estreitas onde ainda circulam bondes antigos, os únicos remanescentes no Brasil e tombados pelo patrimônio histórico. O bairro leva o nome da Igreja e Convento de Santa Teresa, situados no alto da colina. Reduto também de artistas e escritores que sempre foram atraídos por essas características peculiares do bairro (PRJ, 2009).

Figura 36: Localização do hostel no bairro Santa Teresa



Fonte: Mapa produzido pelo Instituto Pereira Passos. Trabalho gráfico da autora.

E é nesse cenário bucólico com resquícios de um período romântico que o segundo estudo de caso foi empreendido. O Santa Terê hostel, situado em uma casa que durante muito tempo foi residência unifamiliar, oferece, além do quarto compartilhado, quartos privativos e suítes. Todos os hóspedes podem utilizar as áreas de piscina, bar, cozinha comunitária, lavanderia, sala de televisão, sauna, sinuca e sala de ginástica. Assim como o hostel anterior, este também oferece café da manhã incluído no valor da diária. A recepção também funciona 24 horas por dia e da mesma maneira são fornecidas informações a respeito de passeio turísticos e eventos na cidade. Neste hostel, o quarto compartilhado disponível para as duas noites de pesquisa de campo era misto e possuía banheiro também de uso misto, exclusivo do quarto.

A observação iniciou com o quarto ocupado, percebeu-se um movimento de pessoas e coisas espalhadas por duas beliches que estavam com roupa de cama em três das quatro camas. Os demais beliches estavam apenas com o colchão. O espaço então foi dividido o espaço com mais três pessoas, uma mãe e seus dois filhos

pequenos que optaram por se hospedar no hostel e em um quarto compartilhado por ser economicamente mais viável e pela experiência proporcionada às crianças. No segundo dia, observou-se a chegada de três mulheres estrangeiras. Elas optaram pelas camas 11, 12 e 13, ficando numa área um pouco mais reservada como podemos verificar na figura 34 a seguir. Horas mais tarde, chega ao quarto acompanhada pelo gerente uma outra mulher, uma estudante universitária belga que está no Rio de Janeiro para uma pesquisa de mestrado. Assim como no estudo de caso anterior, lançaremos mão de conceitos e de elementos tratados no design de interior para descrever o quarto compartilhado.

Figura 37: Fachada Santa Terê Hostel

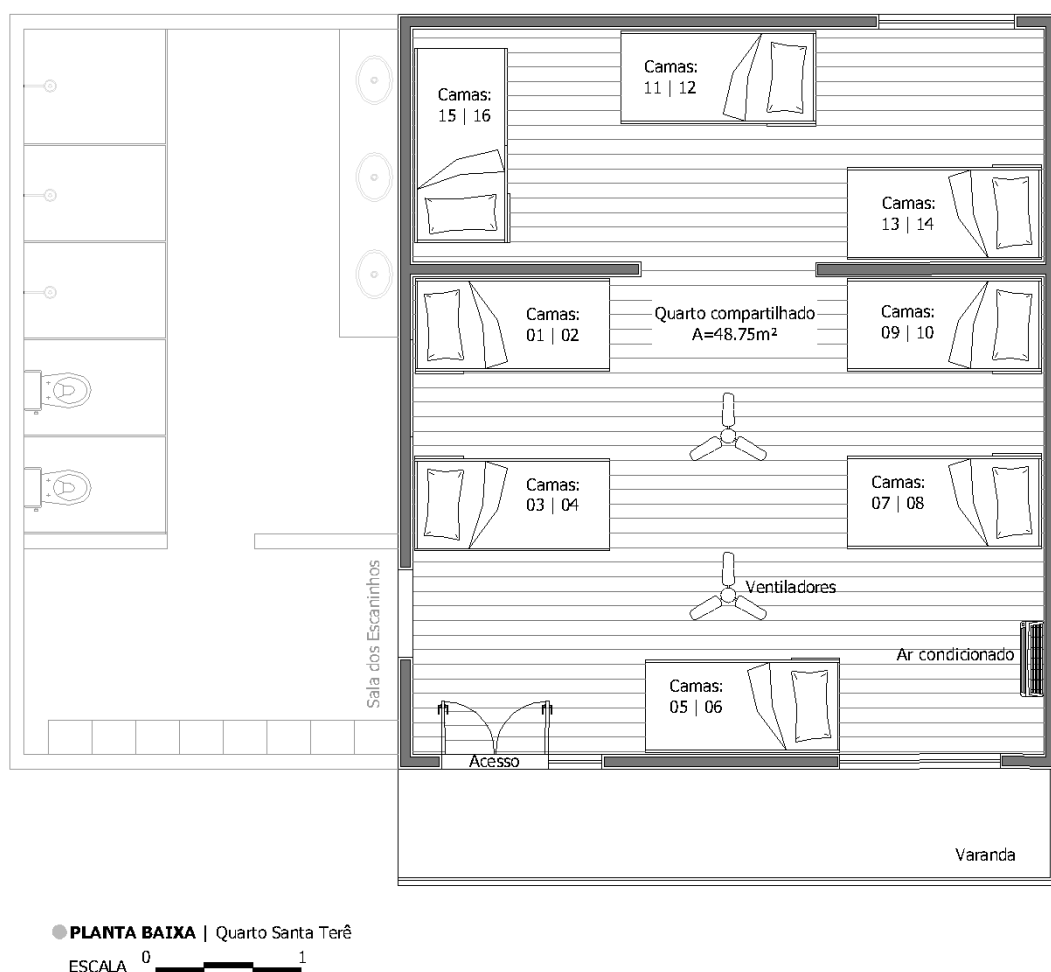


Fonte: Disponível em: <

<https://www.facebook.com/santaterehostel/photos/a.646565895395788.1073741830.636606576391720/1158597710859268/?type=3&theater>>. Acesso em: 02 de fev. 2017.

Com cerca de 50m², tinha capacidade para abrigar dezesseis pessoas em seus oito beliches dispostos sobre o piso de assoalho envernizado em tom escuro, já com sinais de desgaste devido ao tempo e uso. Mas ainda se apresenta muito funcional, visto que seu tom mais escuro e sua textura disfarçam a sujeira. Rodapés e alisaes são também de madeira, seguindo o mesmo tom do piso.

Figura 38: Planta baixa quarto compartilhado Santa Terê hostel



Fonte: autora

Há uma divisão interna, feita por uma parede com um vão sem portas no meio. Esta parede está localizada em paralelo ao acesso do quarto. Divide o ambiente em dois retângulos: um maior, cerca de 2/3 do comprimento do quarto, e outro menor, que corresponde ao 1/3 restante. As paredes do quarto são rebocadas e apresentam pintura na cor branca nas três faces que limitam o quarto com o espaço exterior e na face que o divide internamente. A face que divide o quarto em relação a áreas onde ficam os escaninhos e o banheiro foi pintada com tinta látex na cor rosa seco, que reflete na tonalidade da iluminação natural do quarto, visto que o sol bate diretamente nesta parede, ocasionando uma ambiência diferenciada.

O quarto possui diversos vãos de abertura. Primeiro, há duas portas de madeira e detalhes em vidro, com três folhas cada uma, ambas de acesso ao quarto pela varanda, sendo que uma permanece fechada a maior parte do tempo. Possui vãos ocasionados pelas tesouras do telhado a que ficam expostas. Os vãos se encontram nas tesouras periféricas, logo acima da parede que possui as portas de acesso. Foram

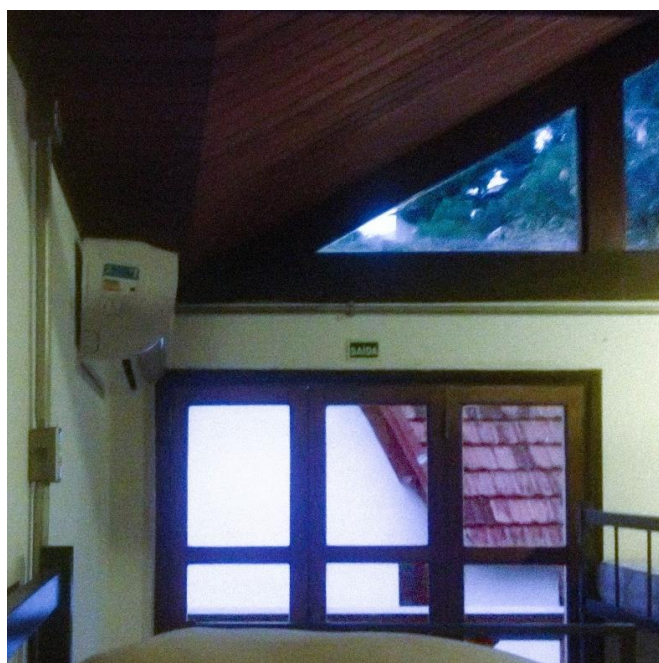
fechados com vidro temperado incolor, o que permite a passagem de luz ao ambiente. Há também o vão de acesso à sala de escaninhos e uma janela localizada na parede dos fundos. O ambiente possui ainda o vão interno de passagem, oriundo da parede que divide o quarto internamente.

Figura 39: Vão do quarto compartilhado - Santa Terê hostel



Fonte: Gabriela Nehring Disponível em: <<http://www.santaterehostel.com/quartos-coletivos/>>. Acesso em: 02 de fev. 2017.

Figura 40: Tesoura do telhado e porta fechadas em vidro - Santa Terê hostel



Fonte: autora

O teto do quarto segue a forma do telhado cerâmico em duas águas, porém internamente possui forro em régua de madeira medindo aproximadamente dez

centímetros de largura por um metro de comprimento. Parte da estrutura do telhado, como as tesouras com os tirantes e escoras, ficam expostas, também executadas em madeira estão com acabamento envernizado, mantendo o tom natural de uma madeira escura, na mesma tonalidade do piso. Já a madeira utilizada no forro tem tonalidade mais clara. O forro em madeira proporciona um grande conforto térmico e acústico, principalmente com o alto pé-direito que a cobertura proporciona. Além disso, configuram uma atmosfera aconchegante graças ao seu aspecto rústico.

A escala do quarto, em relação ao número de pessoas que podem utilizá-lo ao mesmo tempo, está adequada. Espaço amplos, pé-direito alto, espaços para circulação de pessoas, acessos largos. As portas e as esquadrias também possuem dimensionamento dentro da escala padrão usual. Neste caso, a escala do espaço e dos objetos não causa estranhamento ou desconforto físico-visual.

No que diz respeito às proporções dos elementos presentes em relação ao quarto, pode-se dizer que são visualmente confortáveis, visto que o beliche é um equipamento de dimensões alongadas, principalmente na altura. O número de beliches é superior ao que normalmente é ofertado em hostels. Portanto, o quarto, sendo amplo e com o pé-direito alto, permite a utilização de um número maior de beliches. Mas, ao se tratar do número de janelas para o ambiente, a proporção revela-se insuficiente, pois no quarto há somente a janela da parede do fundo, que não é visível nos primeiros dois terços do quarto.

O quarto está localizado na parte mais alta da casa, portanto a sua vista imediata se dá por meio das portas, voltadas para a varanda e para o telhado da casa vizinha, e das tesouras do telhado, a partir das quais é possível ver a copa das árvores das redondezas. Uma vista constante, já que não há nenhum tipo de cortina ou persiana nos vãos do quarto. Desta maneira, a iluminação natural do quarto é constante. Até mesmo ao anoitecer o quarto permanece com certa claridade de luzes indiretas da área externa, que pode ser incômoda para alguns hóspedes na hora de dormir.

Neste hostel, há um cômodo específico para os armários que, na verdade, são escaninhos metálicos. O acesso a este cômodo é feito pelo quarto compartilhado, com uma abertura próxima à entrada principal, assim como o banheiro de uso comum, que também é acessado por este cômodo. Esses ambientes geram áreas de trânsito com um fluxo maior de movimento do que aquele previsto para um espaço de descanso.

Assim, uma vez que o quarto pode abrigar até dezesseis pessoas, isso potencializa essa circulação de pessoas, tornando-a excessiva e por vezes, incômoda.

Em relação à acessibilidade, ela é restrita. Não há no hostel qualquer tipo de acesso para portadores de necessidades especiais. As áreas de circulação do quarto também não preveem a circulação de cadeiras de rodas, como também não possuem elementos táteis para direcionamento ou identificação.

Este quarto compartilhado possui apenas iluminação geral, fornecida por luminárias embutidas em dois ventiladores de teto. Durante o dia, em função dos vãos criados pelas tesouras da estrutura do telhado que são vedados com vidro temperado, a iluminação natural dá luminosidade adequada ao quarto, quase não necessitando utilizar a artificial. Porém, à noite o uso da iluminação artificial é constante e, por haver apenas dois pontos para uma área de 50m², é insuficiente. A partir das vinte e duas horas, quando alguns hóspedes já se preparam para dormir, as luzes normalmente são desligadas. Aqueles que precisam de luz para se arrumar ou para realizar qualquer outra atividade lançam mão da iluminação indireta proveniente do cômodo onde estão os escaninhos. Há também uma luminária, tipo arandela, na parte inferior do lado direito da parede onde se encontra o vão que divide o quarto. Assim, uma iluminação de baixa intensidade é utilizada por aqueles que estão realizando alguma atividade no quarto após as vinte e duas horas.

As linhas que formam o quarto são retilíneas e ortogonais, e identificamos grande angulação em virtude do telhado e parte de sua estrutura exposta. Linhas que formam figuras geométricas, como triângulos, retângulos e quadrados. Os revestimentos de piso, parede e teto também possuem formas ortogonais, assim como os equipamentos disponíveis; não há sinuosidade em nenhum elemento presente no quarto.

Credita-se a harmonia deste ambiente compartilhado à composição destes elementos ortogonais e geométricos de materialidade similar. Da maneira como estão dispostos no quarto, apresentam ritmo por meio da forma, do tamanho e da repetição dos elementos. Não há no quarto a presença de nenhum elemento decorativo que forneça alguma identidade diferenciada. Porém, a utilização de materiais rústicos, como a madeira no piso, no forro, nos rodapés e nos alisares, juntamente com a utilização do vidro e do ferro pintado de preto dos beliches, imprimem esta identidade que o transforma em um quarto atraente.

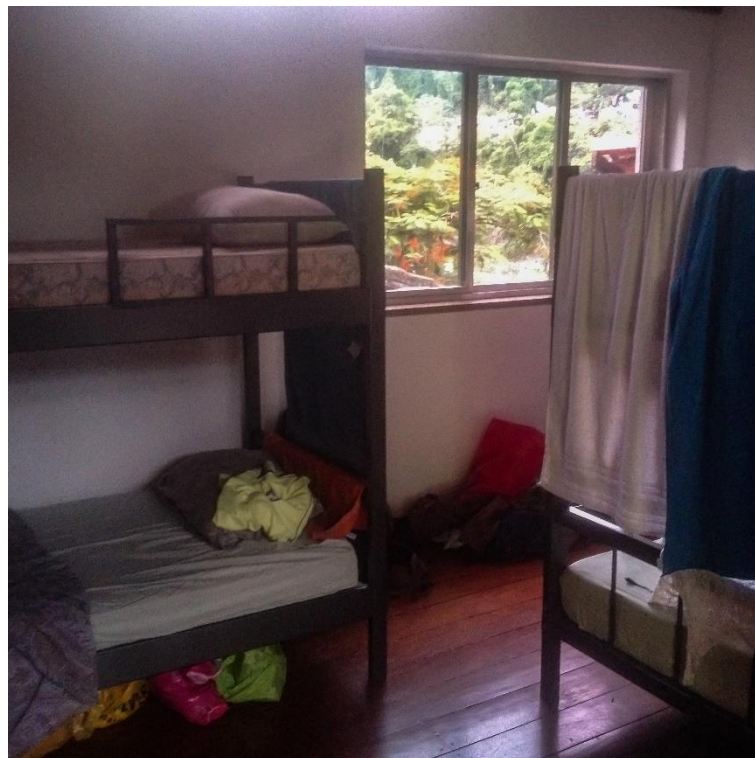
Novamente, a análise da manifestação da individualidade neste quarto compartilhado se deu por meio da observação em que foram coletados dados analisados pelas seguintes categorias:

- Leiaute
- Mobiliário
- Equipamentos

Constatou-se que o leiaute deste quarto foi pensado e configurado a fim de abrigar o maior número de beliches possível, mantendo o conforto do usuário. As cinco camas que são vistas ao acessar o quarto são as mais expostas e as mais atingidas pela constante claridade do quarto, que não possui cortinas. Qualquer pessoa que entre no quarto para acessá-lo ou vá ao banheiro ou aos escaninhos, tem contato visual com os usuários em suas camas.

Porém, as três camas que ficam após a parede com vão, que divide o ambiente, ficam protegidas do contato visual imediato e também do excesso de iluminação natural. Esse espaço é normalmente escolhido por grupos de amigos, devido à privacidade que promove e à possibilidade de uso dos espaços entre os beliches para deixar seus pertences pessoais sem incomodar usuários desconhecidos.

Figura 41: Quarto compartilhado Santa Terê Hostel



Fonte: da autora.

Neste hostel, a pessoa que irá se hospedar pode escolher o beliche em que irá dormir assim que chega ao quarto. Visto isso, observou-se que todo novo hóspede optava pelo beliche inferior com pelo menos um dos lados encostados na parede. Como verificou-se anteriormente, a situação de estar próximo a uma parede gera no usuário a sensação de proteção física e visual. Este possível contato com a parede promove também no usuário determinado conforto físico, visto que a parede pode ser utilizada para apoio de objetos pessoais ou até mesmo para se recostar.

Os únicos mobiliários existentes no espaço do quarto compartilhado são os beliches. Feitos de aço, são muito resistentes e duráveis, mas leves, tornam o transporte e a montagem fáceis. Pelo fato do aço ser muito resistente, ele possibilita perfis e peças menores, garantindo um maior aproveitamento do espaço externo sem comprometer as medidas mínimas e confortáveis de um beliche, como é o caso destas que possuem medidas acima do tamanho mínimo preconizado por algumas literaturas. O fato de o aço ser mais rígido do que a madeira torna o uso do beliche mais silencioso. Os movimentos de acesso e de acomodação da pessoa que está na cama de cima são sentidos em menor escala por quem está na cama de baixo, se comparado com os beliches de madeira.

Este beliche em aço possui em sua estrutura diversos elementos verticais vazados que muitos usuários utilizam para pendurar seus pertences, ou até mesmo para esticar toalhas e ou cangas a fim de configurar um habitáculo fechado para obter maior privacidade ou apenas o fazem para bloquear a entrada de luz, seja ela natural ou artificial. Como os escaninhos não ficam dentro do quarto e muitas vezes os hóspedes possuem bagagens muito maiores do que o espaço disponibilizado, é comum ver o beliche sendo utilizado como depósito de mochilas e malas. Alguns inclusive chegam a dormir com suas mochilas em cima da cama ou encostadas no beliche, de modo que não atrapalhe outros usuários. Existem também aqueles que se encontram sozinhos em seu beliche e aproveitam que a outra cama, normalmente a superior, se encontra vazia para depositar ali seus objetos, além também de recorrerem ao espaço abaixo da cama inferior para guardar sobretudo calçados.

Figura 42: Quarto compartilhado Santa Tere Hostel



Fonte: da autora

Alguns usuários pareciam se incomodar com a bagunça de outros, mesmo que tal bagunça estivesse somente naquele espaço destinado à sua cama ou no máximo à cama vazia acima. Alguns dispunham seus objetos pessoais de maneira desordenada, o que causava desconforto visual. Vi alguns olhares atravessados, cochichos seguidos de gestos de apontamento para aquele espaço visualmente desordenado. Havia alguns objetos pessoais, alguns inclusive de valor, que ficavam expostos boa parte do tempo sem necessariamente que o dono estivesse presente.

Figura 43: Quarto compartilhado Santa Terê Hostel



Fonte: da autora

O beliche oferecido pelo hostel é de qualidade, fornecendo o necessário para aquilo que se destina, que é proporcionar uma noite de sono ao hóspede. Não oferece recursos além desta ação. Portanto, são raros os hóspedes que permanecem no quarto quando acordados. Ainda assim, o quarto é o lugar onde se encontra a individualidade com mais intensidade. Por meio do beliche podemos identificar padrões de comportamento entre os usuários e aprovar ou desaprovar determinadas ações.

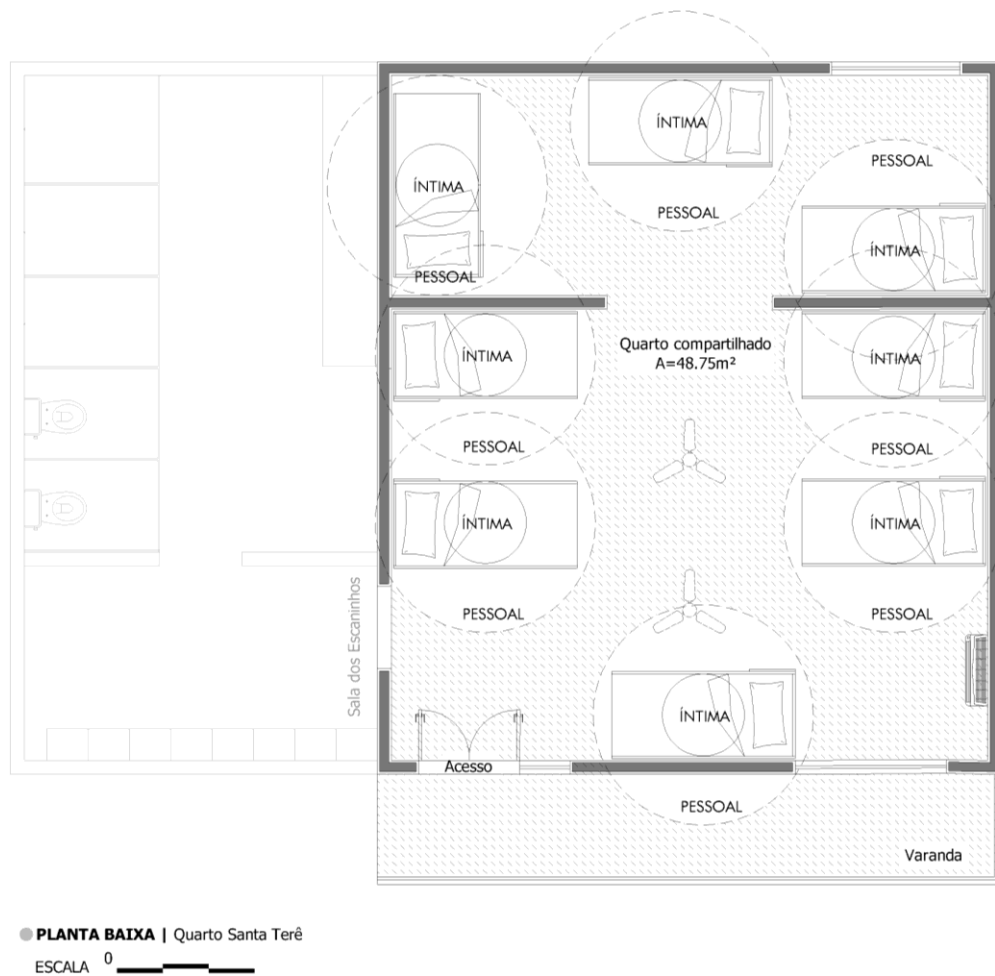
O quarto não dispunha de muitos equipamentos, fossem individuais ou coletivos. Tínhamos os ventiladores e o ar condicionado voltados para o conforto térmico do quarto, visto que o Rio de Janeiro é uma cidade reconhecidamente quente o ano todo. Assim como no hostel anterior, o ar condicionado era ligado somente à noite a partir das vinte horas, e desligado pela manhã por volta das dez horas. Mas o uso dos ventiladores era liberado e contínuo, só sendo desligados quando o ar era ligado.

O hostel fornece ao hóspede apenas a roupa de cama composta por um lençol para cobrir o colchão, outro lençol para se cobrir e uma fronha para o travesseiro que também era fornecido pelo hostel. O ar condicionado era ligado a uma temperatura fria, a ponto de, em determinado momento da noite, o quarto ficar resfriado de tal maneira que o lençol era insuficiente para se proteger do frio. Alguns hóspedes solicitaram cobertores à gerência, enquanto outros não se incomodavam com a baixa temperatura.

Verificou-se neste quarto a ausência de equipamento individuais, como luminárias e prateleiras acopladas ao beliche, que são muitos comuns em hostels. Porém, pesquisando fotos antigas do hostel, percebeu-se que em muitas delas havia a presença de uma luminária flexível para cada cama do beliche, juntamente com as tomadas. Cada beliche possui duas tomadas de 110V para uso pessoal, onde é possível carregar equipamentos eletrônicos. A recepção fornece adaptadores para plugs diferentes do atual padrão brasileiro.

Também ao aplicarmos as distâncias propostas por Hall (2005), verifica-se a conformação das distâncias colocando o espaço correspondente a cama do beliche como a área íntima do indivíduo e ao redor da mesma, a área pessoal onde começa a se relacionar os demais usuários do quarto compartilhado.

Figura 44: Aplicação das distâncias no quarto compartilhado Santa Terê.



Fonte: da autora.

Santa Terê

TÓPICO	ITEM	DESCOBERTAS	RECOMENDAÇÕES
MOBILIÁRIO	Beliche	Mobiliário funcional, de material resistente, porém com poucos recursos que promovam a individualidade e privacidade.	Inclusão de cortinas, painéis e/ou biombos individuais em que o usuário pudesse se «fechar» em seu habitáculo. Algum tipo de sacola de tecido presa a um plano do beliche ou parede para guardar roupa de cama.
	Armário	Dimensionamento insuficiente. Localização razoável. Sem divisões internas. Escaninhos metálicos barulhentos. Sobrepostos.	Iluminação interior para o uso após as 22h. Trincos com senha para que não haja necessidade de cada hóspede levar seu cadeado. Deveriam ser maiores e com divisões internas. Possibilidade do hostel fornecer cabides. Acessos individuais, posicionados lado a lado.
EQUIPAMENTOS	Uso Individual	Existentes: tomada, roupa de cama. Todos em bom estado, acessíveis e funcionado.	Inclusão luminária e prateleira e de uma pequena tela lcd com entrada usb em cada habitáculo de beliche. Adaptadores universais para as tomadas. Suporte para garrafa de água mineral. Relógio com despertador embutidos no beliche. Fones de ouvido e protetores auriculares.
	Uso Compartilhado	Ar condicionado, ventiladores, lixeira, iluminação geral. O uso do ar determinado pela gerência. Os demais bom senso entre os usuários.	Instalação de cortinas. Deveria haver algum tipo de instrução escrita dentro do quarto para o uso destes equipamentos com restrições e permissões de uso. Por exemplo, determinando a temperatura min. e max. do ar, o que pode ser descartado no lixo comum a todos. Manual de boas maneiras.
LEIAUTE		Bom aproveitamento do espaço na disposição dos beliches, porém o espaço deixado entre eles poderia ser maior.	Todos os beliches poderiam estar dispostos no quarto da mesma maneira. Uma das laterais maiores encostadas na parede que ajuda a configurar o espaço da cama alugada além de servir como apoio. Maior espaçamento entre um beliche e outro.

4.3 Discovery Hostel

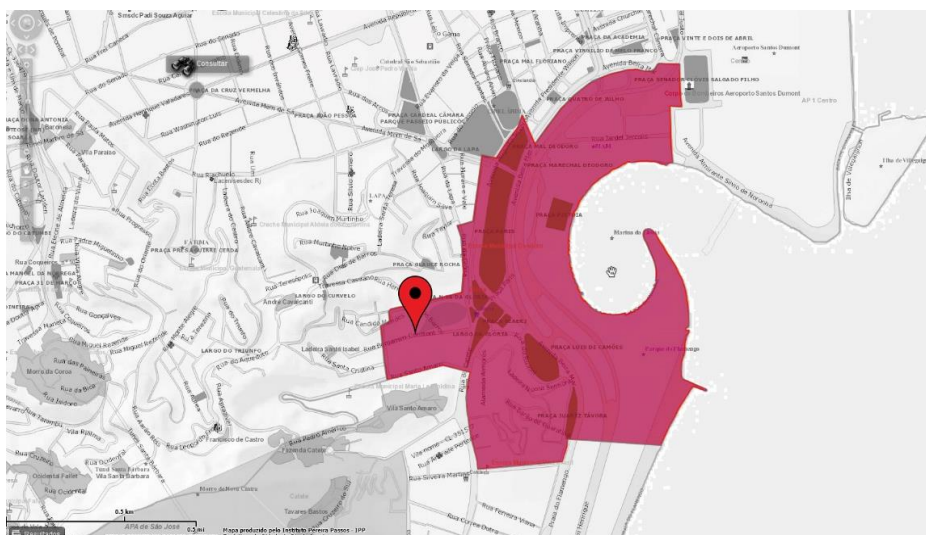
O terceiro e último estudo de caso desta pesquisa está localizado no bairro da Glória, na rua Benjamin Constant, bem ao lado da estação de metrô da Glória. O bairro está localizado ao norte da Praia do Flamengo. Possui grande importância na história do Rio de Janeiro e tem sua origem na instalação da Igreja Nossa Senhora da Glória do Outeiro, no século XVIII, que dá nome à localidade. Essa Igreja era frequentada por toda a família real.

Repleto de construções históricas, como o Hotel Glória, o Outeiro da Glória, a Marina da Glória, a Sede da Arquidiocese do Rio de Janeiro, o Memorial Getúlio Vargas

e a Sede da Igreja Positivista do Brasil, além de diversos casarões de inspiração arquitetônica francesa que, durante o século XIX, abrigavam hotéis que muitas vezes foram as residências de deputados e senadores (Armazém de Dados – IPP, [s.d.]).

Em um desses casarões, construído em meados do século XIX, está localizado o Discovery Hostel. Foi, durante algum tempo, a residência de férias da baronesa do Rio Negro, Eufrásia Teixeira Leite. Atualmente, mantém sua fachada original com apenas modificações de revestimentos internos e adequações para a instalação de equipamentos eletroeletrônicos. O hostel dispõe de quartos compartilhados e quartos privativos, além oferecer a cozinha de uso coletivo, um espaço de acesso à internet, áreas de estar comum, café da manhã incluído na diária e empréstimos de livros.

Figura 45: Localização do hostel no bairro Glória



Fonte: Mapa produzido pelo Instituto Pereira Passos. Trabalho gráfico da autora

O quarto compartilhado disponível no Discovery Hostel era misto com capacidade para seis hóspedes. Este quarto foi o mais difícil de identificar quais e quantos usuários estavam hospedados no quarto. Ao chegar, após identificação, o gerente do hostel nos levou até o quarto, onde verificamos que a cama reservada para a hospedagem, estava ocupada por um hóspede que sairia no mesmo dia. Após algum tempo, o gerente informa que a cama já estava disponível.

Percebeu-se então a presença de outros dois rapazes dormindo nas camas do meio do treliche. Ao longo do dia não foi possível identificar quem eram estas pessoas, apenas na hora de dormir, percebeu-se que um outro hospede também se preparava dormir no treliche ao lado. Em uma breve conversa, informou que era um turista australiano fazendo uma viagem pela América do Sul e que lamentava ter de deixar o

Rio de Janeiro no dia seguinte, pois deveria seguir para Curitiba cuja passagem já estava comprada.

Figura 46: Localização do hostel no bairro Glória



Fonte: Disponível em: < <http://www.momondo.com.br/inspiracao/melhores-hostels-rio-de-janeiro/>>.
Acesso em: 02 de fev. 2017.

Durante a madrugada dois outros hóspedes chegaram, possivelmente aqueles que estavam dormindo durante o dia. Ao amanhecer um novo hóspede chega para ocupar a cama do australiano. Dessa vez um irlandês que havia tido uma péssima experiência em um hostel anterior, como ele mesmo disse sem entrar em detalhes.

Com cerca de 10m² e um pé direito bastante alto, possuía dois trelitches paralelos dispostos sobre o piso de assoalho envernizado em cor clara. A madeira em si já possui um tom próximo do marrom, então por mais que não esteja escurecida pelo verniz, ainda assim ajuda em muito a disfarçar a sujeira do dia-a-dia. Os rodapés e o alisar também são em madeira, porém com pintura esmalte na cor branca.

Figura 46: Planta baixa quarto compartilhado Discovery



Fonte: autora

As paredes do quarto são pintadas com tinta látex, sendo três na cor branco *off-white* e uma na cor verde. Foram pintados também na parede verde uma frase e o desenho de alguns tubarões martelo também na cor branca. O quarto não é muito grande e, neste caso, as paredes brancas sugerem maior amplitude ao espaço, além de contribuírem para a iluminação por refletirem a luz. O branco também, quando combinado com outras cores, faz com sejam realçadas, como é o caso da cor verde que, juntamente com os desenhos de tubarões, parece simular o fundo de um oceano, promovendo uma temática e uma estética diferenciadas ao quarto.

O teto está direto na laje plana, que também é pintada com tinta látex na cor branco. Possui um pequeno detalhe de rodapés em gesso, pintado de branco. Os planos deste quarto foram trabalhos com cores e revestimentos a fim de imprimir uma identidade no quarto e deixá-lo com uma ambiência mais agradável e intimista.

Possui apenas uma grande janela em madeira com pintura esmalte na cor branca, metade em vidro comum incolor e a outra metade em veneziana, que permite ventilação mesmo quando a janela está fechada. Esta janela não bloqueia totalmente a entrada da luz natural, sendo necessária a utilização de uma cortina de tecido, como é o caso do quarto. Outro vão encontrado no quarto é a porta de acesso, que também é de madeira com pintura esmalte na cor branca.

Em termos de escala, podemos afirmar que a altura do pé direito, em relação às medidas de comprimento e largura do quarto, parece fora de escala. Mas não é nada que cause incômodo, pelo contrário: para o número de pessoas que podem dormir ao mesmo tempo no quarto, a altura do pé direito se torna um fator positivo. Em função deste pé direito foi possível utilizar o treliches. Assim, a última cama superior parece fora do alcance da escala humana. Os demais elementos do quarto se encontram com relações de escala adequadas ao uso humano, bem como em questões estéticas.

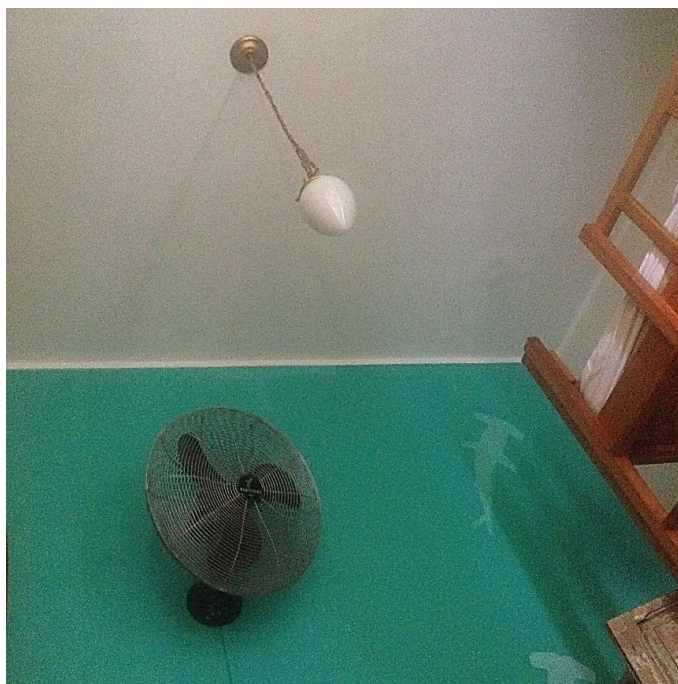
O treliches é um mobiliário de grandes proporções que, em um quarto com dimensões reduzidas, parece desproporcional. Mas quartos compartilhados possuem essas características de abrigar o maior número de pessoas possível, portanto a utilização destes treliches ou de um número maior de beliches se torna uma desproporção intencional e necessária.

O quarto compartilhado, como dito anteriormente, possui apenas uma janela com vista para um pátio interno. Também é possível avistar o vão de circulação da edificação vizinha – nada que comprometa a privacidade de ninguém, já que as construções estão bem distantes uma da outra.

O hostel foi adaptado de um casarão do século XIX. Assim, optou-se por preservar não somente a fachada, como também toda a divisão interna de cômodos, não sendo possível adaptá-lo a portadores de necessidades especiais. Dessa maneira, as áreas de circulação e de transição do hostel são em geral estreitas para o número de pessoas que podem circular. Quanto mais pessoas houver no quarto, mais objetos pessoais e equipamentos haverá, que muitas vezes podem ficar espalhados pelo chão dificultando a circulação e o acesso.

A iluminação se dá tanto de maneira geral quanto de maneira individual. A iluminação geral é fornecida por meio de uma luminária pendente com luz incandescente, suficiente para iluminar o quarto. Este tipo de luminária para ambientes com o pé direito muito alto, como é o caso deste quarto, é bastante adequado. Porém, percebeu-se que é pouco utilizada, mesmo durante a noite, pois cada cama do treliche possui sua luminária flexível de uso individual, opção mais utilizada pelos hóspedes a fim de não incomodar os demais. Durante o dia, com a abertura da cortina, o quarto permanece bem iluminado pela luz natural.

Figura 47: Quarto Compartilhado Discovery Hostel



Fonte: autora

Os planos do quarto são basicamente a sua forma predominante. O quarto possui a forma de quadrado e o volume de um cubo, com linhas predominantemente ortogonais que formam ângulos retos nos encontros dos planos e, da mesma maneira, isso se repete nos vãos de portas, nas janelas e nos mobiliários do quarto. Encontramos alguns objetos, como ventilador, ar condicionado e luminárias, com formas sinuosas.

A composição estética do quarto, a fim de criar uma identidade utilizando recursos do design de interiores como a combinação de cores e texturas, objetos decorativos temáticos e combinação de elementos, compõe o ambiente e demonstra ritmo, equilíbrio e harmonia.

Da mesma maneira como foi feito nos estudos de casos anteriores, consideraremos as seguintes categorias:

- Leiaute
- Mobiliário
- Equipamentos

A partir disso, podemos discorrer a respeito da relação da escolha do leiaute proposto neste quarto e a individualidade. A planta baixa acima indica que o posicionamento dos beliches seu deu pelo melhor aproveitamento do espaço na

intenção de introduzir o maior número possível de camas. Como podemos verificar, existem alguns limitadores para a inserção do treliche, como é o caso da esquadria que se encontra praticamente no meio de uma das paredes. Outro limitador é a porta de acesso, por isso torna-se necessário criar uma rota de circulação até os treliches sem obstáculos. O distanciamento entre um treliche e outro, necessário para que os usuários tenham espaço suficiente para se moverem confortavelmente, também indica que o melhor leiaute para este quarto é o que está representado na planta.

Com esta disposição de leiaute, temos algumas relações de uso individual potencializadas. O fato de os treliches terem dois de seus quatros lados encostados em paredes, contribui na conformação do habitáculo utilizado pelo hóspede. A limitação deste espaço torna-se física e útil na manifestação da individualidade. As pessoas podem utilizar esta delimitação espacial feita por meio de um plano sólido de diversas maneiras. Sem contar que a percepção espacial do indivíduo inserido neste microcosmo é influenciada pela composição espacial.

Figura 48: Quarto compartilhado Discovery Hostel



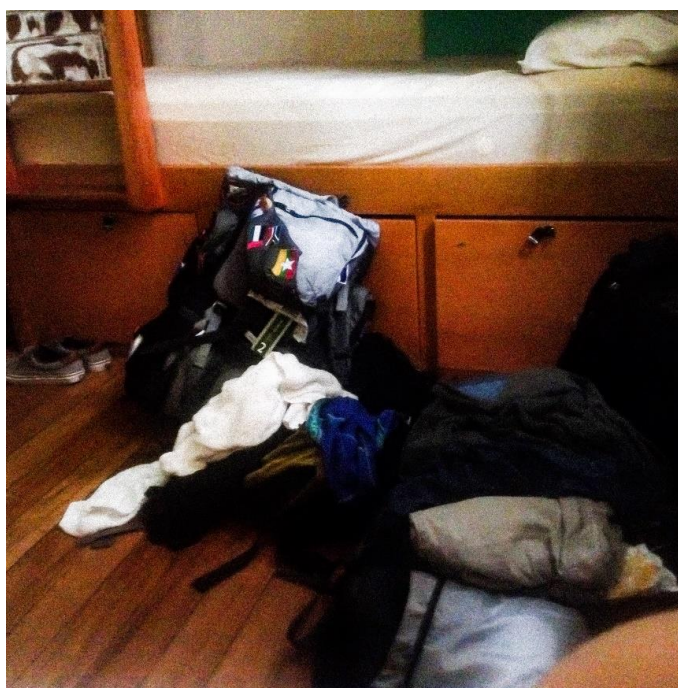
Fonte: Foto de Vito di Stéfano [s.d.]. Cedida pelo Discovery Hostel

O mobiliário deste quarto é representado pelos armários disponíveis e também pelo beliche. Existem duas formas de armários neste espaço, um compartilhado e outro individual. O armário individual é configurado por um gavetão, localizado na parte de baixo da cama inferior do treliche, como podemos verificar na Figura 44. São três gavetões numerados de acordo com as camas e dispostos lado a lado, uma para cada cama do treliche. Cada hóspede é responsável por sua gaveta, sendo necessária a utilização de um cadeado próprio para o seu fechamento. Por estar localizado dentro do

quarto e próximo à cama, facilita o manuseio dos objetos pessoais, porém o espaço é insuficiente mesmo para aqueles que vão ficar por pouco tempo.

Visto isso, o próprio hostel disponibiliza um armário dentro do quarto, para uso comum dos hóspedes. Muitos o utilizam para a guarda de sapatos, para que estes não fiquem espalhados pelo quarto. Internamente, o armário está dividido em seis prateleiras, uma para cada cama, e não há como trancar ou impedir o acesso. Mas ainda assim, o espaço é insuficiente para alguns hóspedes que acabam deixando suas coisas entre os treliches, atrapalhando os demais usuários a acessarem seus gavetões.

Figura 49: Detalhe quarto compartilhado Discovery Hostel



Fonte: autora

O treliche é o outro representante do mobiliário neste quarto. Beliches e treliches são emblemáticos em hostels, pela capacidade que possuem de abrigar duas ou três pessoas em um espaço que, se ocupado por uma cama convencional, só poderia ser utilizado por uma pessoa. A economia de espaço proporcionada por este mobiliário é extremamente considerável, visto que há redução também nos espaços destinados à circulação. Três pessoas utilizam o mesmo espaço de circulação e de acesso ao treliche. Se tivéssemos camas convencionais, teríamos este espaço multiplicado por três ou mais, dependendo do leiaute.

Este treliche é feito de madeira bem resistente a estragos como arranhões. Mesmo que ocorram, elas podem ser facilmente recuperadas. A resistência, a

durabilidade e a fácil manutenção do material do beliche ou do treliche em um hostel são de suma importância em função de seu alto fluxo. No caso do treliche, a madeira fornece não somente a resistência para aguentar o peso de três pessoas ao mesmo tempo, mas também a estabilidade, visto que é um elemento verticalizado e que possui as estruturas verticais mais delgadas em relação às peças horizontais. Outro aspecto importante relacionado à madeira é que é um material atemporal e de fácil combinação.

A configuração do espaço individual da cama é definida principalmente pelas duas paredes que faceiam dois lados do treliche. Os outros dois lados estão devassados. Porém, se um hóspede deitado em sua cama resolver de alguma maneira estender seu corpo para fora além do espaço delimitado pelo colchão, ele passa a invadir um espaço de circulação constante ou de uso de outros hóspedes, o que pode ser problemático. Outra questão que pode se tornar um inconveniente é o acesso à cama do meio do treliche. Como a escada precisa chegar à cama superior, o espaço para o desembarque nesta cama é dificultoso e limitado por uma pequena área entre o elemento horizontal de proteção e a própria escada. Podemos verificar esta situação na Figura 45.

Verificam-se no quarto a presença de diversos equipamentos de uso coletivo e individual. De uso coletivo, temos o ventilador e o ar condicionado. O ventilador pode ser ligado e desligado por qualquer hóspede a hora que for. Já o ar condicionado, assim como em todos os outros hostels visitados, é ligado à noite por volta das vinte horas e desligado pela manhã às dez horas, sempre por um funcionário do hostel. O hostel disponibiliza ao hóspede roupas de cama, sendo um lençol para proteção do colchão, outro lençol para cobrir e a fronha para o travesseiro, que também é disponibilizado. Além destes equipamentos, ficam também no espaço alugado do treliche uma luminária flexível de uso individual, uma tomada e uma pequena prateleira onde é possível apoiar livros, equipamentos eletrônicos, como celular, e quaisquer outros objetos pessoais com dimensões similares.

Estes dispositivos proporcionam muito conforto para o hóspede na hora de se preparar para dormir ou realizar pequenas atividades como carregar o celular, fazer uma leitura, acessar a internet ou manusear objetos pessoais sem interferir no espaço alheio.

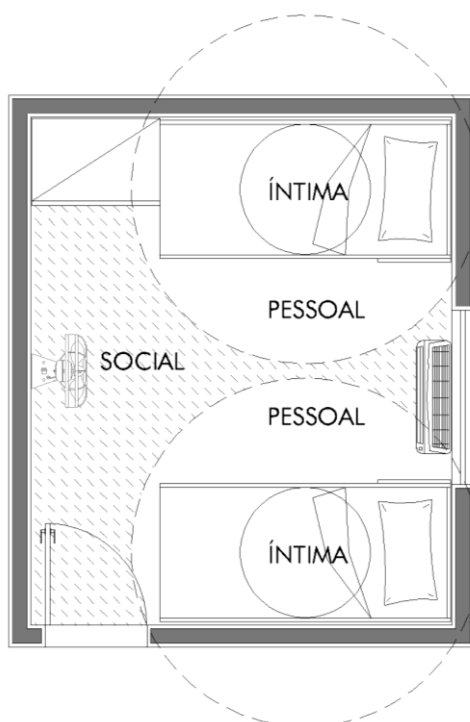
Figura 50: Quarto compartilhado Discovery Hostel



Fonte: Foto de Vito di Stéfano [s.d.]. Cedida pelo Discovery Hostel

Neste hostel, novamente aplicando as distâncias inferidas por Hall (2005) na definição das delimitações dos espaços, íntimos, privado, social e público, verifica-se novamente que a cama do beliche é o objeto de identificação máxima da manifestação da individualidade em um quarto compartilhado de hostel.

Figura 51: Aplicação das distâncias no quarto compartilhado Discovery Hostel



● **PLANTA BAIXA** | Quarto Discovery

ESCALA 0  1

Fonte: da autora

Discovery

TÓPICO	ITEM	DESCOBERTAS	RECOMENDAÇÕES
MOBILIÁRIO	Beliche	Mobiliário médio funcional. Dificil acesso a cama do meio do treliche. É de material resistente.	Inclusão de cortinas, painéis e/ou biombos individuais em que o usuário pudesse se «fechar» em seu habitáculo. Algum tipo de sacola de tecido presa a um plano do beliche ou parede para guardar roupa de cama.
	Armário	Dimensionamento insuficiente Localização inadequada. Sem divisões internas.	Armários verticais ao invés dos gavetões abaixo do treliche. Iluminação interior para o uso após as 22h. Trincos com senha para que não haja necessidade de cada hóspede levar seu cadeado. Deveriam ser maiores e com divisões internas. Possibilidade do hostel fornecer cabides. Acessos individuais, posicionados lado a lado.
EQUIPAMENTOS	Uso Individual	Existentes: luminária, prateleira, tomada, roupa de cama. Todos em bom estado, acessíveis e funcionado.	Substituir luminaria fixa pela flexível. Inclusão de uma pequena tela lcd com entrada usb em cada habitáculo de beliche. Adaptadores universais para as tomadas. Suporte para garrafa de água mineral. Relógio com despertado embutidos no beliche. Fones de ouvido e protetores auriculares.
	Uso Compartilhado	Ar condicionado, cortina, ventiladores, lixeira, ganchos, armário iluminação geral. O uso do ar determinado pela gerência. Os demais bom senso entre os usuários.	Deveria haver algum tipo de instrução escrita dentro do quarto para o uso destes equipamentos com restrições e permissões de uso. Por exemplo determinando a temperatura min. e max. do ar, o que pode ser descartado no lixo comum a todos. Indetificar as prateleiras do armário de uso comum para cada cama.
LEIAUTE		Bom aproveitamento do espaço na disposição dos beliches. Porém o número de hóspedes para o espaço disponível esta inadequado. Poderiam ser somente quatro, porem isso deixaria o custo mais elevado.	Diminuir o número de camas. Utilizar o beliche ao invés do treliche. Mudar os ganchos de lugar que ficam localizados atras da porta, limitando o uso quando a mesma está aberta.

5. | A MANIFESTAÇÃO DA INDIVIDUALIDADE NOS QUARTOS COMPARTILHADOS DE HOSTELS

A determinação da individualidade nos quartos compartilhados não se dá somente por meio de objetos e ou elementos edificados, pois existem determinadas atividades e acometimentos humanos que podem definir espaços de intimidade dentro de um quarto compartilhado: “a doença foi como a devoção religiosa e o nascimento, uma das primeiras causas da individualização do ato de dormir. As epidemias põem os corpos em quarentena e os isolam uns dos outros” (PERROT, 2009, p.247).

Para Bachelard (2005), o quarto ultrapassa o sentido físico, pois é onde se manifestam e ficam escondidas as emoções mais íntimas de um homem ou de uma mulher, é onde ficam armazenados os maiores segredos e sonhos. É o refúgio da solidão por vezes necessária. Perrot (2009) descreve as diferenças de ocupação dos quartos destinados a mulheres e a homens. Durante muitos anos, a mulher foi reprimida pela supremacia masculina, poucas possuíam atividades que não as domésticas e era apenas no quarto que encontravam refúgio da ordem social estabelecida.

O espaço não é algo concreto e definido, é tridimensional: abriga o homem e permite que ele exerça suas necessidades básicas, seja em um espaço íntimo e privado ou social e público. Cabe ao projetista estabelecer estes limites físicos.

É preciso compreender os diferentes contextos e cenários presentes em um único quarto compartilhado de hostel, e ainda levar em consideração as distintas realidades culturais que nele podem habitar, originando relações díspares com reações particulares entre as pessoas que ocupam o mesmo espaço. As manifestações da individualidade podem por muitas vezes acontecer em um mesmo espaço e com similaridades, mas cada indivíduo a exercerá à sua maneira, de acordo com seus hábitos pessoais e contextos socioculturais de origem.

Por ter uma aplicabilidade dependente destes comportamentos internalizados, ela não obedece diretamente às regras impostas pela engenharia e pela arquitetura, sendo muito mais emocional e sensorial a sua escolha. Ela pode ser maior ou menor, pois as pessoas escolhem o que lhes dá conforto e bem-estar de acordo com os conceitos de vida aprendidos. O design de interiores, bem como a arquitetura, por questões técnicas, visando a uma convivência harmônica nos espaços públicos, buscam um termo comum em que as pessoas e o espaço físico conversem harmoniosamente.

O design de interiores pode, através de seus recursos técnicos, definir fisicamente os espaços públicos e privados, podendo indicar ou interferir no comportamento dos usuários nestes espaços. Porém, a manifestação da individualidade de cada indivíduo acontece à sua maneira, sendo o designer de interiores responsável por fornecer os instrumentos para a sua realização, seja por meio do leiaute, dos mobiliários ou dos equipamentos.

É possível aprender e alterar hábitos aprendidos visando ao bem comum a fim de minimizar os contratempos e os constrangimentos de se partilhar ambientes. Pode-se verificar na pesquisa de campo, a partir dos conhecimentos adquiridos na revisão bibliográfica, que alguns sinais silenciosos, perceptíveis por meio de expressão corporal, como o olhar e a respiração, são fatores indicativos de que fomos, mal ou bem, recebidos na nossa movimentação física.

Acredita-se que o quarto compartilhado limite, o pleno exercício da individualidade, pela presença de terceiros por vezes desconhecidos. Dificilmente um usuário se encontra completamente sozinho neste ambiente, tendo que realizar todas as suas atividades pertinentes a um dormitório na companhia de outrem.

As gerências dos hostels investem na propaganda do preço da diária viável, localização privilegiada e conforto básico para hospedagem de curta duração. O hostel passou a ser uma opção para classes socioeconômicas distintas e há que se abrir destaque para a evolução do comportamento e das atitudes das pessoas para melhor. Boa educação, respeito e bom humor são fundamentais. Espaço compartilhado pode tornar-se campo fértil para conflitos ou intolerâncias.

Portanto, aqueles que optam por se hospedar em quartos compartilhados de hostel precisam exercer o respeito e a educação para com os demais, que muito facilitam a convivência harmônica. Entender que aquele é um espaço de uso comum, onde todos possuem os mesmos direitos e deveres. Problemas relativos aos quartos compartilhados de um hostel normalmente recaem na falta de observância de normas de comportamento normalmente elaboradas pelo próprio hostel.

Existem serviços institucionais e sites especializados de classificação e qualificação que podemos consultar via internet para obter informações sobre hostels. Esta consulta nos permite fazer uma triagem e classificar os hostels com os quais estabeleceremos uma relação de consumidor, a qual é legalmente protegida. Problemas em quartos compartilhado existirão, e uma maneira de se afastar deles é obter o máximo de informação.

Visto isso, um hostel que se preocupa em oferecer ao hóspede uma experiência confortável, investindo em equipamentos individuais e de boa qualidade, possui tais elementos como diferenciais segundo usuários que os avaliam em sites especializados.

Dessa forma, por mais que se forneçam equipamentos e mobiliários que favoreçam e promovam a individualidade no quarto compartilhado, ela jamais será plena. Cabe ao designer de interiores intervir e proporcionar correções que amenizem a falta de privacidade, a fim de evitar desconfortos e constrangimentos nos quartos compartilhados.

5.1 O mobiliário, leiaute e equipamentos do quarto compartilhado

Aspectos relativos ao design de interiores, como sensações ao adentrar uma edificação, são consequência de nossos sentidos, que enviam mensagens imediatamente ao cérebro e que, de acordo com experiências já vivenciadas, são analisados, o que gera uma reação psicológica em que podemos identificar relações de proporção e de equilíbrio a partir de diversos estímulos (COLES; HOUSE, 2008).

(...) a arquitetura de interiores necessariamente ultrapassa a definição de espaço na arquitetura. Ao planejar o leiaute, o mobiliário e o enriquecimento do espaço, o arquiteto de interiores deve estar muito consciente de seu caráter na arquitetura, assim como de seu potencial de modificação e melhoria. O projeto de espaço internos requer, portanto, uma compreensão de como eles são formados por meio dos sistemas construtivos da estrutura e das vedações. (CHING; BINGGELI, 2013, p.7)

Constatou-se durante a pesquisa que o design de interiores pode transformar o quarto compartilhado de hostel, fazê-lo elegante e prático, além de agregar valores de conforto, e de acessibilidade econômica a um número muito maior de pessoas. As diárias de um habitáculo de cama em quarto compartilhado são mais baratas que uma cama de solteiro em um quarto convencional em cidades onde as diárias hoteleiras são realmente caras.

O design de interiores, atuando por meio do leiaute, do mobiliário e dos equipamentos, pode garantir uma experiência de hospedagem diferenciada, principalmente no que diz respeito à individualidade. Graças a estes recursos, pode-se

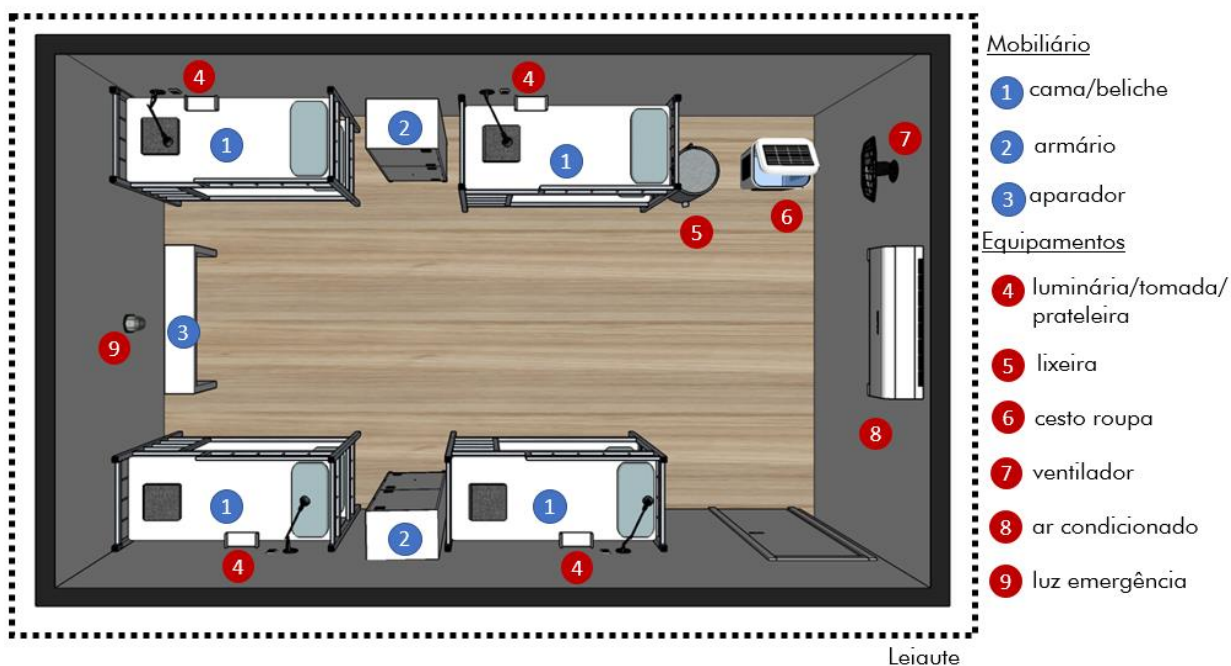
garantir ao usuário a possibilidade de exercer determinadas atividades com maior conforto. O leiaute define a localização de cada item no espaço, de forma a favorecer a privacidade do hóspede, dispondo as camas com distâncias confortáveis entre elas, de maneira que os beliches não fiquem devassados pelos olhares de quem entra no quarto ou de quem esteja do lado de fora. Também determina como serão os movimentos e os fluxos do quarto, evitando conflitos e até mesmo que estes trajetos possam de alguma maneira invadir espaços individuais.

O mobiliário dos quartos compartilhados é muitas vezes representado pelo beliche e pelo armário que, quando bem projetados, tornam-se diferenciais na experiência de se hospedar em quarto compartilhado. Ter um móvel adequado ao espaço disponível que atenda às necessidades daquele que o utiliza é fundamental para o exercício da individualidade neste espaço de uso coletivo.

Os equipamentos funcionam como complementos dos mobiliários e, quando agregados ao habitáculo da cama, possibilitam que o hóspede desempenhe determinadas atividades sem incomodar ou invadir o espaço privado e íntimo daqueles que compartilham o quarto com ele. Garante, por exemplo, que cada um tenha seu espaço para carregar seus equipamentos eletrônicos, fazer leituras a partir de uma iluminação direcionada e individual e guardar seus objetos pessoais de maneira adequada sem que ocupem espaços comuns.

Durante a pesquisa de campo nos três hostels escolhidos como estudos de caso, percebeu-se que estas três categorias dentro do design de interiores estão diretamente relacionadas à manifestação da individualidade nos quartos compartilhados visitados. Portanto, a partir destas categorias de análise, foram elaboradas matrizes de descobertas utilizando as técnicas de análise das avaliações pós-ocupação em que foi possível identificar a manifestação da individualidade a partir destas categorias e produzir conteúdo de recomendações projetuais.

Figura 52: Identificação das categorias de análise em um quarto compartilhado



Fonte: da autora

A partir destas matrizes, foi possível elaborar uma tabela de recomendações gerais, para promoção da individualidade e privacidade nos quartos compartilhados de hostels. A seguir:

Recomendações

TÓPICO	ITEM	RECOMENDAÇÕES
MOBILIÁRIO	Beliche	• Cortinas • Algum tipo de sacola de tecido presa a um plano do beliche ou parede para guardar roupa de cama ou roupa suja • Espaço para guardar e pendurar malas e bolsas • Escada confortável e de fácil acesso • Ganchos para pendurar toalhas no próprio beliche
	Armário	• Armários verticais com divisórias e iluminação interior para o uso após as 22h. • Trincos com senha para que não haja necessidade de cada hóspede levar seu cadeado • Armário com cabides.
EQUIPAMENTOS	Uso Individual	• Luminária Flexível • Tela ou TV LCD com entrada USB • Tomadas com adaptadores universais • Relógios com despertador • Fones de ouvido • Prateleira com suporte para garrafa • Mini frigobar • Protetores auriculares e máscaras de dormir para olhos
	Uso Compartilhado	• Manual de boas maneiras e instruções • Ar condicionado • Ventiladores • Luzes indiretas • Mesa coletiva • Lixeiras • Identificadores de camas e armários • Ganchos para pendurar toalhas
LEIAUTE		• Área de circulação em volta dos beliches • Espaçamento mínimo entre um beliche e outro. • Deixar sempre um dos maiores lados do beliche encostados em uma parede • Dispor os beliches de maneira que nenhum fique de frente para a porta de acesso

5.2 A cama como o habitáculo: manifestação da individualidade no ambiente

Constatou-se que o espaço correspondente a uma cama no beliche ou no treliche alugado em um quarto compartilhado de hostel é o principal elemento na manifestação da individualidade. Percebeu-se a importância da cama neste tipo de hospedagem, e o quanto ela pode ser responsável por uma boa experiência em um hostel. A importância da cama não se dá somente em ambientes de quartos compartilhados, mas também ao longo de uma vida, visto que, “na cama, passamos mais de um terço de nossa vida. Ela materializa a grande divisão da noite e do dia. Ela sela a aliança sombria do indivíduo e da noite” (PERROT, 2009, p. 75).

O quarto de uma residência é um espaço de grande intimidade. Em situações em que este espaço é compartilhado, a cama se torna este espaço privado, íntimo e responsável pela manifestação da individualidade. No hostel, ela é o único espaço que é realmente exclusivo daquele que o aluga. Nenhum outro hóspede pode utilizar aquele móvel e o ambiente delimitado por ele. Isso é o que permite ao hóspede realizar determinadas atividades sem que invada o espaço comum de uso coletivo.

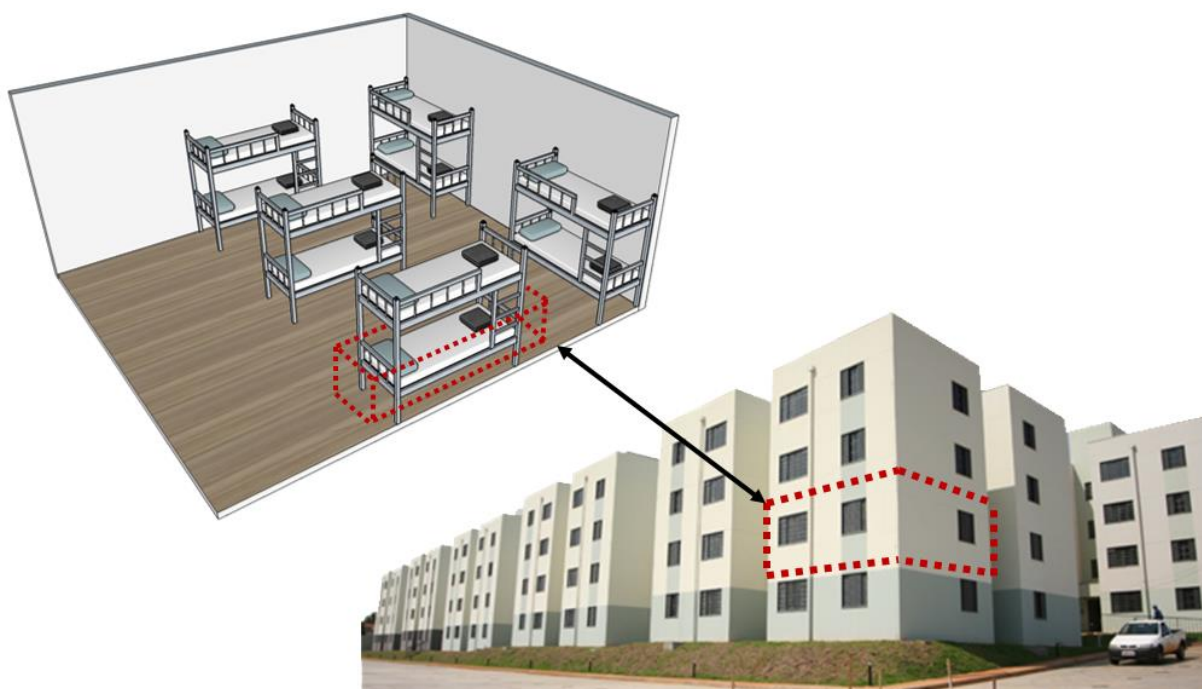
O microcosmo da cama do beliche de hostel corresponde a todo o universo íntimo daquele usuário no momento em que o utiliza. Ao ultrapassar seus limites, já se encontra em um ambiente coletivo e compartilhado, onde deve seguir as normas e as regras espaciais para evitar conflitos e desconfortos.

É preciso estar atento às inter-relações e conexões humanas ao se projetar um espaço ou um mobiliário. O espaço da cama do beliche não deve apenas se adequar ao uso proposto pelo hostel. A cama não é apenas um espaço de repouso: é também o lugar de expressão máxima da intimidade e da individualidade no quarto compartilhado.

A questão da individualidade no quarto compartilhado surge no momento em que o usuário opta por essa modalidade de hospedagem. A diária paga por ele é equivalente ao aluguel de uma cama de uso pessoal neste quarto, ainda que tenha acesso as dependências coletivas: o quarto em si cozinha, banheiro, sala de tv, restaurante, bar. Ou seja, é diferente de outros meios de hospedagem, cujo valor da diária está relacionado ao espaço de um quarto, um apartamento ou uma casa, dentre outros.

O hóspede tem direito a uma cama do beliche ou treliche e a todo o microcosmo que o envolve, do banheiro que é compartilhado a alguns equipamentos, como armários e outros incluídos no espaço da cama. Durante a pesquisa de campo, constatou-se que este microcosmo é definido pelo leiaute, conformando um habitáculo de uso privado onde ocorre a manifestação da individualidade no quarto compartilhado. Este espaço da cama é visto como uma unidade dentro do beliche. E os beliches presentes no quarto se assemelham a condomínio de edifícios residenciais. Com esta analogia inferimos que o conjunto de beliches geram uma vizinhança, verifica-se assim o espaço dentro do espaço.

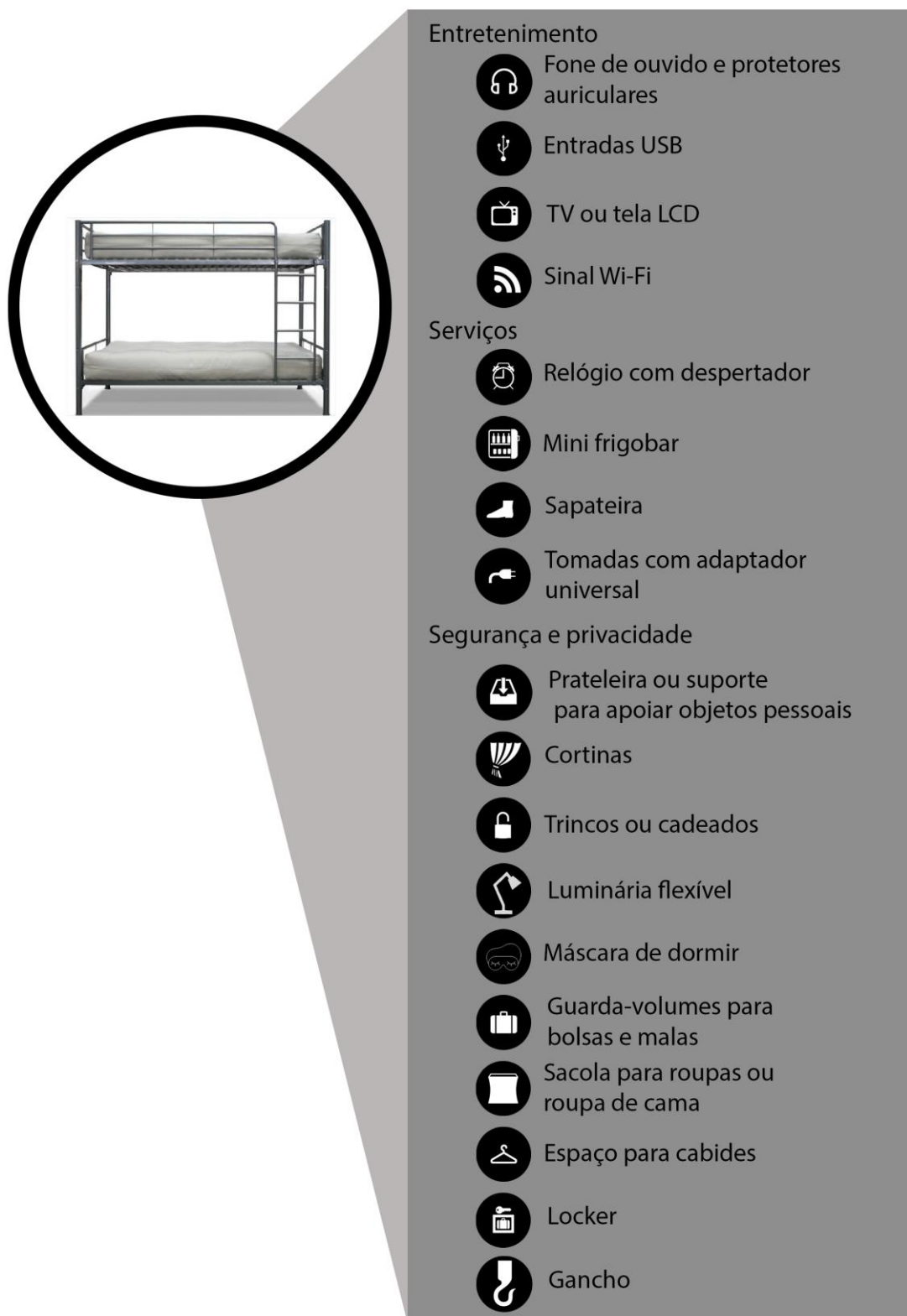
Figura 53: Analogia do habitáculo da cama como unidade habitacional



Fonte: da autora

Com a identificação do beliche como a superpotência ou síntese da manifestação da individualidade em quartos compartilhados, foi possível a elaboração de um diagrama onde estão indicados os elementos essenciais à manutenção e à promoção a individualidade e privacidade no beliche.

Figura 54: Diagrama sínteses dos elementos que marcam a manutenção da individualidade



5.3 A individualidade projetada X subversões do projeto pelo uso

Requena (2007) afirma que: “uma casa abriga um conjunto de códigos próprios e práticas diárias que permite a seus habitantes a identidade necessária para reconhecerem o espaço como seu”. Por mais que um arquiteto ou designer de interiores faça uma exímia e detalhada pesquisa a respeito de seus clientes e em seguida proponha um completo programa de necessidades buscando adequar o projeto a todas as atividades realizadas pelos usuários, muito possivelmente haverá subversões de elementos propostos em projeto. O comportamento do ser humano e sua percepção do espaço projetado são muito particulares e inconstantes e podem variar de acordo com humor ou o clima.

Construímos o meio ambiente utilizando valores objetivos como forma, função, cor, textura, aeração, temperatura ambiental, iluminação, sonoridade, significante e simbologia. Cada um desses valores objetivos resulta no espaço dimensionado, funcional, sonoro, colorido signifiante, e soma deles, no espaço da comunicação e da arquitetura. (OKAMOTO, 2014, p.71)

Okamoto (2014) discorre a respeito destes valores objetivos que pertencem ao projetista, porém considera também a inserção dos valores subjetivos, que fazem parte do comportamento humano no dia a dia. Graças a estes valores subjetivos, ocorrem as subversões dos projetos, por mais individuais que sejam.

Em um quarto compartilhado de hostel é possível garantir a individualidade objetiva, ou seja, oferecer um espaço privado que contenha equipamento de uso individual, que possibilite que um hóspede se isole visualmente dos demais e consiga exercer suas atividades individuais. Porém, o projeto não consegue amenizar por completo odores e sons, por exemplo. Ao se compartilhar um quarto, provavelmente não se sabe quem estará dormindo na cama de cima, se homem ou mulher, de qual religião, e seu idioma e de qual cultura é; todas essas questões podem interferir na maneira como será utilizado o quarto compartilhado.

Verificou-se, durante a pesquisa de campo, que o uso, por vezes, ultrapassa a barreira do projeto inicial e está relacionado às peculiaridades do comportamento humano. Porém, coube à pesquisa apresentar as análises realizadas relativas ao espaço projetado conforme concebido, não considerando as manifestações de apropriação do espaço para além daquilo que foi planejado.

Existem usos e manifestações da individualidade que excedem a relação do homem com o ambiente compartilhado. Por exemplo, um hóspede que sofre de insônia provavelmente se mexerá muito à noite e poderá gerar um barulho como um ranger do beliche. Alguém que tenha algum problema respiratório pode emitir sons como ronco ou respiração ofegante. Existem também os maus odores provenientes de flatulências, dificilmente controláveis. Existem aqueles também que simplesmente esquecem as boas maneiras e deixam sua luz individual acesa ao longo da noite, falam alto, deixam seus objetos pessoais, como chinelo e toalha, espalhados pelo quarto, transgredindo completamente as leis do espaço compartilhado e utilizando-o de maneira indevida, diferente daquela pensada pelo projetista.

Coube à pesquisa olhar para o quarto compartilhado principalmente do ponto de vista do projeto, e não do uso propriamente dito. Por exemplo, foi avaliado o leiaute proposto. Mas, sabemos que, se desejarem, os hóspedes poderão modificá-lo. Portanto, as possíveis modificações e apropriações do espaço, dos mobiliários e dos equipamentos que ultrapassam o projeto, a forma e a ação para os quais foram concebidos, não entraram no escopo da análise.

CONCLUSÃO

Esta dissertação apresentou o relato da pesquisa realizada que buscou discutir a respeito da individualidade no espaço do quarto compartilhado de hostels, e a contribuição do design de interiores na sua manifestação. Focou-se, em um primeiro momento, em uma revisão de literatura direcionada ao entendimento do indivíduo, sua individualidade e os espaços de uso coletivo. A compreensão das diferentes distâncias humanas e a delimitação dos espaços existentes entre um indivíduo e outro. Procurou-se compreender, a seguir, o surgimento do hostel e sua principal característica, que é o compartilhamento do quarto como meio de hospedagem e os diferentes espaços de dormir também compartilhados.

Esta revisão produziu insumos teóricos para a realização da pesquisa de campo realizada em três hostels na cidade do Rio de Janeiro que, através de técnicas de avaliação de pós-ocupação (APO), gerou matrizes de descobertas, que forneceram os dados apresentados no capítulo anterior. Nele, pudemos discutir e confirmar a hipótese de que o design de interiores, por meio das categorias mencionadas anteriormente, indica a manifestação da individualidade no quarto compartilhado, bem como podem potencializá-la.

O presente relato, através das matrizes de descobertas, também apontou recomendações para a preservação da intimidade dos usuários, de forma que possam exercer sua individualidade da melhor maneira possível. Com estas recomendações, foi possível propor um diagrama com a identificação dos elementos e dos equipamentos capazes de promover a individualidade, que compõe o habitáculo configurado pelo espaço da cama no beliche.

A proposição deste diagrama se deu pelas sugestões citadas acima, em que foi possível identificar cada um destes itens como equipamentos que poderiam proporcionar maior conforto ao exercício da individualidade no microcosmo da cama, que foi identificada como o elemento responsável pela manifestação da individualidade dentro do quarto compartilhado de hostel. Tal individualidade pode ser reforçada utilizando-se de recursos que garantam a privacidade, como cortinas que podem ser reguladas pelo próprio usuário, de modo que ele permita ou não ter seu espaço alcançado pelos olhares alheios. São oferecidos equipamentos de uso individual, como luminárias, prateleiras, *signal wi-fi*, mini frigobar, espaço para bagagem, trilhos com cabides para pendurar roupas, ganchos para bolsas, mochilas e toalhas, televisão, fones de ouvido, protetores auriculares descartáveis, máscaras de dormir também

descartáveis, relógio com despertador e entrada usb, sacola de elástico presa a um dos lados para a guarda de roupas e roupa de cama. Além disso, é oferecido espaço suficiente para que o usuário se sente sobre a cama confortavelmente com a intenção de realizar outras atividades, além de espaço exclusivo destinado a guarda de sapatos por beliche.

Constatou-se que o design de interiores, como ciência teórico-prática, tem grande relevância no comportamento humano em espaços compartilhados, onde a elaboração dos ambientes e os recursos propostos pelo projeto para as atividades individuais, mesmo que um espaço de uso coletivo, como é o caso do quarto compartilhado de hostel, é fundamental. O estudo identificou principalmente o microcosmo da cama como o da materialização da individualidade e, a partir disso, poderia ser proposto um modelo ideal. Almejou-se que esta dissertação fornecesse insumos teóricos para projetos de interiores de hostels, e ainda fomentasse a discussão a respeito do design de interiores na condição de responsável por transformar os ambientes a fim de proporcionar melhor qualidade de vida ao ser humano. Portanto, acredita-se que a pesquisa teórica no campo do ambiente construído tem papel fundamental para a evolução e para o melhoramento da prática projetual.

Identificamos a manifestação da individualidade em quartos compartilhados de hostel e ainda compreendemos seus limites e o que cada indivíduo compartilha à sua maneira em função de suas particularidades. As distâncias espaciais que aqui foram discutidas são determinadas por diversos fatores, podendo variar de uma cultura a outra. Portanto, um possível desdobramento para esta pesquisa seria analisar a manifestação da individualidade em quartos compartilhados de hostel a partir de um recorte espacial mais amplo, abrangendo, por exemplo, outros estados e países, ou como analisar a manifestação da individualidade a partir de outros formatos de quarto compartilhados.

Um dos limites desta pesquisa foi analisar a manifestação da individualidade apenas sob o olhar do design de interiores. Cabe a este tema um estudo aprofundado a partir de uma equipe multidisciplinar composta por profissionais da área da psicologia, sociologia, design de interiores, bem como arquitetos e especialistas em ergonomia, a fim de compreender a manifestação e os limites da individualidade em ambientes compartilhados, sob o ponto de vista destas outras ciências, de modo a complementar o estudo e a compreensão da relação entre indivíduo e coletivo.

REFERÊNCIAS

- ALCOS, Carlo. **Matador Network**. 2009. Disponível em: <<http://matadornetwork.com/TRIPS/BOUIQUE-HOSTELS-THE-NEW-BREED/>>. Acesso em: 20 abr. 2016.
- ANDRADE, Nelson; BRITO, Paulo Lucio de; JORGE, Wilson Edson. **Hotel: planejamento**. 5.ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.
- APAJ. **O que são hostels?** [s.d.] Disponível em: <http://www.alberguesp.com.br/site/conteudo.asp?id_subsecao=2&titulo=Conhe%EA>. Acesso em: 14 abr. 2016.
- ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro** 1.ed. São Paulo: Geração Editorial, 2013.
- ARMAZÉM DE DADOS – IPP [s.d.]. Disponível em: <<http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/>>. Acesso em: 24 fev. 2017
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BENI, Mario Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 11.ed. São Paulo: Editora SENAC, 2006.
- BOOTH, Sam; PLUNKETT, Drew. **Mobiliário para o design de interiores**. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.
- BRASIL. Ministério do Turismo. Embratur. **Fundação e estrutura**. [s.d.] Disponível em: <http://www.embratur.gov.br/piembratur/opencms/historia/fundacao_estrutur_a.html>. Acesso em: 19 set. 2015.
- _____. Ministério do Turismo. **Glossário do Turismo**. 2017. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/espaco_academico/glossario/index.html>. Acesso em: 11 out. 2015.
- _____. Ministério do Turismo. **Cadastur tem novos registros de hospedagens alternativas**. 2013. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/turismo/noticias/todas_noticias/20131003-1.html>. Acesso em: 20 set. 2015.
- _____. Ministério do Turismo. **Estudo da demanda turística internacional 2006-2012**. 2013. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/export/sites/default/dadosefatos/demanda_turistica/internacional/download_internacional/Demanda_Turxstica_Internacional_-_Fichas_Sinteses_-_2006-2012_reparado_nota_FOZ.pdf>. Acesso em: 17 set. 2015.
- BROOKER, Graeme; STONE, Sally. **O que é design de interiores?** São Paulo: Senac São Paulo, 2014.
- CARDOSO, Rafaela. **Diferença entre hotel hostel na sua viagem**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.traveliaviagens.com.br/diferenca-entre-hotel-hostel/>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

CHING, Francis D. K.; BINGGELI, Corky. **Arquitetura de interiores ilustrada**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman. 2013.

COELHO NETTO, José Teixeira. Por uma linguagem da Arquitetura In: _____. **A construção do sentido na arquitetura**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

COLES, John; HOUSE, Naomi. **Fundamentos da arquitectura de interiores**. Barcelona: Promopress. 2008.

DEVIDES, Maria Tereza Carvalho. **Design, projeto e produto: o desenvolvimento de móveis nas indústrias do Pólo Moveleiro de Arapongas/PR**. 2006. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Desenho Industrial, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Bauru, 2006.

FERREIRA, Luciene Braz.; TORRECILHA, Nara; MACHADO, Samara Haddad Simões. A técnica de observação em estudos de administração In: XXXVI Encontro da ANPAD. **Anais EnANPAD**. Rio de Janeiro .2012.

GIARETTA, Maria José. **Turismo da juventude**. São Paulo: Manoele, 2003.

GIBBS, Jenny. **Design de interiores: guia útil para estudantes e profissionais**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Lígia; FERREIRA, Marcelo Gitirana; SANTOS, Célio Teodorico dos. Multifuncionalidade aplicada ao projeto de mobiliário para espaços reduzidos. **Estudos em Design (online)**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 1-15, 2015.

GUBERT, Marjorie Lemos. **Design de interiores: a padronagem como elemento compositivo no ambiente contemporâneo**. Dissertação. (Mestrado em Design) Escola de Engenharia. Faculdade de Arquitetura. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2011.

GUZMÁN, Sócrates Jacobo Moquete; JUNIOR, Astor Vieira; SANTOS, Idevaldo José dos; Turismo de experiência: uma proposta para o atual modelo turístico em Itacaré – BA. **CULTUR - Revista de Cultura e Turismo**, Ilhéus (BA), v. 5, n. 1, p. 98-113, 2011.

HALL, Edward. **A dimensão oculta**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

IIDA, I. **Ergonomia: projeto e produção**. 2.ed. São Paulo: Egard Blucher, 2005.

SILVA, Tamiris Martins da; KÖHLER, Rafael Fontan. O mercado de albergues/hostels do Município de São Paulo-Brasil: caracterização e avaliação de estabelecimentos e empreendedores.- **Revista Iberoamericana de Turismo**, Penedo (AL), v. 5, n. 1, p. 54-78, 2015.

LÉLIS, Cecília Marcia Pinto.; Toledo, Patrícia de M. e S. **O Design em hostels no Brasil**. (Monografia). Especialização em Arquitetura de Interiores. Universidade Federal de Juiz de Fora. 2015.

LOJANO, G., ZACCAI, G. A empresa focada no Design. *Revista HSM Management*, nº47, ano 8, novembro e dezembro 2004, p. 98-143.

MARCOS, Cristina Moreira. A reinvenção do cotidiano e a clínica possível nos "Serviços Residenciais Terapêuticos". **Psyché** – Universidade São Marcos, São Paulo, v.VIII, nº14, p.179-190, jul./dez. 2004.

MEDEIROS, Eduarda Aguiar. **Atributos determinantes na escolha de um hostel na Cidade de Porto Alegre**. 2013. 80 f. Monografia (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MORETE, Luiz Carlos. **Origem da Palavra**. 2013. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/albergue/>> Acesso em 20 nov. 2016.

OKAMOTO, Jun. **Percepção ambiental e comportamento: visão holística na arquitetura e na comunicação**. 2.ed. São Paulo: Editora Mackenzie, 2014.

OSWALD, Vivian. **Com vista para o Kremlin: a vida na Rússia pós-soviética**. São Paulo: Editora Globo, 2011.

PEREIRA, Rafael. **De volta para a casa: a vida nas residências terapêuticas e o trabalho dos cuidadores, em Barbacena – MG**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Universidade Federal Fluminense. 2008.

PERROT, Michelle. **História dos quartos**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

PULS, Maurice. **Arquitetura e Filosofia**. 2.ed. São Paulo: Annablume, 2009.

REQUENA, Carlos Augusto Joly. **Habitar híbrido: interatividade e experiência na era da cibercultura**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007.

RIO DE JANEIRO. Prefeitura Rio de Janeiro -. Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro - Riotur (Org.). **Santa Teresa: Charme e bucolismo no bairro preferido dos artistas**. 2010. Disponível em: <<http://prefeitura.rio/web/riotur/exibeconteudo?id=157386>>. Acesso em: 24 mar. 2017.

RIO DE JANEIRO. Instituto Pereira Passos. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. **Bairros Cariocas: Glória**. [s.d.]. Disponível em: <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/index2_bairro.htm>. Acesso em: 06 mar. 2017.

SARAIVA, Ana Vanessa das Neves. **Hostels independentes: o caso de Lisboa**. 2013. 199f. Dissertação (Mestrado em Turismo). Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Estoril, 2013.

SAWAKI, Julia. SAWAKI, Douglas. **Turismo backpacker**. 2013. Disponível em: <<http://www.melevadeleve.com/o-que-e-um-hostel-boutique-e-hostel-design/>> Acesso em 20 abr. 2015.

SBARRA, Marcelo. **Observação incorporada e análise do discurso no contexto do pós-estruturalismo e da pós modernidade: revisão crítica da contribuição do grupo ProLUGAR para a avaliação pós-ocupação e para pesquisa em arquitetura**. Dissertação. (Mestrado em Arquitetura). Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2007.

SEBRAE. **Hostel: perfil dos turistas**. 2015. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/viajantes-solitarios-impulsionam-novo-nicho-para-o-turismo,42aa3374edc2f410VgnVCM1000004c00210aRCRD>> Acesso em 08 fev. 2017.

SEBRAE. **Conceito de design hostel atrai novo mercado consumidor**. [s.d.] Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/voce-sabe-o-que-sao-design-hostels/>> Acesso em 10 set. 2015.

SEBRAE. Conheça o perfil dos turistas de hostels. 2016. Disponível em:<<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/rj/artigos/conheca-o-perfil-dos-turistas-de-hostels,7fe5822dd2552510VgnVCM1000004c00210aRCRD>> Acesso em 04 jan. 2017.

SERAGINI, Lincoln. **Aspectos do design II**. São Paulo: Senai-SP. 2012.

SETUR, Disponível em: <<http://www.rj.gov.br/web/setur>> Acesso em 08 fev. 2016.

SILVA, Tamiris Martins da. ; KÖHLER, André Fontan . O mercado de albergues/hostels do Município de São Paulo - Brasil: caracterização e avaliação de estabelecimentos e empreendedores. **Revista Iberoamericana de Turismo** , v. 5, p. 54-72, 2015.

SIQUEIRA, Cecília Nunes de.; COSTA FILHO, Lourival Lopes . As necessidades dos usuários nos espaços residenciais, na percepção de arquitetos e designers de interiores. **Estudos em Design (Online)**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 36-45, 2015.

SOMMER, Robert. **Espaço pessoal**. São Paulo: Ed. EPU-EDUSP, 1973.

SOUZA, Vilton Soares de; TRICÁRICO, Luciano Torres; ANDRADE, Davi Alysson da Cruz. Percepção ambiental, fenomenologia e alguns conceitos de Bakhtin e seu círculo: em busca de um método interpretativo para mapas mentais na pesquisa em turismo. In: XII Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 2015. Natal/RN. **Anais do Seminário da ANPTUR**. Natal/RN. 2015.

TRAMONTANO, Marcelo. NOJIMOTO, Cynthia. **Design Brasil fim de século: comparação entre compilações nacional e internacional**. São Carlos: Nomads. USP, 2003. Disponível em: <www.nomads.usp.br/documentos/textos/desig_mobiliarios_objetos/db/db.htm>. Acesso em: 25 set. 2016.

TRAMONTANO, M. **Novos modos de vida, novos espaços de morar**: Paris, São Paulo, Tokyo, Tese de Doutorado. São Paulo: FAU-USP, 1998.

TRIGO; Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo básico**. 7.ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

Apêndice I - Declaração de infraestrutura e-mail comprovante – Discovery hostel



Patricia Toledo <ptoledo87@gmail.com>

Declaração

Discovery Hostel <enrique@discoveryhostel.com>
Para: Patricia Toledo <ptoledo87@gmail.com>

7 de março de 2017 17:41

O Patricia
já lhe envio as fotos, aqui vai a declaração
Atenciosamente
Enrique

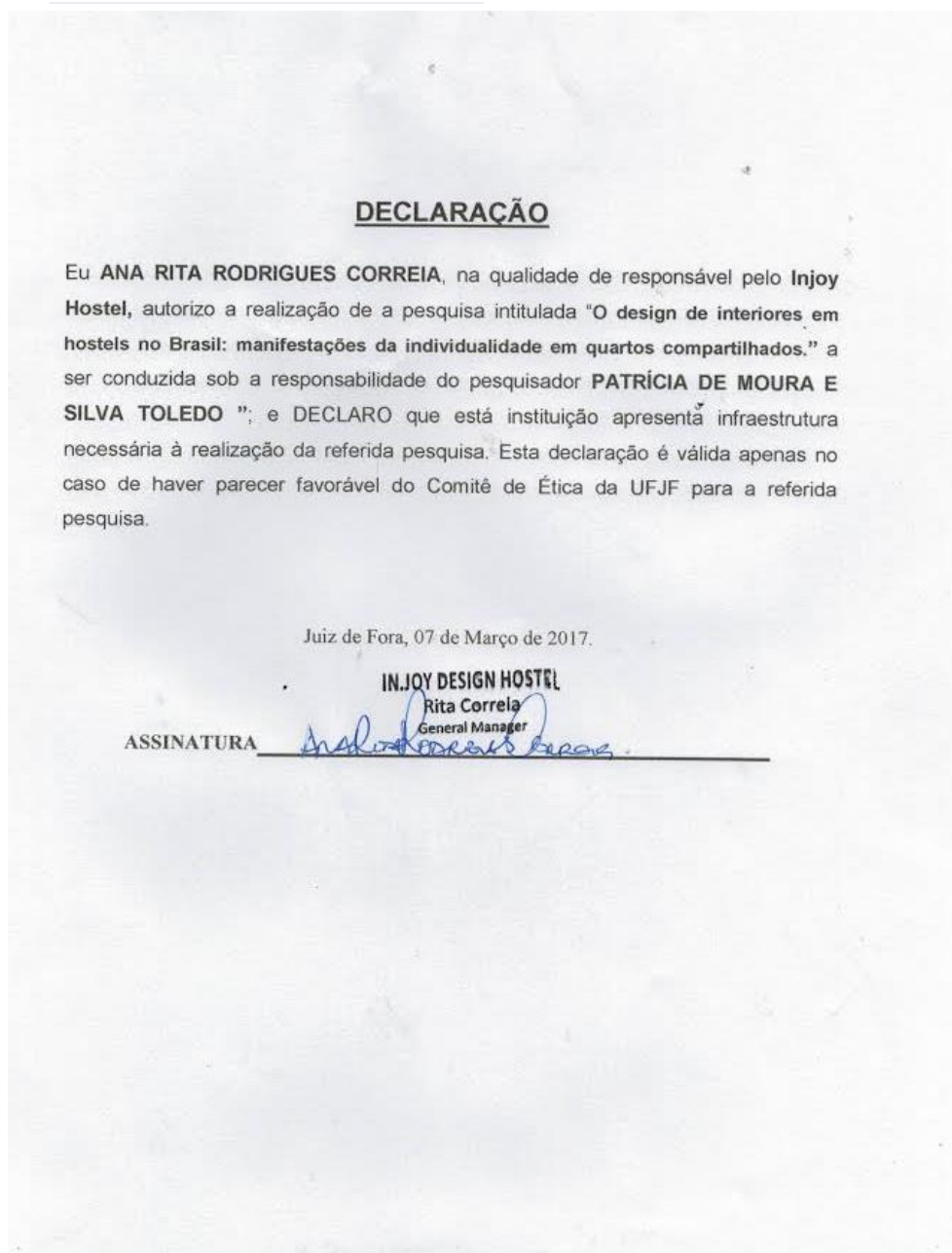
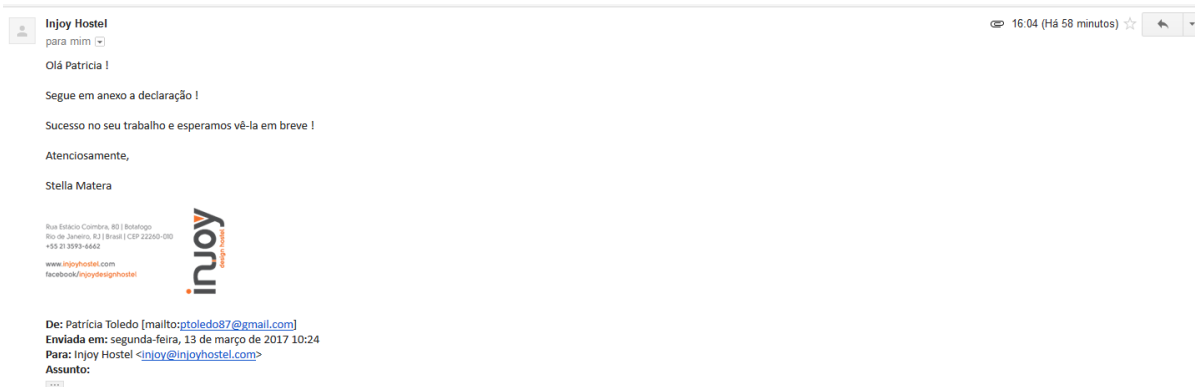
DECLARAÇÃO

Eu **Enrique Ibarra**, na qualidade de responsável pelo **Discovery Hostel**, autorizo a realização de a pesquisa intitulada "**O design de interiores em hostels no Brasil: manifestações da individualidade em quartos compartilhados.**" a ser conduzida sob a responsabilidade do pesquisador **PATRÍCIA DE MOURA E SILVA TOLEDO** "; e DECLARO que esta instituição apresenta infraestrutura necessária à realização da referida pesquisa. Esta declaração é válida apenas no caso de haver parecer favorável do Comitê de Ética da UFJF para a referida pesquisa.

Juiz de Fora, 07 de Março de 2017.

ASSINATURA

Apêndice II - Declaração de infraestrutura e-mail comprovante In.Joyhostel



Apêndice III - Declaração de infraestrutura e-mail comprovante Santa Terê Hostel.

 **SantaTerê Hostel**
para mim
Ola Patricia,
Segue em anexo
Att
Maria
Tel: +55 21 3178.2323
E-mail: contato@santaterehostel.com

11 de mar (Há 2 dias) ☆ ↶ ↷

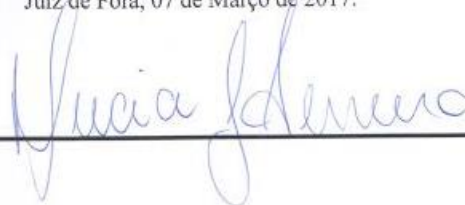
-----Mensagem original-----
De: Patricia Toledo [mailto:ptoledo87@gmail.com]
Enviada em: quinta-feira, 9 de março de 2017 11:06
Para: contato@santaterehostel.com
Assunto:
[xxxx]
Abraços =

DECLARAÇÃO

Eu MARIA LUCIA FERREIRA, na qualidade de responsável pelo **Santa Terê Hostel**, autorizo a realização de a pesquisa intitulada "O design de interiores em hostels no Brasil: manifestações da individualidade em quartos compartilhados." a ser conduzida sob a responsabilidade do pesquisador **PATRÍCIA DE MOURA E SILVA TOLEDO** "; e DECLARO que esta instituição apresenta infraestrutura necessária à realização da referida pesquisa. Esta declaração é válida apenas no caso de haver parecer favorável do Comitê de Ética da UFJF para a referida pesquisa.

Juiz de Fora, 07 de Março de 2017.

ASSINATURA



Apêndice IV - Dispensa TCLE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PRO-REITORIA DE PESQUISA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP/UFJF
36036900 - JUIZ DE FORA - MG - BRASIL

DISPENSA DO TCLE (TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO)

Pesquisador Responsável: Patrícia de Moura e Silva Toledo

Endereço: R. Barão de Cataguases, 399/802

CEP: 36015-370 – Juiz de Fora – MG

Fone: (32) 98823 4077

E-mail: ptoledo87@gmail.com

Solicito a dispensa da aplicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do projeto de pesquisa intitulado “O design de interiores em hostels no Brasil: manifestações da individualidade em quartos compartilhados”, com a seguinte justificativa:
Em pesquisa preliminar com o intuito de:

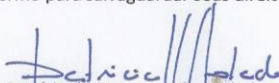
[...] averiguar as condições de possibilidade de realização da pesquisa, incluindo investigação documental e contatos diretos com possíveis participantes, sem sua identificação e sem o registro público e formal das informações assim obtidas; não devendo ser confundidas com “estudos exploratórios” ou com “pesquisas piloto”, que devem ser consideradas como projetos de pesquisas. Incluem-se nas etapas preliminares as visitas às comunidades, aos serviços, as conversas com liderança comunitárias, entre outros;¹

Verificou-se a não necessidade da utilização do recurso das entrevistas estruturadas e não estruturadas optando-se então pela pesquisa encoberta, que segundo a Resolução nº 510/2016, artigo 2º § 15º, a pesquisa encoberta é aquela que é feita sem a identificação do pesquisador bem como a não sendo informado aos participantes sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa. Visto que esta pesquisa busca compreender a manifestação da individualidade nos quartos compartilhados de maneira natural e principalmente quais os elementos do design de interiores são responsáveis pela sua materialização. Ou seja, a pesquisa se trata de descrição do espaço do quarto compartilhado a partir de seu uso a partir do próprio pesquisado. Não havendo menção ou identificação dos outros usuários nos relatórios da pesquisa.

Declaro:

- a) O acesso aos dados será supervisionado por uma pessoa que esteja plenamente informada sobre as exigências de confiabilidade;
- b) Assegurar o compromisso com a privacidade e a confidencialidade dos dados utilizados preservando integralmente o anonimato e a imagem do sujeito bem como a sua não estigmatização.
- c) Assegurar a não utilização as informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico-financeiro;
- d) O pesquisador responsável estabeleceu salvaguardas seguras para confidencialidades dos dados de pesquisa;
- e) Os dados obtidos na pesquisa serão usados exclusivamente para finalidade prevista no protocolo;
- f) Os dados obtidos na pesquisa somente serão utilizados para o projeto vinculado;

Devido à impossibilidade de obtenção do TCLE (Termo de Consentimento Livre Esclarecido) de todos os sujeitos, assino este termo para salvaguardar seus direitos.


Patrícia de Moura e Silva Toledo
Pesquisador responsável

Juiz de Fora 15 de MARÇO de 2017.

¹ BRASIL, Resolução n.º 510, de 07 de abril de 2016. Ética na Pesquisa na área de Ciências Humanas e Sociais: conquista dos pesquisadores. Diário Oficial da União. 24 de maio de 2016., seção 1., p.44-46.